



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADE
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

ALINE DE SOUSA MOURA

**Combate à desinformação nas aulas de Língua Portuguesa: uma proposta de análise de
estratégias textuais de desinformação**

**FORTALEZA-CE
2025**

ALINE DE SOUSA MOURA

Combate à desinformação nas aulas de Língua Portuguesa: uma proposta de análise de
estratégias textuais de desinformação

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras
(PROFLETRAS), da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Sâmia Araújo dos
Santos

Linha de pesquisa: Estudos da Linguagem e
Práticas Sociais

FORTALEZA-CE
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M884c Moura, Aline de Sousa.

Combate à desinformação nas aulas de Língua Portuguesa: uma proposta de análise de estratégias textuais de desinformação / Aline de Sousa Moura. – 2025.

137 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Sâmia Araújo dos Santos.

1. desinformação. 2. estratégias textuais. 3. desordem informacional. 4. intertextualidades. 5. leitura. I. Título.

CDD 400

ALINE DE SOUSA MOURA

COMBATE À DESINFORMAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA
PROPOSTA DE ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS TEXTUAIS DE DESINFORMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sâmia Araújo dos Santos

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Aurea Sueley Zavam

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

À Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*).

RESUMO

Os estudantes do Ensino Fundamental são bombardeados por informações que recebem via mídias sociais, plataformas que se tornaram o principal meio pelo qual os jovens se informam, e parte desse conteúdo é construído intencionalmente para promover desinformação. Diante desse cenário, é necessário alertar os estudantes, ainda no Ensino Fundamental, para que eles percebam as estratégias de desinformação utilizadas em conteúdos compartilhados nas mídias sociais; alerta que está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular. Para isso, esta pesquisa promove o combate à desinformação nas aulas de Língua Portuguesa a partir do estudo de estratégias textuais de desinformação utilizadas em textos que passaram por análise da agência de checagem Aos Fatos. Seu objetivo geral é elaborar uma proposta pedagógica para capacitar os alunos do 9º ano a analisar criticamente as estratégias textuais de desinformação, apresentando os seguintes objetivos específicos: investigar como as intertextualidades são mobilizadas para desinformar o interlocutor, seguindo o conceito de intertextualidades de Carvalho (2018) e Cavalcante et al (2022); discutir concepções de desinformação, a partir de Wardle e Derakhshan (2017) e Rêgo e Paulino (2022); avaliar o desempenho de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental diante de intervenção pedagógica para identificar estratégias textuais de desinformação. As estratégias textuais de desinformação concebidas por esta pesquisa são mimese, imprecisão e adulteração. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, processo de investigação-ação, realizada como intervenção pedagógica em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual, por meio de debates sobre desinformação e direito à comunicação e de atividades de leitura sobre os tipos de intertextualidade e sobre as estratégias textuais de desinformação propostas nesta pesquisa. A partir das análises dos dados, pode-se concluir que os estudantes apresentaram uma sistematização da percepção das estratégias utilizadas na construção dos textos de desinformação.

Palavras-chave: desinformação; estratégias textuais; desordem informacional; intertextualidades; leitura.

ABSTRACT

Middle School students are bombarded with information they receive via social media, platforms that have become the primary means by which young people obtain information, and some of this content is intentionally constructed to promote misinformation. Given this scenario, it is necessary to alert students, while still in Middle School, so they are aware of the misinformation strategies used in content shared on social media; this alert is in line with the National Common Core Curricular. To this end, this research promotes the fight against misinformation in Portuguese language classes by studying textual misinformation strategies used in texts analyzed by the fact-checking agency Aos Fatos. The overall objective is to develop a pedagogical proposal to enable 9th-grade students to critically analyze textual disinformation strategies. Its specific objectives are: to investigate how intertextualities are mobilized to misinform the interlocutor, following the concept of intertextualities proposed by Carvalho (2018) and Cavalcante et al. (2022); to discuss conceptions of disinformation, based on Wardle and Derakhshan (2017) and Rêgo and Paulino (2022); and to evaluate the performance of 9th-grade students in response to a pedagogical intervention to identify textual disinformation strategies. The textual disinformation strategies identified in this research are mimesis, imprecision, and adulteration. The methodology used was action research, a process of investigation-action, carried out as a pedagogical intervention in a 9th-grade class at a state public school. It involved discussions on disinformation and the right to communication, as well as reading activities on the types of intertextuality and textual strategies for disinformation proposed in this research. Based on data analysis, it can be concluded that the students demonstrated a systematized perception of the strategies used in constructing disinformation texts.

Keywords: misinformation; textual strategies; information disorder; intertextualities; reading.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Classificação das intertextualidades	32
Figura 2 - Desordem Informacional	34
Figura 3 - Exemplo de Contexto Falso	35
Figura 4 - Exemplo de Conteúdo Impostor	35
Figura 5 - Exemplo de Conteúdo Manipulado	36
Figura 6 - Exemplo de Conteúdo Fabricado	37
Figura 7 - Tipos de Mis- e Desinformação	37
Figura 8 - Características da Desinformação	39
Figura 9 - Exemplo de Mimese	43
Figura 10 - Exemplo de Imprecisão	44
Figura 11 - Exemplo 1 de Adulteração	45
Figura 12 - Exemplo 2 de Adulteração	46
Figura 13 - Preenchimento do Questionário Diagnóstico na Sala de Informática	52
Figura 14 - Realização da oficina Direito à Comunicação e Desinformação	53
Figura 15 - Tirinha da Turma da Mônica	73
Figura 16 - Charge do cartunista Paixão	75
Figura 17 - Reprodução do Quadro O Grito de Edvard Munch	75
Figura 18 - Exemplo de Mimese em anúncio falso	78
Figura 19 - Exemplo de Mimese em notícia falsa	80
Figura 20 - Exemplo de Imprecisão com fotografia real	83
Figura 21 - Exemplo de Imprecisão com reportagem real	86
Figura 22 - Exemplo de Adulteração com uso de edição de vídeo	88
Figura 23 - Exemplo de Adulteração com uso de Inteligência Artificial	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Acesso a informações on-line	16
Gráfico 2 - Faixa Etária dos Participantes da Pesquisa	51
Gráfico 3 - Você acessa a Internet por meio de quais dispositivos?	60
Gráfico 4 - Que tipo de Internet você tem acesso?	62
Gráfico 5 - Em quais locais você tem acesso à Internet?	63
Gráfico 6 - Com qual frequência você acessa a Internet?	63
Gráfico 7 - Quando você precisa de alguma informação, onde você procura?	64
Gráfico 8 - Qual o principal meio pelo qual você tem acesso a notícias?	65
Gráfico 9 - Você verifica as informações que chegam a você pelas redes sociais?	65
Gráfico 10 - Você verifica se uma informação é verdadeira antes de compartilhar com outras pessoas?	66
Gráfico 11 - Você já compartilhou uma informação sem saber se era verdadeira e depois descobriu que era falsa?	66
Gráfico 12 - Você acredita em tudo que é compartilhado na Internet	69
Gráfico 13 - Você já foi vítima de alguma notícia falsa?	69
Gráfico 14 - Você compartilha todos os detalhes da sua vida nas redes sociais?	70
Gráfico 15 - Você já se sentiu vigiado, como se alguém tivesse acesso às suas conversas e atividades realizadas pelo celular?	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estratégias Textuais de Desinformação	42
Quadro 2 - Pesquisa-ação	48
Quadro 3 - Como você faz para saber se uma notícia é verdadeira ou falsa?	67
Quadro 4 - Análise da intertextualidade na letra música Monte Castelo	72
Quadro 5 - Análise da intertextualidade na tirinha da Turma da Mônica	74
Quadro 6 - Análise da intertextualidade na charge O grito no supermercado	76
Quadro 7 - Análise de Mimese em um anúncio falso	79
Quadro 8 - Análise de Mimese em uma notícia falsa	81
Quadro 9 - Análise de Imprecisão com uma fotografia real	83
Quadro 10 - Análise de Imprecisão com uma reportagem real	86
Quadro 11 - Análise de Adulteração com uso de edição de vídeo	88
Quadro 12 - Análise de Adulteração com uso de Inteligência Artificial	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
IFCN	International Fact-Checking Network
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais
MIT	Instituto de Tecnologia de Massachusetts
PROFLETROS	Mestrado Profissional em Letras
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
2.1 As intertextualidades	25
2.2 Desordem Informacional	33
2.3 Categorias de análise	40
2.3.1 Mimese	42
2.3.2 Imprecisão	44
2.3.3 Adulteração	45
3 METODOLOGIA	48
3.1 Contexto da pesquisa	50
3.2 Descrição da geração de dados	51
3.3 Descrição da análise dos dados	60
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	61
4.1 Questionário Diagnóstico	61
4.2 Material Didático sobre Intertextualidades	71
4.3 Material Didático sobre Estratégias Textuais de Desinformação	78
4.3.1 Mimese	78
4.3.2 Imprecisão	82
4.3.3 Adulteração	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
APÊNDICE A - CADERNO PEDAGÓGICO	101
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO	131
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	134

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar como desenvolver o combate à desinformação no ambiente escolar é importante porque se trata de uma problemática muito recorrente, tendo sérias consequências para a democracia brasileira e para a vida em sociedade. Como componente essencial desse processo, tem-se a leitura e compreensão textual de textos de desinformação como ferramenta para levar os alunos a refletir sobre o fenômeno da desinformação e, dentro desse fenômeno, as tentativas de manipulação da verdade por meio de estratégias textuais. Por isso, esta pesquisa se propõe a aplicar uma intervenção pedagógica com uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental para ensiná-los a perceber como as intertextualidades são mobilizadas em textos digitais nativos para promover a desinformação. Em suma, como a manipulação da verdade ocorre através da linguagem.

A proposta apresentada nesta dissertação está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo da Educação Básica, o qual afirma que os docentes devem estimular os estudantes a “refletir criticamente sobre a fidedignidade das informações, as temáticas, os fatos, os acontecimentos, as questões controversas presentes nos textos lidos” (Brasil, 2017, p. 73). A BNCC define aprendizagens essenciais que devem assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais. Conforme se pode verificar a seguir, a competência n. 5 dialoga diretamente com essa questão.

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2017, p 9)

A BNCC da área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Fundamental prioriza quatro campos de atuação social: o campo das práticas de estudo e pesquisa; o campo jornalístico-midiático; o campo de atuação na vida pública; e o campo artístico-literário (Brasil, 2017). O campo jornalístico-midiático caracteriza-se pela circulação dos textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo cruzamento entre discursos jornalísticos, políticos e publicitários. A exploração de textos desse campo permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo. Sobre a disseminação de *fake news*, a BNCC observa:

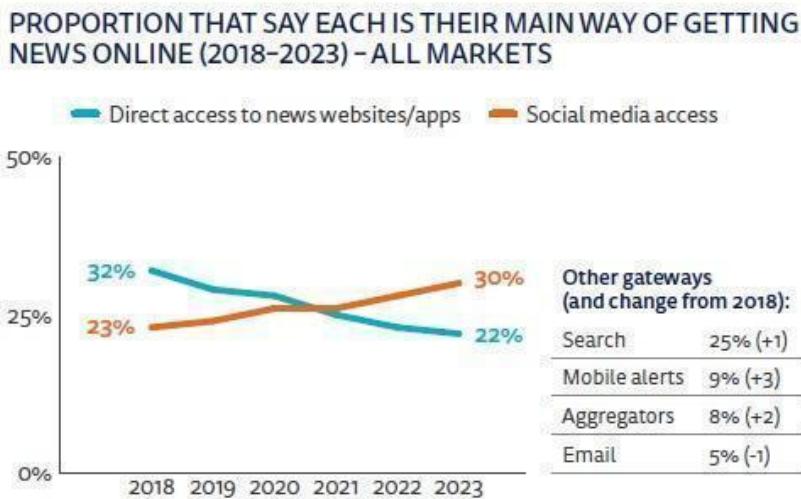
A questão da confiabilidade da informação, da proliferação de *fake news*, da manipulação de fatos e opiniões tem destaque, e muitas das habilidades se relacionam com a comparação e análise de notícias em diferentes fontes e mídias, com análise de sites e serviços checadores de notícias e com o exercício da curadoria, estando previsto o uso de ferramentas digitais de curadoria. A proliferação do discurso de ódio também é tematizada em todos os anos e habilidades relativas ao trato e respeito com o diferente e com a participação ética e respeitosa em discussões e debates de ideias são consideradas. [...] Trata-se de promover uma formação que faça frente a fenômenos como o da pós-verdade, o efeito bolha e proliferação de discursos de ódio, que possa promover uma sensibilidade para com os fatos que afetam drasticamente a vida de pessoas e prever um trato ético com o debate de ideias. (Brasil, 2017, p. 136 e 137)

No campo jornalístico-midiático, a BNCC indica ainda a seguinte habilidade, que deve ser desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental:

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc. (Brasil, 2017, p. 177).

Para entender como a desinformação opera entre os estudantes, os docentes devem refletir sobre como se vive em uma era na qual há uma enorme desconfiança das instituições tradicionais, incluindo a imprensa, e como as mídias sociais medeiam vários aspectos da vida em sociedade. A maneira como o público acessa informações foi transformada por esses dois aspectos. Cada vez mais as pessoas se informam por meio de redes sociais. Além disso, cada vez menos jornalistas e empresas jornalísticas tradicionais são fontes primárias de informações. É o que confirma a pesquisa Digital News Report 2023, da Reuters Institute, que entrevistou pessoas de 46 países de seis diferentes continentes. Conforme o relatório da Reuters (2023), apenas 22% dos entrevistados iniciam sua busca por informações por meio de portais de notícias. Em 2018, o percentual era de 32%, o que demonstra uma queda significativa de pessoas que têm esse hábito. Por outro lado, 30% dos entrevistados, principalmente os mais jovens, preferem se informar por meio de mídias sociais, o que em 2018 representava apenas 23%, como informa o gráfico a seguir:

Gráfico 1. Acesso à informações on-line.



Fonte: Reuters Institute (2023).

Outro fator preocupante apontado pela pesquisa é o fato de os entrevistados terem celebridades e *influencers* como principal fonte de informações nessas mídias sociais, principalmente no Instagram e no TikTok, que nos últimos anos ampliaram seu número de usuários e são as redes mais utilizadas pelo público jovem. Entre os usuários do Instagram e do TikTok, respectivamente, 52% e 55% dos entrevistados têm celebridades e *influencers* como fonte de notícias. Apenas no Facebook e no Twitter, jornalistas e empresas jornalísticas tradicionais se mantêm à frente na disputa por atenção do público com, respectivamente, 43% e 55%, seguidos de celebridades e *influencers* com 38% e 43%.

A partir do que foi exposto, pode-se afirmar que os estudantes do Ensino Fundamental são bombardeados cotidianamente por informações que recebem via mídias sociais. Além disso, essas plataformas se tornaram o principal meio pelo qual os jovens se informam, e celebridades com milhões de seguidores ocupam espaço de *gatekeepers*, selecionando o que ganhará ou não notoriedade, função antes ocupada pela mídia tradicional. De acordo com Irelton (2019), a sociedade atual funciona em um contexto no qual qualquer pessoa pode ser um editor e as informações circulam de forma gratuita e em alta velocidade nas plataformas. Com isso, as pessoas enfrentam uma batalha para discernir fatos de mentiras. “Há um regime de cinismo e desconfiança. Visões extremas, teorias da conspiração e o populismo florescem; as verdades e instituições outrora aceitas são questionadas. [...] as redações lutam para reivindicar e desempenhar seu papel histórico de guardiões do portão” (Irelton, p. 35, 2019).

Diante desse cenário, é fundamental preparar os estudantes ainda no Ensino Fundamental para que saibam checar informações e percebam as estratégias de desinformação utilizadas em conteúdos compartilhados nas mídias sociais. É essencial que os estudantes entendam a desinformação como resultado de ações orquestradas para a manipulação da opinião pública.

Algumas pesquisas da área de Comunicação se interessam em procurar estratégias de combate à desinformação na Educação. Barbieri (2021) investigou se professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental dos anos finais podem inserir *fake news* em práticas educativas com o propósito de desenvolver habilidades midiáticas em sala de aula. Barbieri (2021) fez um levantamento na plataforma Scielo em busca de trabalhos que abordassem notícias falsas. A maioria dos trabalhos encontrados nessa plataforma estão relacionados à área da saúde, o que demonstra uma lacuna de pesquisas sobre como abordar notícias falsas na área da Educação. O foco da pesquisa de Barbieri (2021) foram os professores, por isso a pesquisadora buscou analisar como os professores identificam *fake news* e como relacionam as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para isso, aplicou questionário com 122 professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental dos anos finais de todas as regiões do Brasil. Os resultados demonstraram que a maioria dos professores tem conhecimentos sobre como fazer verificação de informação on-line, está disposta a desenvolver educação midiática em sala de aula e consegue relacionar essa temática com as habilidades da BNCC.

Alencar (2021), por sua vez, investigou se a relação do professor com a informação na sua cotidianidade é o que determina a forma e a profundidade da abordagem do tema da desinformação na sala de aula. Alencar realizou entrevistas de profundidade com 18 professores da Rede Municipal de Ensino de Niterói (RJ) e concluiu que a relação dos professores entrevistados com a informação ainda se dá de maneira mais utilitária do que crítica, pois revelou-se que as suas fontes de informação eram limitadas e as redes sociais funcionavam como atalhos para eles encontrarem uma informação. Com isso, demonstrou que nem todos os professores estão aptos para enfrentar o desafio de falar sobre desinformação na sala de aula e, apesar de muitos estarem se orientando, essa busca por conhecimentos ainda é uma atitude que tem que partir do próprio professor, o que demonstra uma lacuna de iniciativas institucionais para promover formações sobre essa temática. Por outro lado, esta pesquisa diferencia-se dos estudos de Alencar (2021) e Barbieri (2021), que investigam a relação do professor com a desinformação e o uso de *fake news* como prática educativa, respectivamente. Ao contrário desses autores, que se concentram principalmente no papel do

professor, esta pesquisa é centrada na capacitação dos alunos, especificamente por meio do desenvolvimento de uma proposta pedagógica focada na análise crítica das estratégias textuais de desinformação utilizadas em textos digitais nativos.

Faria (2021) buscou identificar como os jovens brasileiros estudantes de escolas públicas interagem com as informações e desinformações tendo como princípio a convergência. O pesquisador aplicou questionários em escolas públicas do Estado de São Paulo. Inicialmente, a proposta seria aplicar também em escolas particulares do mesmo estado, mas as gestões dessas escolas não autorizaram a aplicação por considerarem que o tema desinformação era muito delicado para se abordar. A pesquisa demonstrou que os estudantes apresentam dificuldade de entender o papel do jornalismo na sociedade, que pode ser associada ao distanciamento da educação com a prática jornalística. Faria (2021) defende que a aproximação entre a educação e os meios de informação pode promover uma melhor compreensão por parte dos estudantes sobre a linha tênue entre informações produzidas pelo jornalismo e outros tipos de conteúdo. Diferentemente de Faria (2021), que examina a interação dos jovens com a desinformação através do conceito de convergência, esta pesquisa se baseia nas concepções de desinformação propostas por Wardle e Derakhshan (2017) e Rêgo e Paulino (2022), aplicando essas teorias para desenvolver uma intervenção pedagógica específica. Esse enfoque teórico-metodológico oferece uma nova perspectiva sobre como a desinformação pode ser combatida no ambiente escolar, algo que ainda não foi explorado em profundidade pelos estudos anteriores.

Na área da Linguística, Santiago (2021) analisou a prática discursiva de desinformação de anúncios digitais falsos, considerando a produção, a distribuição e o consumo de textos em mídias sociais, tendo como base teórica a Análise Crítica do Discurso (ACD). Com base na interpretação de dados, Santiago (2021) apresentou as seguintes estratégias de dissimulação presentes nesses anúncios falsos: imitação das características prototípicas da publicidade; escolhas lexicais que criam a ideia de facilidade/rapidez; promessa de ofertas promocionais/brindes que nunca serão cumpridas/entregues; compartilhamento de links que poderão efetivar golpes digitais e prejudicar os usuários. O pesquisador sugere ainda que os efeitos sociais causados pelo consumo de anúncios digitais falsos promovem em alguns usuários a ideia de que o digital não é um ambiente confiável e que os usuários não podem mais realizar transações online por causa da desonestidade existente nesses ambientes. Além disso, ele ressalta que prevalece a culpabilização das vítimas desses golpes através do uso de termos chulos. Santiago (2021) concluiu que o aspecto educacional é muito importante no combate à difusão desenfreada de textos falsos e,

para isso, letramentos digitais específicos e leitura crítica da situação que se vivencia são necessários. “As escolas necessitam trazer o assunto para debate em sala de aula, eventos ou palestras, de forma que os estudantes consigam identificar as práticas desinformativas quando navegam em suas redes” (Santiago, 2021, p. 126).

Rosa (2022), por sua vez, analisou textos que veiculam *fake news* para verificar que elementos linguístico-discursivos as constituem e se há elementos que apontam para o surgimento de um novo gênero discursivo, também tendo como base teórico-metodológica principal a ACD. Rosa concluiu que *fake news* são formadas pelo hibridismo de gêneros com recursos multimodais e buscam disseminar ideologia por meio de um poder hegemônico a partir de técnicas de controle da opinião pública. Assim como Santiago (2021) e Rosa (2022), esta pesquisa também se preocupa em analisar os mecanismos linguístico-discursivos que sustentam a desinformação. Contudo, enquanto Santiago (2021) foca na prática discursiva de desinformação em anúncios digitais falsos, este trabalho expande essa análise para o contexto educacional, investigando como essas estratégias discursivas podem ser identificadas e desconstruídas por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Por outro lado, Colares (2023) investigou a construção do ponto de vista nas práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro, por meio do uso de redes referenciais, com foco na introdução referencial e na recategorização, tendo a Linguística Textual como referencial teórico. Conforme o pesquisador, os textos que propagam informações falsas transitam por diversos espaços e redes e buscam passar a desinformação para o maior número de pessoas para atender determinados objetivos políticos e econômicos. “[...] as fake news embora busquem se apresentar enquanto textos informativos, o fazem recorrendo ao sensacionalismo, tratando de temas importantes como a saúde e a política, a partir de uma perspectiva polêmica” (Colares, 2023, p. 127). No entanto, Colares (2023) não investiga como abordar esses fenômenos no ambiente escolar, como pretendemos fazer nesta investigação.

Uma pesquisa que propõe descobrir como desenvolver de forma prática o combate à desinformação dentro da sala de aula, sendo realizada pela própria professora de Língua Portuguesa da turma por meio do Mestrado Profissional em Letras¹ (ProfLetras), além de relevante, é também inovadora. O diálogo construído entre o campo da Linguística e da

¹ É importante frisar que durante o andamento desta pesquisa, outras pesquisas sobre desinformação foram defendidas no âmbito do ProfLetras. Costa (2023), Santos (2023) e Lima (2024) defenderam suas dissertações respectivas nas unidades do programa sediadas nas Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade do Estado da Bahia e Universidade Estadual do Ceará, trazendo enormes contribuições para o combate à desinformação na prática docente.

Comunicação demonstra a importância desta pesquisa para a formação de leitores críticos que possam exercer sua cidadania de forma efetiva. Conforme Rêgo e Paulino (2022), para combater a desinformação são necessárias “medidas educomunicativas com práticas de literacia ou alfabetização mediática que alcancem toda a comunidade escolar [...], fomentando orientações e práticas que contribuam para que os públicos consigam separar o joio do trigo e escolham o trigo” (Rêgo; Paulino, 2022, p. 45).

Por isso, esta pesquisa se propõe a promover o combate à desinformação nas aulas de Língua Portuguesa a partir do estudo de estratégias textuais de desinformação em textos que passaram por análise da agência de checagem Aos Fatos. O objetivo geral desta pesquisa é elaborar uma proposta pedagógica para capacitar os alunos do 9º ano a analisar criticamente as estratégias textuais utilizadas em textos digitais nativos que promovem desinformação. A partir disso, esta pesquisa propõe os seguintes objetivos específicos: investigar como as intertextualidades são mobilizadas para desinformar o interlocutor em textos digitais nativos; discutir concepções de desinformação, a partir de Wardle e Derakhshan (2017) e Rêgo e Paulino (2022); avaliar o desempenho de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental diante de intervenção pedagógica para identificar estratégias textuais de desinformação presentes em textos digitais nativos.

Para desenvolver uma proposta pedagógica para capacitar os alunos do 9º ano a analisar criticamente as estratégias textuais utilizadas em textos digitais nativos que promovem desinformação, esta pesquisa estará ancorada no conceito de desordem informacional, de Wardle e Derakhshan (2017); no estudo sobre desinformação de Rêgo e Paulino (2022); e no conceito de Intertextualidades, defendido pelo grupo Protexo, por meio da tese de Carvalho (2018) e do livro *Linguística Textual: conceitos e aplicações*, de Cavalcante et al (2022).

Claire Wardle, PhD em Comunicação, é considerada internacionalmente como líder no campo da desinformação, verificação e conteúdo gerado pelo usuário, sendo coautora, junto com Hossein Derakhshan, do relatório fundamental *Information Disorder: An interdisciplinary Framework for Research and Policy*, encomendado pelo Conselho da Europa. Neste relatório, Wardle e Derakhshan (2017) definem o conceito de desordem informacional, dentro do qual observa-se três tipos de manifestação dessa desordem: *misinformation*, *disinformation* e *malinformation*. Dentre os três tipos, *disinformation* é aquele conteúdo falso propagado intencionalmente para causar dano. Wardle e Derakhshan (2017) propõem quatro categorias para desinformação: falso contexto, conteúdo impostor, conteúdo manipulado e conteúdo fabricado.

Fundado pela professora Mônica Magalhães Cavalcante em 2002 e liderado pela professora Mariza Angélica Paiva Brito, o grupo PROTEXTO é de extrema relevância para os avanços dos estudos da Linguística Textual no Brasil, com mais de 20 anos de existência. O grupo defende que o texto é um enunciado multimodal completo, único e irrepetível, que se conclui como unidade de comunicação e que é reconhecível por sua unidade de coerência em contexto sócio-histórico.

A partir da fundamentação apontada, esta pesquisa propõe as seguintes categorias de estratégias textuais de desinformação em textos digitais nativos: mimese; imprecisão; e adulteração. Essas categorias, concebidas por esta pesquisa durante a realização do ProfLetras, foram aplicadas pedagogicamente em sala de aula para aumentar a compreensão dos alunos sobre a desinformação em textos digitais nativos.

Na aplicação das categorias concebidas e propostas por esta pesquisa, serão utilizados em sala de aula textos analisados pela agência Aos Fatos, uma agência de checagem de fatos brasileira. Em sua política editorial, a agência Aos Fatos se define como “uma organização jornalística dedicada ao combate à desinformação e à promoção de um debate público baseado em fatos verificáveis”, tendo como missão preservar a integridade da informação no ambiente digital. De acordo com Becker (2019), entende-se a checagem de fatos como o processo de escolher um discurso ou informação de conhecimento público e buscar dados, pesquisas e estatísticas que possam comprovar ou desacreditar esse conteúdo por meio de critérios jornalísticos de apuração e checagem especializados. A escolha de textos já avaliados por uma das mais importantes agências de checagem do país se dá para garantir imparcialidade por parte da pesquisadora em relação ao que será considerado desinformação nesta pesquisa. Todos os textos apresentados passaram por checagem de fatos com metodologia de apuração adotada pela agência Aos Fatos, certificada anualmente desde 2017 pela IFCN (International Fact-Checking Network), sediada no Instituto Poynter, nos Estados Unidos. As checagens indicam as fontes empregadas e descrevem como a verificação foi conduzida. São a partir de falas de autoridades e personalidades influentes e de boatos e demais conteúdos de interesse público que viralizam nas mídias digitais e possuem o risco de serem mentiras. A partir da checagem, o conteúdo analisado recebe um dos três tipos de selos adotados pela agência: FALSO, NÃO É BEM ASSIM e VERDADEIRO. A agência Aos Fatos define da seguinte forma cada um dos três selos:

- FALSO: Ao menos duas fontes primárias, além de dados e fatos passados, apontam o oposto ao que a informação pretende afirmar.

- NÃO É BEM ASSIM: A informação verificada está fora de contexto, foi inflada ou alterada, contradiz declarações passadas, carece de fontes e, sobretudo, tem como finalidade induzir a uma compreensão equivocada da realidade factual.
- VERDADEIRO: O cerne do tema checado é condizente com os fatos reportados por fontes primárias idôneas e não carece de contextualização para se mostrar correto.

Esta pesquisa pretendeu construir uma proposta de análise da desinformação que seja didática e compatível com o nível de aprendizagem dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, com os quais esta pesquisa será realizada. Por meio de oficinas, os estudantes conhecerão as estratégias textuais de desinformação e poderão realizar eles próprios as análises, além de conhecer o processo de checagem de informação por meio da leitura de pareceres emitidos pela agência Aos Fatos. As peças que serão utilizadas nas oficinas serão de diferentes gêneros textuais, com aspectos multimodais e multissemióticos, pois a desinformação ocorre em gêneros textuais, modalidades e semioses diversas.

Os estudantes do Ensino Fundamental são bombardeados cotidianamente por informações que recebem via mídias sociais. Além disso, essas plataformas se tornaram o principal meio pelo qual os jovens se informam. Celebridades com milhões de seguidores ocupam o espaço de *gatekeepers*, selecionando o que ganhará ou não notoriedade, função antes ocupada pela mídia tradicional. Parte desse conteúdo é construído para promover desinformação e manipular a opinião pública em uma guerra de narrativas em várias temáticas sociais. Diante desse cenário, é fundamental alertar os estudantes ainda no Ensino Fundamental para que eles saibam checar informações e percebam as estratégias de desinformação utilizadas em conteúdos compartilhados nas mídias sociais. É essencial que os estudantes entendam a desinformação como resultado de ações orquestradas para a manipulação da opinião pública. Diante do exposto, esta pesquisa apresenta os questionamentos listados a seguir.

1. Como uma proposta pedagógica pode capacitar os alunos do 9º ano a analisar criticamente as estratégias utilizadas em textos digitais nativos que promovem desinformação?

A hipótese para essa pergunta é a de que uma proposta pedagógica estruturada e focada em análise crítica pode melhorar significativamente a capacidade dos alunos do 9º ano

de identificar e desconstruir as estratégias textuais de desinformação em textos digitais nativos.

2. De que maneira as intertextualidades são utilizadas como recursos argumentativos em textos digitais nativos na construção de desinformação, e como elas podem ser identificadas pelos alunos?

A hipótese proposta para responder essa pergunta é a de que as intertextualidades desempenham um papel fundamental na construção de desinformação em textos digitais nativos, utilizando alusões, referências e contextos familiares para manipular a percepção dos leitores, e podem ser eficazmente identificadas por alunos treinados.

3. Quais são as principais concepções de desinformação, conforme discutidas por Wardle e Derakhshan (2017), e Rêgo e Paulino (2022), e como essas concepções podem ser aplicadas na análise de textos digitais nativos?

A hipótese levantada por essa pesquisa em relação a essa pergunta é a de que as concepções de desinformação, conforme desenvolvidas Wardle e Derakhshan (2017) e Rêgo e Paulino (2022), fornecem uma base teórica sólida para a análise crítica de textos desinformativos e podem ser aplicadas pedagogicamente para aumentar a compreensão dos alunos sobre a manipulação em textos digitais nativos.

4. Qual o impacto de uma intervenção pedagógica no desenvolvimento das habilidades dos alunos do 9º ano para identificar e analisar criticamente as estratégias textuais de desinformação?

A hipótese final é a de que a intervenção pedagógica planejada resultará em um aumento significativo na habilidade dos alunos do 9º ano para identificar, analisar criticamente e responder de maneira informada às estratégias textuais de desinformação em textos digitais nativos.

Além deste primeiro capítulo introdutório, esta dissertação é dividida em outros quatro capítulos: Fundamentação Teórica; Metodologia; Análise e Discussão dos Dados; e Considerações Finais. Na Fundamentação Teórica, apresentam-se as duas bases teóricas que compõem a estrutura deste trabalho: a Linguística Textual, com o conceito de

Intertextualidades; e os estudos sobre Desordem Informacional. No capítulo de Metodologia, há a descrição das características da pesquisa; o relato do passo-a-passo da aplicação da pesquisa em sala de aula; e a explicação dos procedimentos de geração e análise de dados. No capítulo de Análise e Discussão dos Dados, por sua vez, serão analisadas respostas de participantes da pesquisa ao Questionário Diagnóstico e às atividades de leitura e interpretação de textos de desinformação retirados no site da agência Aos Fatos. Nas Considerações Finais, foram avaliados os avanços dos alunos em relação à percepção das estratégias textuais de desinformação. Além disso, há as Referências Bibliográficas e o Apêndice A com o Caderno Pedagógico.

No próximo capítulo, será feita uma breve apresentação dos conceitos de leitura, texto e língua para três diferentes perspectivas, com destaque para a perspectiva na qual esta pesquisa se enquadra: a interacionista. Partindo da diferenciação do conceito de dialogismo, serão apresentadas diferentes visões da intertextualidade até chegar ao conceito de Intertextualidades, defendido pelo grupo PROTEXTO, por meio da tese de Carvalho (2018) e do livro Linguística Textual: conceitos e aplicações, de Cavalcante et al (2022). Em seguida, será desenvolvido o conceito de desordem informacional, de Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017), com os tipos de desinformação; e o estudo sobre desinformação de Rêgo e Paulino (2022). Por fim, serão apresentadas as três estratégias de desinformação concebidas por esta pesquisa: mimese, imprecisão e adulteração.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar a proposta de categorias de estratégias textuais utilizadas para promover desinformação, será discutido o que a literatura traz em relação a dois tópicos principais: as intertextualidades e a desordem informacional. Como será discutido a seguir, as discussões sobre as Intertextualidades estão no arcabouço teórico da Linguística Textual. As Intertextualidades são recursos fundamentais na construção da desinformação, funcionando como um mecanismo por meio do qual os textos reutilizam e reinterpretam outros textos, criando conexões que podem ser usadas para influenciar a percepção dos leitores. Ao incorporar as intertextualidades como uma das ferramentas centrais desta pesquisa, será destacado como essas referências cruzadas entre textos contribuem para a eficácia das estratégias de desinformação, tornando a manipulação mais sutil e, ao mesmo tempo, mais poderosa. É importante ressaltar que as intertextualidades funcionam como recursos argumentativos nesse contexto, pois a construção de textos com desinformação é uma ação orquestrada e intencional com o intuito de persuadir o interlocutor. Dentro do campo da Comunicação, será visto como a desinformação é conceituada por teóricos da área, com destaque para o conceito de desordem informacional e os tipos de desinformação. A partir do diálogo entre os tipos de intertextualidades e dos tipos de desinformação, serão propostas três categorias de estratégias textuais de desinformação.

2.1 Intertextualidades

A análise de estratégias textuais de desinformação é uma atividade de leitura e produção de sentido. Para isso, é preciso definir os conceitos de leitura, texto e língua adotados por esta pesquisa. Sobre essa questão, Koch (2002) lista três diferentes perspectivas: a com foco no autor; a com foco no texto; e a com foco na interação autor-texto-leitor. A perspectiva com foco no autor tem uma visão da língua como expressão do pensamento, do texto como uma representação mental e da leitura como captação das ideias do autor. Já a perspectiva com foco no texto tem a língua como estrutura (código), o texto como produto de codificação e decodificação e a leitura como uma atividade de reconhecimento. Já a perspectiva interacional entende a língua como dialógica, o texto como lugar de interação e a leitura como atividade de produção de sentido.

Seguindo a terceira corrente, Koch e Elias (2012) defendem que o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos, sendo o texto o lugar onde os sujeitos sociais se

constituem e são constituídos. As autoras defendem que o contexto precisa ser considerado na construção de sentido, que se realiza quando o leitor, como participante ativo do processo, leva em conta aspectos relativos à língua, ao mundo e à situação comunicativa. “O leitor é levado a mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguística como de ordem cognitivo-discursiva, com o fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas, preencher as lacunas que o texto apresenta” (Koch; Elias, 2012, p. 7). Seguindo a esteira, Cavalcante *et al* (2022) entendem o texto como um evento comunicativo singular elaborado por locutores com intermédio de recursos tecnológicos com caráter dialógico:

É por isso que todo texto é dialógico, porque se presume que, nessa interação, existe um sujeito (humano ou não) implicado na ação de enunciar e de projetar um outro para quem está direcionando os sentidos construídos, num dado tempo e num dado lugar (Cavalcante *et al*, 2022, p. 216).

Para o entendimento do texto como evento, é necessário incorporar valores e práticas dos campos sociais e atualizá-los toda vez que um texto se realiza. Assim, os textos analisados nesta pesquisa serão vistos como eventos singulares que se comunicam com outros textos por meio de estratégias textuais.

A perspectiva interacionista é herdeira da teoria bakhtiniana, que defende a natureza dialógica da linguagem, considerada precursora por antecipar muitos pressupostos da Linguística atual. Conforme Brait (1997), Mikhail Bakhtin contribuiu para uma nova perspectiva da linguagem e seus estudos ao buscar compreender as formas de produção de sentido e o funcionamento discursivo. Bakhtin ancorou a questão do dialogismo em uma dupla e indissociável dimensão (Brait, 1997). A primeira dimensão se refere ao “permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre diferentes discursos que configuram uma comunidade” (Brait, 1997, p. 98). Brait (1997) interpreta que, com essa dimensão, o dialogismo se instaura como interdiscursividade. A segunda dimensão se trata das “relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos” (Brait, 1997, p. 98). Com essa dimensão, tem-se o caráter polifônico da relação entre o eu e o nós:

As formas de representação e de transmissão do discurso de outrem, parte integrante, constitutiva, de qualquer discurso, quer essa heterogeneidade seja marcada, mostrada ou não, bem como a natureza social e não individual das variações estilísticas, configuram em Marxismo e filosofia da linguagem um momento de formalização da possibilidade de estudar o discurso, isto é, não enquanto fala individual, mas

enquanto instância significativa, entrelaçamento de discursos que, veiculados socialmente, realizam-se nas e pelas interações entre sujeitos. (Brait, 1997, p. 98-99)

Diferentemente do dialogismo, que é intrínseco à linguagem, as intertextualidades constituem fenômeno pontual, em geral planejado para servir a propósitos específicos. Por isso, é importante refletir sobre a diferença entre os conceitos de interdiscursividade e intertextualidade. Sobre isso, Fiorin (2006) pontua que, na obra bakhtiniana, não ocorrem os termos interdiscurso, intertexto, interdiscursivo, interdiscursividade, intertextualidade. Já a palavra intertextual aparece uma única vez na edição brasileira de “Estética da criação verbal”, mas por um problema de tradução (Fiorin, 2006). A edição dessa obra foi traduzida da edição em francês, e não do original em russo. Fiorin (2006) acredita que a presença do termo se deve à influência de Júlia Kristeva, pesquisadora responsável por propor o conceito de intertextualidade a partir da teoria de Bakhtin e divulgar o seu trabalho na França. Apesar da palavra intertextualidade não aparecer na obra de Bakhtin, foi o primeiro conceito tido como bakhtiniano a ganhar notoriedade no Ocidente graças ao trabalho de Kristeva.

No entanto, Fiorin (2006) ressalta que o interdiscurso em Bakhtin surge com o nome de dialogismo. Para examinar esse conceito, Fiorin (2006) refuta duas leituras errôneas: a de que o dialogismo equivale a diálogo face a face; e a de que existem dois tipos de dialogismo, um entre interlocutores e outro entre discursos. De acordo com Fiorin, o dialogismo não pode ser reduzido à uma conversa e também não se divide em dois tipos de dialogismos. “O dialogismo é sempre entre discursos. O interlocutor só existe enquanto discurso. Há, pois, um embate de dois discursos: o do locutor e o do interlocutor, o que significa que o dialogismo se dá sempre entre discursos” (Fiorin, 2006, p. 166).

Fiorin (2006) explica que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem porque o ser humano não tem acesso direto à realidade, e sim por meio da linguagem. “Isso quer dizer que o real se apresenta para nós semioticamente, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo. Essa relação entre os discursos é o dialogismo” (Fiorin, 2006, p. 167).

Em Bakhtin, o enunciado se constitui nas relações dialógicas, o que o aproxima do conceito de interdiscurso, e o texto é a manifestação do enunciado (Fiorin, 2006). Com isso, Fiorin defende a diferença entre interdiscursividade e intertextualidade: a primeira é a relação dialógica entre enunciados; e a segunda é o tipo de interdiscursividade no qual existem duas materialidades textuais distintas em um mesmo texto. Fiorin entende a materialidade textual como “um texto em sentido estrito ou um conjunto de fatos linguísticos,

que configura um estilo, um jargão, uma variante lingüística, etc” (Fiorin, 2006, p. 191). Como acentua Fiorin (2006),

Há claramente uma distinção entre as relações dialógicas entre enunciados e aquelas que se dão entre textos. Por isso, chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva. O termo intertextualidade fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. Isso significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas que o contrário não é verdadeiro. Por exemplo, quando a relação dialógica não se manifesta no texto, temos interdiscursividade, mas não intertextualidade” (Fiorin, 2006, p. 181).

É importante ressaltar que a concepção de texto de Fiorin — entendido como materialidade linguística — difere sensivelmente da concepção adotada nesta pesquisa, conforme Cavalcante et al. (2019, 2020, 2022), para quem o texto é um evento comunicativo único e irrepetível, situado em contexto e coberto de sentido. Essa distinção não é meramente terminológica, mas epistemológica, pois repercute diretamente na forma como se comprehende a intertextualidade e suas funções argumentativas e manipulativas. A adesão teórica desta pesquisa se dá pelo viés da Linguística Textual brasileira contemporânea, em especial pelo percurso do Grupo Protexo, que já propõe há anos um alargamento semiótico e enunciativo do conceito de intertextualidade — como também apontado por Carvalho (2018) em sua tese de referência.

Essa divergência também ocorre em relação à Julia Kristeva, que cunhou a palavra intertextualidade e teve papel fundamental para a popularização do termo. A proposta de Kristeva é uma revisão da noção bakhtiniana de dialogismo. Para a pesquisadora búlgara, o texto não é uma entidade unilinear, mas uma combinação heterogênea de textos, ou seja, ao ser construído “como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (Kristeva, 1967, p. 440 *apud* Fiorin, 2006, p. 163). No entanto, essa visão de Kristeva apresenta-se muito ampla para a Linguística Textual, por isso Cavalcante et al. (2022) definem a intertextualidade como um fenômeno comprovável por evidências nos textos. Além disso, a Linguística Textual trabalha com o pressuposto de que as produções textuais são, além de intertextuais, multimodais, ou seja, a intertextualidade ocorre em textos de qualquer gênero e semiose, o que exatamente pode ser visto no *corpus* escolhido para esta pesquisa. Nesse sentido,

Tal redimensão da noção de texto não poderia deixar de repercutir sobre as categorias intertextualidade, previstas apenas, ou principalmente, para a dimensão verbal dos textos, quase sempre investigados dentro do domínio discursivo literário. Para redimensionar, então, os processos intertextuais, o grupo Protexo produziu e

continua produzindo pesquisas que tratam o fenômeno da intertextualidade considerando os diferentes sistemas semióticos, e não apenas o verbal, nem apenas o domínio discursivo literário (Cavalcante *et al*, 2022, p. 380).

No Brasil, os estudos sobre intertextualidades trabalhavam há até poucos anos com categorias pulverizadas e que não davam conta de textos multissemióticos. Na obra *Intertextualidade: diálogos possíveis*, por exemplo, Koch, Bentes e Cavalcante (2008) buscam sistematizar os conhecimentos sobre o termo e postularam a existência de uma intertextualidade *lato sensu* e uma intertextualidade *stricto sensu*. As autoras definiram como intertexto aquele texto, anteriormente produzido e pertencente à memória social ou discursiva, inserido em outro texto. Assim, a intertextualidade *stricto sensu* seria aquela quando ocorre o intertexto. “Isto é, em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação” (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008, p. 17). A partir de Bauman e Briggs, Koch, Bentes e Cavalcante (2008) definem a intertextualidade *lato sensu* como aquele em que as relações entre textos ocorrem em modelos gerais de produção e recepção de textos. As autoras definiram os seguintes tipos de intertextualidade *stricto sensu*: temática; estilística, explícita, implícita, intergenérica e tipológica.

- i) Intertextualidade temática: ocorre em textos pertencentes a uma mesma área que utilizam conceitos e terminologias próprias.
- ii) Intertextualidade estilística: ocorre quando há repetição, imitação ou paródia de estilos e variedades linguísticas.
- iii) Intertextualidade explícita: ocorre quando há menção à fonte do intertexto, ou seja quando este é atribuído a outro.
- iv) Intertextualidade implícita: ocorre quando uso de intertexto alheio sem menção à fonte e espera-se que o interlocutor faça o reconhecimento pela ativação da fonte em sua memória discursiva.
- v) Intertextualidade intergenérica: ocorre quando um texto de um gênero dialoga com a forma composicional, conteúdo temático e estilo de outro gênero.
- vi) Intertextualidade tipológica: ocorre quando há características comuns entre tipos textuais como estruturação seleção lexical, uso de tempos verbais, entre outros.

Além disso, Koch, Bentes e Cavalcante (2008) sugeriram a ampliação do conceito de *détournement*, formulado por Grésillon e Maingueneau, para abranger a maioria dos casos

de intertextualidade implícita. O *détournement* seria o processo no qual o interlocutor é levado a ativar o texto original para construir novos sentidos, seja para argumentar a partir dele, contradizê-lo ou orientá-lo para outro sentido. “Gostaríamos de postular, portanto, a extensão desse conceito às diversas formas de intertextualidade nas quais ocorre algum tipo de alteração - ou adulteração - de um texto-fonte, visando à produção de sentido” (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008, p. 46). Nas palavras das autoras,

Como se pode ver, os détournements têm sempre valor argumentativo, em grau maior ou menor. Interessante é notar, também, que, com base no mesmo intertexto, é possível muitas vezes argumentar em sentidos opostos. É claro que, sendo o mesmo texto-fonte inserido em dois contextos diferentes, um em que há captação, outro em que ocorre a subversão, a orientação argumentativa será diferente. Contudo, ela poderá ser também diferente em se tratando de dois casos de subversão. Tudo vai depender, evidentemente, do contexto mais amplo em que o texto que sofreu o détournement se encontra inserido, tanto do co-texto, quanto do entorno visual (ilustrações, gráficos, charges etc), ou, ainda, do contexto situacional imediato ou mediato (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008, p. 58).

Muitas definições apresentadas na obra de Koch, Bentes e Cavalcante (2008) foram repensadas ou descartadas posteriormente. Uma década depois, a tese de Ana Paula de Lima Carvalho (2018) trouxe um novo olhar sobre o fenômeno e sugeriu o uso do conceito no plural. Assim, não existiria a intertextualidade, mas as intertextualidades, visão que será adotada a partir de agora nesta pesquisa. O marco que sustenta a proposta de Carvalho (2018) é Gérard Genette, teórico francês responsável “pelo mais completo esboço das relações que põem em diálogo qualquer relação entre textos, gêneros e estilos” (Carvalho, p. 11, 2018).

Com o objetivo de redefinir o conceito de intertextualidades sob a ótica da Linguística Textual, Carvalho (2018) propõe uma compreensão mais abrangente sobre o que seria esse recurso, buscando superar o conceito tradicional que limita as intertextualidades a relações entre textos específicos e recuperáveis. A definição da pesquisadora tem como objeto de análise a relação entre textos, podendo as intertextualidades serem verificadas por remissões ao léxico, a estruturas fonológicas, a estruturas sintáticas, ao gênero, ao estilo e à temática. Carvalho (2018, p.82) ressalta que “texto não se resume a um produto material, mas a um processo comunicativo complexo, pautado na interação, resultante da integração entre elementos da materialidade e outros fatores de diferentes ordens (situacionais, cognitivos, socioculturais e interacionais)”.

Essa visão mais abrangente de intertextualidade é importante também para a análise de textos com desinformação porque não necessariamente há presença explícita de referências a outro texto. Em muitos casos, essa referência pode estar, como citado

anteriormente, na estrutura, na temática, no gênero, no estilo, entre outros aspectos, assumindo um caráter, conforme Carvalho (2018), de intertextualidade ampla. Além disso, abrange diversos tipos de textos, inclusive os de natureza multissemiótica. A autora vai além e afirma que,

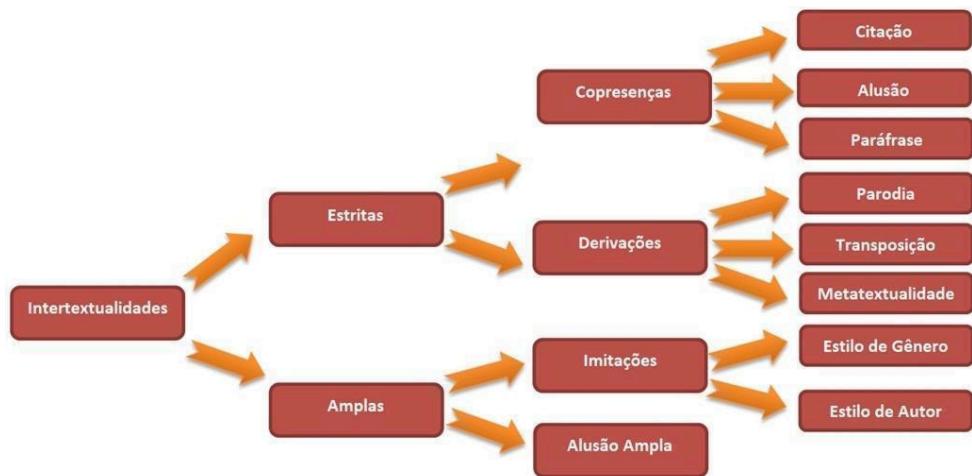
Não nos escapa o fato de que há uma função argumentativa subjacente aos recursos intertextuais, por meio da qual se constrói(em) determinado(s) sentido(s), a fim de atingir certo(s) propósito(s) discursivo(s). Quando, por exemplo, um texto recorre a um fragmento de outro, verifica-se um propósito argumentativo e discursivo de construção de sentido. Por força desse propósito, o recurso intertextual cumpre um papel (isto é, uma função) simultaneamente textual - uma vez que se materializa como “um enunciado que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto” (Cavalcante, 2018, p. 54) e discursiva, por estar situado em um contexto marcado por circunstâncias de produção (Carvalho, 2018, p. 84).

Com isso, Carvalho (2018) propõe a classificação das intertextualidades entre estritas e amplas. As estritas ocorrem por copresenças e por derivações.

- i) **Copresença:** quando partes de um texto aparecem em outro, como citação, alusão e paráfrase. A **citação** ocorre quando um trecho de um texto é utilizado em uma nova obra, ou seja, a transcrição exata de um texto original. A **alusão estrita** ocorre por meio de menções indiretas a outros textos, sendo mais sutil que a citação. Por isso, ela exige mais atenção do leitor para percebê-la e realizar a conexão com o texto original. Por fim, a **paráfrase** ocorre quando um texto é retomado sem que haja mudança do seu sentido original, diferente do que ocorre na alusão.
- ii) **Derivação:** quando um texto é modificado, mudando algum aspecto, como o estilo ou o conteúdo, mas ainda mantendo elementos essenciais do texto original. São divididas entre paródia, transposição e metatextualidade. A **paródia** é um tipo de intertextualidade com caráter humorístico que se distancia do texto original. A **transposição** ocorre quando há a transformação de um texto em outro sem o teor humorístico. A **metatextualidade** refere-se quando um novo texto é produzido em função de comentar um texto anterior.

As intertextualidades amplas dividem-se em imitações (de estilo e de autor) e alusão ampla. Na Figura 1, Carvalho (2018) sistematiza as intertextualidades e suas categorias, conforme já foi apresentado anteriormente.

Figura 1 - Classificação das intertextualidades



Fonte: Carvalho (2018, p. 110).

Além da natureza intertextual, é importante ressaltar que os textos de desinformação possuem argumentatividade também, pois buscam convencer a opinião pública a aderir uma determinada narrativa. Afinal, todo texto carrega em si um caráter argumentativo, conforme a Teoria da Argumentação no Discurso, de Ruth Amossy. A pesquisadora francesa define a argumentação como a “tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário. [...] a tentativa de fazer aderir não somente a uma tese, mas também a modos de pensar, de ver, de sentir”. (Amossy, 2011, p. 130 *apud* Cavalcante *et al*, 2020, p. 40).

De acordo com Cavalcante *et al* (2022), todo enunciado apresenta pontos de vista que podem ser relacionados a diferentes enunciadores. Quem gerencia esses pontos de vista é um locutor principal que deliberadamente opta por diferentes formas de expressar e marcar a voz desses enunciadores para, assim, tentar influenciar o interlocutor (Cavalcante *et al*, 2022). Vários mecanismos linguístico-textuais podem sinalizar pontos de vista, por isso a argumentatividade não está presente apenas em textos com teses explícitas e organizados estruturalmente para explicitá-las. Conforme o que defende o grupo Protexo (Cavalcante *et al*, 2022), os critérios textuais que evidenciam a argumentatividade são construção referencial,

uso de intertextualidades, organização tópica, articulação das sequências textuais, as marcas de heterogeneidades enunciativas e estratégias de polidez.

Para esta pesquisa, as intertextualidades aparecem como recursos argumentativos na construção de textos com desinformação. É possível percebê-la na forma em que textos anteriores são resgatados na construção de novos textos, seja para imitá-los, usá-los em contextos falsos ou modificá-los completamente.

Na próxima seção, será desenvolvido o conceito de desordem informacional, de Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017), e apresentados os tipos de desinformação que os teóricos propõem. Além disso, serão apresentadas as características da desinformação a partir de Rêgo e Paulino (2022).

2.2 Desordem Informacional

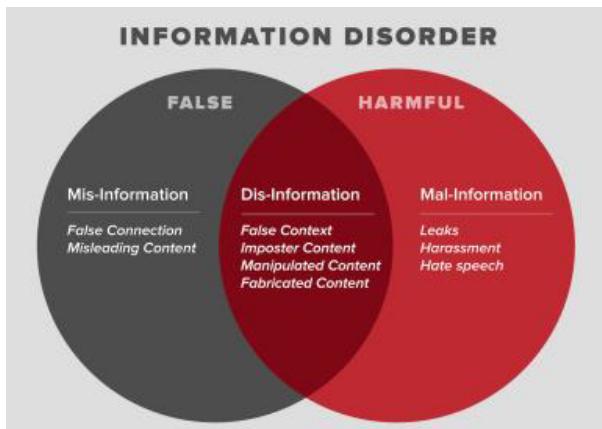
De Orson Welles e sua versão de “Guerra dos Mundos” até o suposto rompimento da barragem de Tapacurá, vários são exemplos de informações falsas veiculadas para a população que causaram muitos transtornos e tiveram grande poder de propagação entre o público. De acordo com o Coletivo Intervozes (2019), em 1938, a rádio CBS transmitiu uma dramatização tão realistas do romance de ficção científica Guerras dos Mundos que espalhou pânico generalizado no público estadunidense. Já em 1975, as ruas de Recife conheceram pânico parecido quando a Rádio Olinda noticiou sem verificar o boato do rompimento da barragem de Tapacurá (Intervozes 2019). Os dois exemplos citados ocorreram em uma época pré-digital e exemplificam o alcance de um meio de comunicação de massa que teve seu apogeu no século XX: o rádio. Como ressalta o Intervozes (2019), antes do advento da Internet e dos sites de redes sociais, a propagação de informações falsas já existia. No entanto, foi a partir do estabelecimento das comunicações via mídias digitais, que os termos desinformação, fake news e pós-verdade ganharam popularidade e atingiram níveis nunca antes vistos de propagação.

Apesar das promessas de um futuro glorioso por causa do avanço tecnológico, chegamos a um ponto que é impossível negar o poder negativo que a Internet e as redes sociais podem ter sobre nossas relações sociais, políticas e econômicas. Como propõe Wardle e Derakhshan (2017), vivemos em uma época de desordem informacional, na qual há uma poluição de informação em escala global:

Rumours, conspiracy theories and fabricated information are far from new. Politicians have forever made unrealistic promises during election campaigns. Corporations have always nudged people away from thinking about issues in particular ways. And the media has long disseminated misleading stories for their shock value. However, the complexity and scale of information pollution in our digitally-connected world presents an unprecedented challenge. [...] we argue that there is an immediate need to seek workable solutions for the polluted information streams that are now characteristic of our modern, networked and increasingly polarised world. (Wardle e Derakhshan, 2017, p. 10)²

Os autores propõem, em língua inglesa, três conceitos que definiriam diferentes formas de desordem informacional: *misinformation*; *disinformation*; e *malinformation*. A *misinformation* é quando informações falsas são compartilhadas, mas sem intenção de causar danos; *disinformation* é quando informações falsas são conscientemente compartilhadas para causar danos; e *malinformation* ocorre quando informações genuínas são compartilhadas para causar danos, geralmente movendo informações destinadas a permanecer privadas para a esfera pública.

Figura 2 - Desordem Informacional.



Fonte: Wardle e Derakhshan (2017, p. 5)

No diagrama acima (Figura 2), Wardle e Derakhshan (2017) organizam os tipos de (mis/dis/mal) informação que compõem a desordem informacional entre Falso e Prejudicial. A *disinformation* encontra-se na intersecção entre falso e prejudicial, podendo se

² Tradução nossa: Rumores, teorias da conspiração e informações fabricadas estão longe de ser novidade. Os políticos sempre fizeram promessas irrealistas durante as campanhas eleitorais. As corporações sempre afastaram as pessoas de pensar sobre questões de maneiras específicas. E a mídia há muito tempo dissemina histórias enganosas por seu valor de choque. No entanto, a complexidade e a escala da poluição da informação em nosso mundo conectado digitalmente apresentam um desafio sem precedentes. [...] nós argumentamos que há uma necessidade imediata de buscar soluções viáveis para os fluxos de informações poluídas que agora são característicos de nosso mundo moderno, em rede e cada vez mais polarizado.

manifestar por meio de Contexto Falso, Conteúdo Impostor, Conteúdo Manipulado e Conteúdo Fabricado.

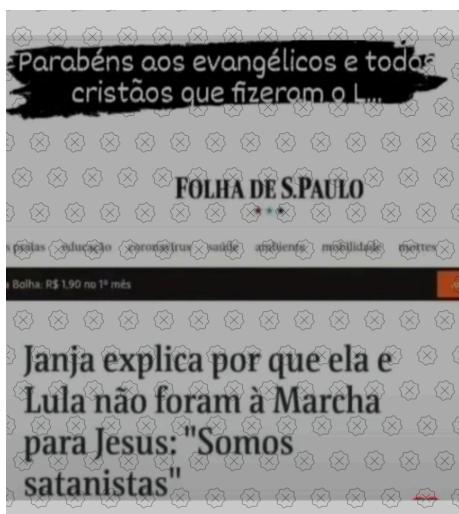
Figura 3 - Exemplo de Contexto Falso



Fonte: Reprodução Twitter e Portal IG

Na Figura 3, temos um exemplo de informação com Contexto Falso. Nela, temos um *print* de um *tweet* feito por Carlos Bolsonaro em 8 de fevereiro de 2023, segundo mês da atual gestão do governo Lula. No *tweet*, ele compartilha um *print* de uma matéria do portal de notícias IG com a seguinte manchete: “Gasolina já bate R\$ 10/litro em dois estados brasileiros”. O *print* compartilhado por Carlos Bolsonaro omite a data de publicação da notícia, deixando nas entrelinhas se tratar de uma informação atual para fortalecer o tom de crítica ao adversário político de seu pai. No entanto, a notícia em questão é de março de 2022, período em que Bolsonaro ainda era presidente.

Figura 4 - Exemplo de Conteúdo Impostor



Fonte: Aos Fatos

O Conteúdo Impostor é aquele tipo de desinformação que mimetiza um conteúdo real, muitas vezes jornalístico, copiando elementos próprios do ambiente digital em que se encontra. A Figura 4 mostra uma imagem que mimetiza o ambiente do portal da Folha de S. Paulo com a seguinte manchete: Janja explica por que ela e Lula não foram à Marcha para Jesus: “Somos satanistas”. Esse tipo de desinformação é chamado impostor porque procura copiar elementos de um conteúdo real para ser visto como original, e não deliberadamente enganoso.

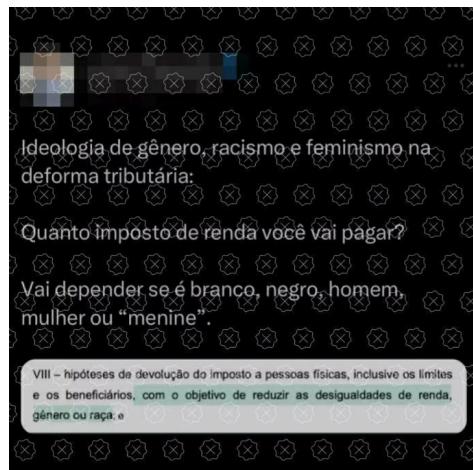
Figura 5 - Exemplo de Conteúdo Manipulado.



Fonte: Aos Fatos

Conteúdo manipulado surge a partir da alteração de um conteúdo real. Na Figura 5, há um exemplo de Conteúdo Manipulado que pode ser visto em vídeo compartilhado nas mídias sociais com áudio adulterado, no qual é possível ouvir pessoas gritando “Lula ladrão, seu lugar é na prisão”. De acordo com checagem do Aos Fatos, o áudio foi manipulado com a ferramenta de edição de vídeos do TikTok para colocar os tais gritos em cima do vídeo original, que mostra o discurso do presidente Lula no festival *Power Our Planet*, em Paris. Por fim, o Conteúdo Fabricado é aquele que é totalmente construído pelo enunciador da desinformação, conforme se pode ver a seguir na Figura 6.

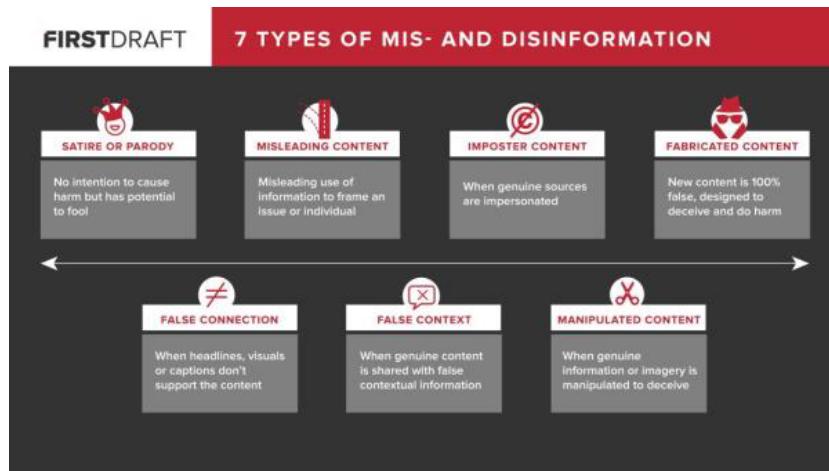
Figura 6 - Exemplo de Conteúdo Fabricado



Fonte: Aos Fatos

Wardle (2020) argumenta que os produtores de desinformação perceberam que as informações fabricadas com algum grau de verdade têm mais chances de obterem o objetivo de manipulação pública, por enganar mais facilmente os interlocutores e as inteligências artificiais de checagens.

Figura 7 - Tipos de Mis- e Desinformação



Fonte: Wardle e Derakhshan (2017, p. 17)

Para didatizar a compreensão do fenômeno da desordem informacional, Wardle (2020) divide *misinformation* e *disinformation* em sete categorias, incluindo, além das citadas anteriormente, também a sátira ou paródia (Figura 7). Dentre as estratégias utilizadas pelos produtores de *disinformation* estão: retirada de contexto; inversão de relevância; insinuação; simplificação; pressuposição. Além disso, muitos conteúdos midiáticos em textos digitais

nativos podem causar *misinformation* porque o leitor não consegue interpretá-los de forma correta como é o caso de sátiras, conteúdos patrocinados, *clickbait* e conteúdos opinativos.

Wardle e Derakhshan (2017) defendem que o termo *fake news* não seria adequado para descrever o fenômeno da desordem informacional. Como argumento, os autores citam o estudo de Tandoc *et al.* (2017 *apud* Wardle; Derakhshan, 2017), uma análise de 34 artigos acadêmicos publicados entre 2003 e 2017. Os autores do estudo notaram que o termo *fake news* foi utilizado para descrever diferentes fenômenos no período de 15 anos (Tandoc *et al.*, 2017 *apud* Wardle; Derakhshan, 2017), não apresentando, portanto, significado consensual. Além disso, Wardle e Derakhshan (2017) argumentam que o termo *fake news* também foi apropriado por políticos de todo o mundo para descrever organizações jornalísticas cuja cobertura lhes desagradasse e por sites, organizações e figuras políticas identificadas como não confiáveis pelas agências de checagem para minar organizações jornalísticas de oposição, como se percebe em

O termo “fake news” (notícia falsa) não é nem o começo de tudo isso. A maior parte desse conteúdo nem é falso; muitas vezes é verdadeiro, usado fora de contexto e armado por pessoas que sabem que falsidades baseadas em um núcleo de verdade têm mais probabilidade de serem tomadas como verdade e compartilhadas. Além disso, a maior parte disso não pode ser descrita como “notícia”. São rumores à moda antiga, memes, vídeos manipulados, “anúncios micro-localizados” hipersegmentados e fotos antigas compartilhadas novamente como se fossem novas. (Wardle, 2020, p. 8)

Karlova e Fisher (2013) abordam apenas os dois primeiros conceitos, também em língua inglesa. As autoras definem *misinformation* como uma informação imprecisa por ser incompleta, vaga ou ambígua, sem intencionalidade enganosa por parte de quem reproduz. Por outro lado, *disinformation* seria aquela informação deliberadamente enganosa. As autoras defendem que ambos os conceitos possuem algum grau de informatividade (Karlova; Fisher, 2013), por isso a importância de compreendê-las e identificá-las. Karvola e Fisher (2013) pontuam que habilidades em alfabetização informacional podem ajudar os receptores a fazer julgamentos de informações e desinformações (*misinformation* e *disinformation*) a fim de tomar decisões e agir.

Correcting inaccurate information can present opportunities for meaningful engagement, public awareness and education, and commercial information service provision. People can use disinformation to harness influence over others (e.g., insinuating knowledge of personal information). Governments can use disinformation to exercise control over a populace. Businesses can use

disinformation to maintain or repair their own reputation or to damage the reputation of a competitor. (Karlova; Fisher, 2013 p. 6).³

Meneses (2018) também se preocupa com o uso do termo *fake news* e afirma que houve um uso indevido e indiscriminado do termo, sendo utilizado atualmente com sentidos diversos. Diferentemente de Wardle e Derakhshan (2017), Meneses (2018) não propõe o abandono da terminologia, mas defende que haja uma reflexão sobre o termo e sugere uma definição do conceito. Para Meneses (2018), *fake news* seria o conteúdo falso divulgado on-line de forma deliberada e com intuito manipulativo. Sua conceituação de *fake news* assemelha-se com a de *disinformation* de Wardle e Derakhshan (2017) e Karlova e Fisher (2013).

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom promoveu em 2022 seu Congresso Nacional com o tema “Comunicação e Ciências: reflexões sobre a desinformação”. As reflexões dos 21 Grupos de Pesquisas foram reunidas em um livro com textos que enfocam a complexidade do fenômeno desinformacional e sua multidimensionalidade. Rêgo e Paulino (2022), por exemplo, entendem a desinformação como um fenômeno social coletivo que utiliza “fluxos digitais e de aparatos de receptividade de narrativas sensacionalistas e emocionais” (Rêgo; Paulino, 2022, p. 32). Os pesquisadores ponderam que a desinformação possui estética chamativa, forma estrutural híbrida, congregação de fatos e mentiras e descontextualizações de tempo, espaço e contexto, representados na Figura 8 a seguir:

Figura 8 - Características da Desinformação.



³ Tradução nossa: “A correção de informações imprecisas pode apresentar oportunidades para envolvimento significativo, conscientização e educação do público e prestação de serviços de informações comerciais. As pessoas podem usar a *disinformation* para influenciar outras pessoas (por exemplo, insinuar o conhecimento de informações pessoais). Os governos podem usar a *disinformation* para exercer controle sobre a população. As empresas podem usar a *disinformation* para manter ou reparar sua própria reputação ou para prejudicar a reputação de um concorrente”

Fonte: Elaboração da autora a partir de Rêgo e Paulino (2022)

Rêgo e Paulino (2022) ressaltam que, de acordo com pesquisa do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), as narrativas com desinformação possuem 70% maior poder de viralização do que uma informação jornalística. Como forma de enfrentamento, os pesquisadores citam a criação da Rede Nacional de Combate à Desinformação, da qual Rêgo é coordenadora.

Rêgo (2021) defende a ideia de que há um mercado das informações falsas e a construção intencional da ignorância. Para a pesquisadora, esse mercado atua no processo criativo de narrativas desinformacionais e possui grandes redes de distribuição desses conteúdos, compostas por perfis em mídias sociais e grupos de aplicativos de mensagens:

O mercado das informações falsas é bastante complexo, tem muitas nuances e se configura como um dos lados do fenômeno da desinformação. Este fenômeno possui também produtores dentro da própria sociedade, que são aqueles que trabalham com a desinformação não intencional, mas que também terminam por prejudicar a coletividade, sobretudo, em momentos como o da pandemia da Covid-19. Ambas as formas de produção de narrativas desinformacionais (intencional e não intencional) circulam pelos mesmos meios: redes sociais, aplicativos de mensagens, sites, espaços jornalísticos etc. Neste contexto, temos como ‘campeões’ de circulação no Brasil, os grupos de família e de religiões mais conservadoras, que se fazem presentes, sobretudo, no WhatsApp (Rêgo, 2021, p. 225).

Diante da análise da literatura até agora exposta, a presente pesquisa adotará o termo desinformação para se referir às informações deliberadamente enganosas divulgadas com intuito de manipular a opinião pública. Portanto a desinformação será objeto de investigação desta pesquisa. A razão de evitar a adoção do termo *fake news* parte do entendimento de que ele é insuficiente para definir o fenômeno em questão e por não haver consenso sobre o seu significado, podendo o seu uso ao invés de ajudar a combater a desordem informacional, acentuar o problema.

Na próxima seção, serão apresentadas as estratégias de desinformação propostas por esta pesquisa e exemplos de textos analisados pela agência de checagem Aos Fatos nos quais elas ocorrem.

2.3 Categorias de Análises

Para atender os objetivos desta pesquisa, será adotada como a linha teórica a Linguística Textual, especificamente a adotada pelo Grupo Protexo, que entende o texto

como um evento comunicativo singular elaborado por locutores com intermédio de recursos tecnológicos com caráter dialógico (Cavalcante *et al.*, 2022):

É por isso que todo texto é dialógico, porque se presume que, nessa interação, existe um sujeito (humano ou não) implicado na ação de enunciar e de projetar um outro para quem está direcionando os sentidos construídos, num dado tempo e num dado lugar. (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 216)

Para o entendimento do texto como evento, é necessário incorporar valores e práticas dos campos sociais e atualizá-los toda vez que um texto se realiza. Assim, os textos analisados pela agência Aos Fatos serão vistos como eventos singulares que se comunicam com outros textos por meio de estratégias textuais. Em diferentes graus, todo texto contém diálogo com outros textos, como uma corrente infindável (Cavalcante *et al.*, 2022). Conforme já dito em tópicos anteriores, o conceito de intertextualidade conversa diretamente com a concepção de dialogismo defendida pelo Círculo de Bakhtin e foi empregado pela primeira vez por Julia Kristeva, que enxerga o texto como “um mosaico de citações resultante de textos” (Kristeva, 1974, p. 440 apud Cavalcante *et al.*, 2022). No entanto, essa visão de Kristeva apresenta-se muito ampla para a Linguística Textual, por isso Cavalcante *et al.* (2022) definem as intertextualidades como um fenômeno comprovável por evidências nos textos. Além disso, a Linguística Textual trabalha com o pressuposto de que as produções textuais são, além de intertextuais, multimodais, ou seja, as intertextualidades ocorrem em textos de qualquer gênero e semiose, o que exatamente pode ser visto no corpus escolhido para esta pesquisa.

Tal redimensão da noção de texto não poderia deixar de repercutir sobre as categorias intertextualidade, previstas apenas, ou principalmente, para a dimensão verbal dos textos, quase sempre investigados dentro do domínio discursivo literário. Para redimensionar, então, os processos intertextuais, o grupo Protexo produziu e continua produzindo pesquisas que tratam o fenômeno da intertextualidade considerando os diferentes sistemas semióticos, e não apenas o verbal, nem apenas o domínio discursivo literário (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 380).

Textos com desinformação são compartilhados por toda a internet diariamente. Apesar de se apresentarem nos mais diversos gêneros e formatos, é importante buscar sistematizar elementos recorrentes utilizados nesses textos. Conforme visto anteriormente, eles apresentam linguagem multimodal, hibridismo estrutural, estética sensacionalista e mescla de fatos com elementos falsos para tornar o conteúdo verossímil. A partir do conceito de desordem informacional de Wardle e Derakhshan (2017), da definição de desinformação

de Rêgo e Paulino (2022) e dos tipos de intertextualidades de Carvalho (2018), foram elaboradas três categorias de estratégias textuais de desinformação: mimese imprecisão e adulteração (apresentadas no Quadro 1 e explicadas nas seções a seguir). A proposta da pesquisa foi sistematizar os recursos utilizados na construção da desinformação dentro dos textos analisados. Desta forma, essa análise se tornaria mais didática e compatível com o nível de aprendizagem dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, com os quais esta pesquisa foi aplicada. Durante a oficina de Estratégias Textuais de Desinformação⁴, os estudantes conheceram essas categorias e realizaram análises de textos com desinformação, além de conhecer o processo de checagem de informações por meio da leitura de pareceres da agência Aos Fatos.

Quadro 1 - Estratégias Textuais de Desinformação

Estratégias Textuais de Desinformação e suas possíveis relações intertextuais			
Estratégia Textual	Características Manipulativas	Possíveis relações intertextuais	Exemplos comuns
Mimese	Imita visualmente estilos, formatos e marcas institucionais	Imitação de gênero, estilo ou ethos discursivo (intertextualidade ampla)	Falsos prints de portais de notícia; sites clonados
Imprecisão	Suprime ou oculta dados contextuais essenciais	Co-presença truncada, omissão de fonte (intertextualidade estrita)	Fotografias e vídeos verdadeiros com legenda falsa
Adulteração	Edita, recorta ou insere elementos para distorcer sentido	Derivação textual, paráfrases enviesadas (intertextualidade estrita ou estilística)	Vídeos editados, uso de <i>deepfake</i>

Fonte: Elaboração da autora.

Para a aplicação das categorias, serão utilizados exemplos de textos de desinformação retirados do site oficial da agência Aos Fatos, uma organização jornalística dedicada à investigação de campanhas de desinformação e à checagem de fatos.

2.3.1 Mimese

⁴ As informações sobre as oficinas serão apresentadas no capítulo de Metodologia.

Essa categoria dialoga com os conceitos de conteúdo impostor de Wardle e Derakshan (2017) e intertextualidade ampla de Carvalho (2018) ao imitar visualmente estilos, formatos e marcas institucionais. A mimese apresenta como características manipulativas a imitação de aparência de um tipo de texto e do ambiente onde ele se encontra, inclusive a disposição dos elementos, as cores e as tipografias. Esse recurso é muito utilizado para levar o interlocutor ao engano, pois imita elementos de conteúdos considerados mais confiáveis pela audiência, como é o caso das notícias de portais jornalísticos, mas não apenas esses. É possível inclusive mimetizar postagem de redes sociais de influenciadores digitais e celebridades para manipular fatos ou aplicar golpes no público. No âmbito dos golpes, é muito comum ocorrer a mimese de sites oficiais de empresas e órgãos públicos.

Exemplo de Mimese: Javier Milei e Donald Trump confirmam presença em ato na Paulista em apoio a Jair Bolsonaro [notícia publicada pelo g1]

Figura 9 - Exemplo de Mimese



Fonte: Aos Fatos

A imagem reproduzida (Figura 9) mostra um caso clássico de imitação de uma notícia de um portal jornalístico, configurando-se como a estratégia **Mimese**. Trata-se de um *print* falso do portal g1 sobre a suposta participação de Trump e Milei em manifestação convocada por Bolsonaro. Conforme o Aos Fatos, “o Grupo Globo negou ter publicado qualquer notícia com esse teor”. É importante ressaltar que diversos detalhes do ambiente do

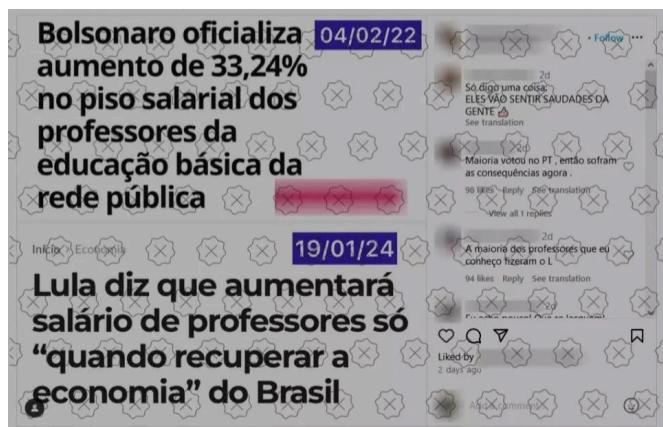
portal em questão foram mimetizados, como cores, organização das informações, nome da editoria, entre outros. O *print* foi compartilhado no Facebook e no Instagram com centenas de interações.

2.3.2 Imprecisão

Essa categoria dialoga com os conceitos de Contexto Falso de Wardle e Derakshan (2017) e intertextualidade estrita de Carvalho (2018) ao suprimir ou ocultar dados contextuais essenciais para a compreensão por meio de co-presença truncada e omissão de fonte. As características manipulativas dessa categoria estão nas ações de manipulação de informações reais com o recurso de omissão de detalhes importantes para levar o público a suposições equivocadas, sendo muito utilizada e possui forte poder de convencimento, pois trabalha com textos reais, sejam verbais ou não-verbais. O fato de utilizar fotografias ou vídeos reais dá mais verossimilhança à desinformação que os acompanha com omissão de detalhes e dando a entender contextos que não condizem com a realidade.

Exemplo de Imprecisão: Bolsonaro oficializa aumento de 33,24% no piso salarial da educação básica da rede pública. Lula diz que aumentará salário de professores só “quando recuperar a economia do Brasil”

Figura 10 - Exemplo de Imprecisão



Fonte: Aos Fatos

A imagem reproduzida na Figura 10 foi compartilhada no Instagram e no Facebook com milhares de interações. Ela une duas manchetes reais, que, retiradas de contexto, levam o público a suposições equivocadas. Conforme a matéria do Aos Fatos, “As

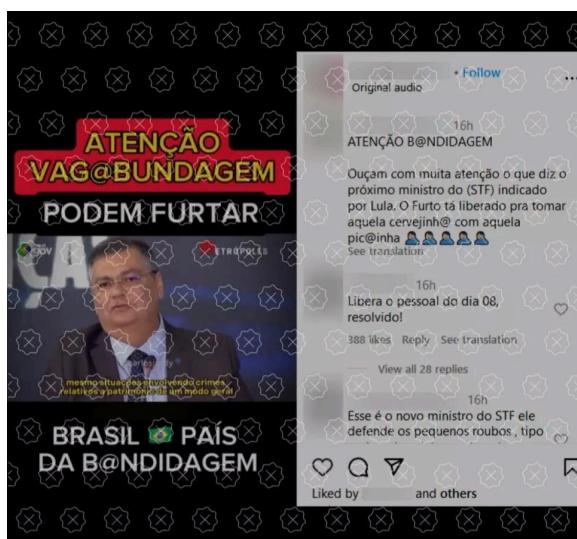
peças de desinformação compararam duas manchetes: uma delas noticia o aumento concedido por Jair Bolsonaro (PL) em 2022, de acordo com a previsão legal, e a outra traz uma declaração de Lula de que aumentará salário de professores ao “recuperar a economia” [...] Em nenhum momento, no entanto, Lula cita o piso do magistério público nem diz que o aumento só virá quando a economia melhorar, porque, justamente, o reajuste do piso obedece a uma previsão legal”. É possível perceber nesse exemplo a estratégia **Imprecisão**, pois usa dois intertextos reais que omite detalhes para levar o interlocutor a uma compreensão errônea.

2.3.3 Adulteração

Essa categoria dialoga com os conceitos de Conteúdo Manipulado de Wardle e Derakshan (2017), de desinformação de em Rêgo e Paulino (2022), que pontuam a mescla de fatos e mentiras em conteúdos desinformativos, e de intertextualidades estritas de Carvalho (2018). Apresenta as características manipulativas de editar, recortar ou inserir elementos para distorcer sentido e relações intertextuais por meio de derivação textual e paráfrases enviesadas. Com esse recurso, produtores de desinformação apropriam-se de conteúdos reais e os adulteram de acordo com seus interesses para manipular o público. A presença de fatos em meio às mentiras fortalece a verossimilhança e facilita a sua camuflagem nas buscas por informações falsas. Algumas inteligências artificiais não conseguem captar algumas nuances desses conteúdos, que estão cada vez mais sofisticados.

Exemplo 1 de Adulteração: Ouçam com muita atenção o que diz o próximo ministro do STF [Flávio Dino] indicado por Lula. O Furto tá liberado pra tomar aquela cervejinha com aquela picainha

Figura 11 - Exemplo 1 de Adulteração



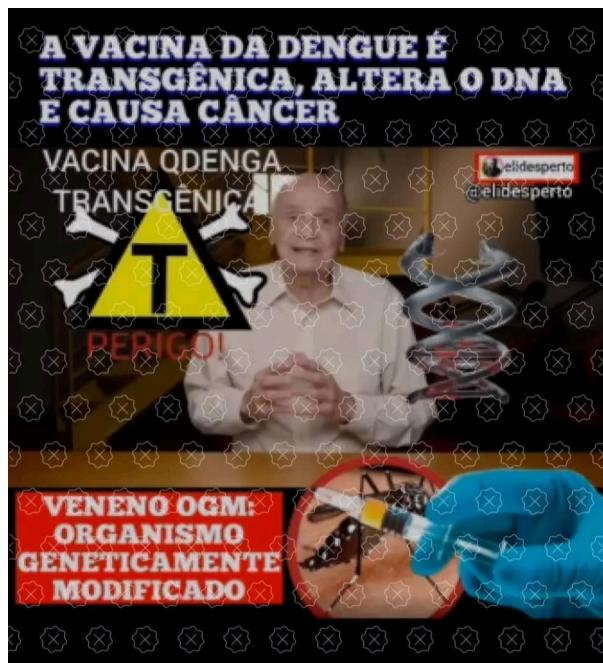
Fonte: Aos Fatos

A imagem (Figura 11) foi compartilhada no Instagram, no Facebook e no TikTok com milhares de interações. Trata-se de um vídeo com falas de Flávio Dino editadas em que os cortes realizados tiram partes essenciais para o entendimento da mensagem. Neste caso, as ações foram além de uma questão de **Imprecisão** ao divulgar o conteúdo original, pois não houve apenas ocultação de detalhes, mas edição do vídeo que altera o conteúdo e inserção de texto sensacionalista sobre o vídeo original. Assim, percebe o uso da estratégia **Adulteração**. De acordo com Aos Fatos,

Em lugar da declaração original de Dino, divulgada pelo Metrópoles, o que está circulando é um trecho editado, omitindo o início da fala — justamente o momento em que ele defende que alguns crimes, como furto, tenham penas alternativas para reduzir o crescimento da população carcerária. Em nenhum momento do evento, porém, Dino defendeu que furtos possam ser cometidos sem qualquer punição, tampouco afirmou que pretende encaminhar ao Senado um projeto de lei para liberar o furto no país, como fazem crer as peças de desinformação (AOS FATOS, 2024).

Exemplo 2 de Adulteração: A vacina da dengue é transgênica, altera o DNA e causa câncer.

Figura 12 - Exemplo 2 de Adulteração



Fonte: Aos Fatos

O conteúdo acima configura outro exemplo de **Adulteração**. Trata-se de vídeo editado com falas do médico Drauzio Varella sobre a vacina contra a dengue que passou a ser disponibilizada no Brasil. A edição leva ao entendimento de que a vacina causaria câncer, alteraria o DNA humano e seria transgênica. Conforme o Aos Fatos, “as peças editam um vídeo do médico sobre a QDenga e retiram justamente os trechos em que ele afirma que o imunizante é seguro e protege as pessoas da infecção”. Além disso, insere texto sensacionalista sobre o vídeo original.

Outra desinformação difundida pelas peças é a de que a vacina “alteraria o DNA humano”. Essa alegação enganosa, que já circulou nas redes em publicações sobre o imunizante contra a Covid-19, também não se sustenta: a QDenga é uma vacina que usa a tecnologia do vírus atenuado — uma parte do vírus que causa a dengue é injetado no ser humano —, material que não é capaz de alterar o DNA humano. (AOS FATOS, 2024)

No próximo capítulo, será feita a descrição das características desta pesquisa a partir do método pesquisa-ação, definido por Thiollent (2011). Em seguida, haverá o relato do passo-a-passo da aplicação da pesquisa em sala de aula. Por fim, serão definidos os procedimentos de geração e análise de dados.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida como requisito do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), no qual as pesquisas devem ser aplicadas de forma prática em sala de aula de uma escola pública. Por isso, esta pesquisa teve natureza aplicada e abordagem qualitativa, seguindo como metodologia a pesquisa-ação. Conforme Thiollent (2011), a pesquisa-ação é uma pesquisa social com base empírica, a sua construção está associada a uma ação ou resolução de um problema e os pesquisadores se envolvem de forma participativa. “Nossa posição consiste em dizer que toda pesquisa-ação é do tipo participativo: a participação das pessoas implicadas nos problemas é absolutamente necessária” (Thiollent, 2011, p. 21). Portanto, a pesquisa-ação deve descrever situações concretas e realizar uma intervenção para a resolução dos problemas detectados em um meio social delimitado. Para isso, conforme Thiollent (2011), é necessário definir precisamente os seguintes aspectos: ação, agentes, objetivos e obstáculos. No caso desta pesquisa, esses aspectos estão listados no quadro a seguir.

Quadro 2 - Pesquisa-ação

Pesquisa-ação	
Ação	Elaborar intervenção pedagógica para combater a desinformação e aplicá-la na sala de aula de escola pública.
Agentes	Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e Docente de Língua Portuguesa da turma.
Objetivos	Capacitar estudantes a analisar e compreender estratégias textuais utilizadas em textos digitais nativos que promovem desinformação
Obstáculos	Nível de letramento digital dos estudantes, dependência de redes sociais, uso de celular em sala de aula, desmotivação em aprender.

Fonte: Elaboração da autora.

Conforme Thiollent (2011), na pesquisa-ação há uma interação ampla e explícita entre o pesquisador e as pessoas envolvidas na situação investigada, sendo a partir dos problemas encontrados nesta situação que os objetos da pesquisa serão definidos. Conforme dito na introdução deste trabalho, cada vez mais as novas gerações se informam por meio das redes sociais, redes estas controladas por grandes corporações que não possuem políticas para evitar desinformação em seus ambientes digitais. Isso sinaliza um problema crescente que deve ser

enfrentado por todos os setores da sociedade, inclusive a escola. Cada área de conhecimento pode desenvolver mecanismos de combate à desinformação. Dentro das aulas de Língua Portuguesa, os docentes podem e devem preparar os alunos a compreender textos com desinformação por meio de leitura e compreensão leitora. Por isso, esta pesquisa tem como ação a elaboração e a aplicação de uma intervenção pedagógica com o objetivo de capacitar os estudantes a analisar e compreender estratégias textuais de desinformação. A interação ampla se dá na rotina escolar, pois a pesquisadora é a professora de Língua Portuguesa dos estudantes participantes da investigação.

Além disso, Thiollent (2011) reforça que a pesquisa não se limita apenas a uma forma de ação, ou seja, também deve aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas envolvidas. Apontamento que vai de acordo com a proposta da intervenção, que promoveu, como será explicado no próximo tópico, debates sobre Direito à Comunicação, Democratização e Regulamentação dos Meios de Comunicação, Direito à Privacidade, entre outras temáticas sobre as quais os estudantes tinham nenhum ou pouco conhecimento, o que pode ter deixado uma semente de reflexão nesses jovens.

De acordo com Thiollent (2011), uma especificidade da pesquisa-ação é o relacionamento entre dois tipos de objetivos: o objetivo prático e o objetivo de conhecimento. O objetivo prático refere-se ao levantamento de soluções para ajudar o ator (o público-alvo da pesquisa) a transformar a situação problemática. “É claro que este tipo de objetivo deve ser visto com ‘realismo’, isto é, sem exageros na definição das soluções alcançáveis. Nem todos os problemas têm solução a curto prazo” (Thiollent, 2011, p. 24). Já o objetivo de conhecimento diz respeito à obtenção de informações sobre a situação que com outros métodos não seria possível. “De modo geral considera-se que com maior conhecimento a ação é melhor conduzida. No entanto, as exigências cotidianas da prática frequentemente limitam o tempo de dedicação ao conhecimento. Um equilíbrio entre as duas ordens de preocupação deve ser mantido” (Thiollent, 2011, p. 24). Nesta pesquisa, o objetivo prático (de capacitar os estudantes a compreender estratégias textuais de desinformação) está em consonância com o objetivo de conhecimento, que será o legado deixado pela aplicação da pesquisa com seus resultados e conclusões construídas pela pesquisadora após enfrentar os obstáculos que a rotina escolar impõe.

Thiollent (2011) ressalta ainda que os objetivos da pesquisa-ação estão relacionados a três aspectos: resolução de problemas, tomada de consciência e produção de conhecimento. O pesquisador afirma que muitas pesquisas só conseguem alcançar um ou dois

desses três aspectos, mas pondera que com o amadurecimento metodológico necessário é possível englobar todos eles. Como será possível ver na seção dos resultados, houve um avanço na tomada de consciência dos estudantes em relação aos perigos da desinformação, o que também está relacionado à resolução do problema.

O objetivo desta pesquisa é elaborar uma proposta pedagógica para capacitar os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental a analisar criticamente as estratégias textuais utilizadas em textos digitais nativos que promovem desinformação. Para dar conta desse objetivo, será realizada uma pesquisa do tipo pesquisa-ação, de natureza aplicada e de abordagem qualitativa.

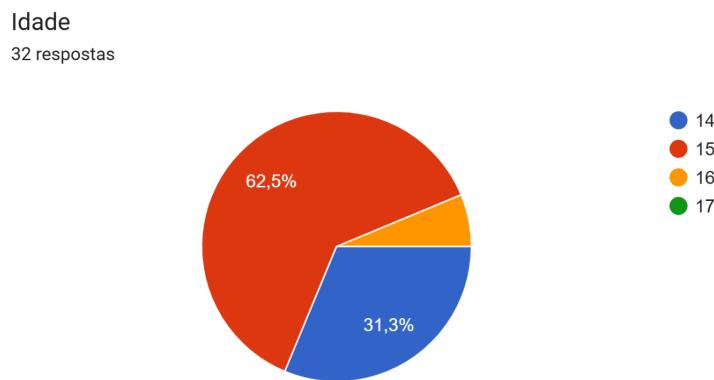
Nas próximas seções, será apresentada, de forma detalhada, a construção da pesquisa, ou seja, os passos metodológicos que foram adotados durante a investigação realizada em uma escola da rede estadual de ensino, localizada em Fortaleza.

3.1 Contexto da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida com alunos do 9º ano do turno da manhã, que frequentavam as aulas de Língua Portuguesa e estavam regularmente matriculados na Escola Estadual Anísio Teixeira, da rede pública estadual de ensino, localizada no bairro Panamericano, em Fortaleza-CE. Por envolver seres humanos, a pesquisa passou por avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e recebeu parecer com aprovação (número do parecer: 7.343.752). De acordo com o parecer, a pesquisa apresenta tema relevante; o objeto de estudo está adequadamente fundamentado em revisão bibliográfica atual; os objetivos estão apresentados e são claros e factíveis; e o método está adequadamente detalhado, fundamentado nos princípios da ética em pesquisa.

A turma de 9º ano que participou da pesquisa contava com cerca de 35 alunos matriculados, com faixa etária entre 14 e 16 anos (dados retirados do Questionário Diagnóstico), moradores do entorno da escola. A maioria dos alunos, tendo em vista sua idade e seu contexto social, mora com os pais e/ou avós e apenas estuda. No geral, a turma contava com frequência alta, tendo apenas três alunos faltosos.

Gráfico 2 - Faixa etária dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaboração da autora

Os alunos participantes da pesquisa desenvolveram as atividades propostas pela pesquisadora por meio de uma intervenção pedagógica realizada durante 21 horas/aula. É importante ressaltar que essa turma contava com 6 horas semanais de aulas de Língua Portuguesa, as quais eram segmentadas em 50 minutos distribuídos em quatro dias letivos. E mesmo aquelas que eram no mesmo dia não eram sequenciais, ou seja, a cada retorno à sala de aula, a pesquisadora precisava organizar a turma e fazer os estudantes se concentrarem novamente nas atividades. Além disso, por imprevistos da rotina escolar, nem sempre era possível utilizar todas as seis aulas durante a semana. Isso implicou na duração de seis semanas para a realização completa da pesquisa.

O perfil socioeconômico de acesso a tecnologias e os conhecimentos midiáticos e informacionais dos estudantes participantes da pesquisa foram avaliados através das respostas advindas de Questionário Diagnóstico. Essas respostas são importantes para conhecer o perfil dos participantes da pesquisa e serão analisadas no capítulo Análise e Discussão de Resultados.

3.2 Descrição da geração de dados

O material analisado na pesquisa abrange as atividades de leitura e compreensão realizadas pelos estudantes que participaram das oficinas da intervenção pedagógica, na qual foram usados textos analisados pela agência de checagem Aos Fatos e disponibilizados no site oficial da agência. Essa intervenção teve o objetivo de ensinar a identificar as estratégias textuais de desinformação por meio de aulas expositivas e atividades de leitura e compreensão

textual. A intervenção foi dividida da seguinte forma: apresentação da pesquisa e aplicação de questionário diagnóstico (3 horas/aula); oficina sobre direito à comunicação, regulação da internet e desinformação (4 horas/aula); oficina sobre intertextualidades (6 horas/aula); oficina estratégias textuais de desinformação (8 horas/aulas).

A primeira etapa foi a apresentação da pesquisa e aplicação de Questionário Diagnóstico. Para essa etapa, o plano era realizar a apresentação dos objetivos e do cronograma da pesquisa, assim como apresentar o Questionário Diagnóstico, criado na plataforma Google Formulários. Para isso, foi necessário o uso de computadores com acesso à Internet.

Figura 13 - Preenchimento do Questionário Diagnóstico no Sala de Informática da escola.



Fonte: Elaboração da autora.

Inicialmente, a pesquisadora fez uma breve apresentação da pesquisa ressaltando os benefícios para os participantes e a importância da temática abordada. Além disso, a pesquisadora explicou aos alunos o que era o Google Formulário e passou orientações sobre os tipos de questões que os estudantes iriam responder. O formulário (Apêndice B) foi construído com questões fechadas e abertas. Dentre as questões fechadas havia aquelas em que era possível selecionar apenas uma alternativa e aquelas em que era possível selecionar mais de uma resposta. É importante ressaltar que as questões fechadas possuíam a alternativa “Outro”, por meio da qual os estudantes poderiam inserir uma resposta diferente das opções disponíveis. A pesquisadora construiu o questionário buscando abranger as respostas mais prováveis e lógicas para o contexto, mas, como não é possível prever todas as possibilidades, foi importante deixar essa margem para a contribuição dos estudantes, mesmo que tenham ocorrido algumas respostas inadequadas ou com caráter de brincadeira.

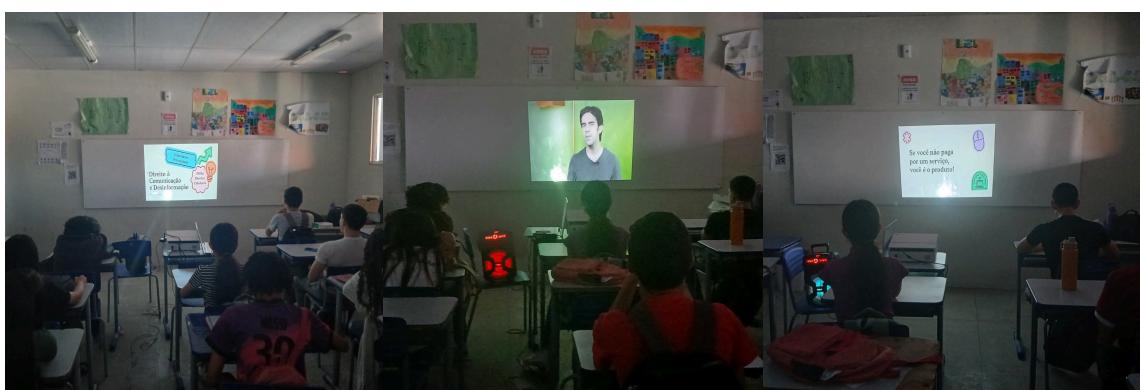
Ao buscar construir o perfil de acesso a tecnologias e conhecimentos midiáticos, a pesquisadora construiu perguntas sobre os dispositivos eletrônicos e o tipo de Internet aos

quais os alunos tinham acesso, os lugares onde eles acessavam a Internet, a frequência de acesso e as mídias pelas quais eles se informavam. Além disso, a pesquisadora também buscou saber detalhes do comportamento deles em relação ao recebimento e ao compartilhamento de informações: se eles checam as informações que chegam até eles; se eles checam as informações antes de compartilhar com outras pessoas; se eles já foram vítimas de alguma notícia falsa; se já compartilharam notícias falsas com outras pessoas; e quais estratégias eles usam para evitar serem enganados por alguma desinformação.

Os alunos foram direcionados ao Laboratório de Informática da escola. No entanto, o espaço não contava com computadores suficientes para todos os 32 estudantes da turma que estavam presentes naquele dia. Então, eles precisaram se revezar no uso dos computadores. Enquanto uma parte da turma respondia ao questionário, a outra parte aguardava inquieta. A pesquisadora tentou acompanhar de perto todos os estudantes durante o preenchimento para tirar dúvidas e evitar respostas inadequadas por falta de compreensão do questionário e da ferramenta, mas foi uma meta complicada. Muitos estudantes enviaram as respostas antes que a docente pudesse checar o preenchimento correto de todas as questões. No geral, houve poucas respostas que desviavam do objetivo da atividade e foi possível conseguir informações relevantes para a pesquisa.

A próxima etapa foi a oficina sobre Direito à Comunicação e Desinformação. O objetivo dessa etapa foi promover a reflexão entre os estudantes sobre como a Comunicação deve ser vista como um direito humano, a importância da democratização dos meios de comunicação, a diferença entre censura e regulamentação da mídia e da Internet. Para isso, demonstrou-se o quanto a desinformação é um perigo para a democracia, podendo afetar a todas pessoas, inclusive as mais humildes.

Figura 14 - Realização da oficina Direito à Comunicação e Desinformação.



Fonte: Elaboração da autora.

Para esse momento de aulas expositivas, a pesquisadora utilizou como fonte principal a cartilha “Desinformação, ameaça ao direito à comunicação, muito além das fake news”, do Intervozes - Coletivo Brasil de Comunicação Social (2019), organização que trabalha pela efetivação do direito humano à comunicação no Brasil. Apesar das explicações serem expositivas, a pesquisadora buscou fomentar o debate e a participação dos estudantes nas discussões.

Para entender a comunicação como direito, foi preciso fazer um histórico dos avanços em relação a essa questão. Os estudantes foram informados de que o direito à informação e a liberdade de opinião e expressão foram incluídos na Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948. O artigo 19 versa: “Todos têm o direito à liberdade de opinião e expressão. Este direito inclui a liberdade de expressar opiniões sem interferência e de buscar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e sem limitações de fronteiras”. Por outro lado, a pesquisadora ressaltou aos estudantes que o direito à informação e a liberdade de expressão eram conceitos insuficientes para contemplar as garantias necessárias ao exercício da comunicação. Com isso, mostrou-se que o direito à comunicação é essencial para o pleno desenvolvimento deles como cidadãos, pois tem como objetivo a democratização da informação e a garantia de espaço para múltiplas vozes.

Os estudantes apresentaram dificuldade de entender a palavra “democratização”, por isso foi importante mostrar para eles que democratizar é possibilitar que toda pessoa possa ter voz, e não somente de consumir conteúdo produzido por outro. Essa linha de raciocínio leva exatamente para o debate sobre a democratização dos meios de comunicação. Nesse momento, a pesquisadora perguntou a um estudante se ele considerava aceitável que o dono de um canal de televisão veiculasse o que quisesse. O estudante respondeu que sim, afinal ele era o “dono”, então teria autonomia para fazer o que bem entendesse. A pesquisadora questionou ainda se ele achava que poderia opinar sobre a programação desse canal. O estudante disse que não porque ele não pagava. Ele não se enxergava como alguém que teria direito a questionar as decisões do dono de um canal de televisão. Após essa resposta, a pesquisadora explicou que os sinais de televisão e rádio precisam passar pelo espectro eletromagnético, um espaço que é um bem público. Nenhum dos estudantes fazia ideia de que as emissoras não têm a posse dos canais hospedados nesse espectro e que, na verdade, recebem autorização do Estado brasileiro para poder usá-lo por um tempo determinado. A pesquisadora ressaltou que, por serem concessões públicas, a população pode sim opinar e exigir que os conteúdos veiculados prezem pelo interesse público e não o de particulares.

Com isso posto, foi o momento de debater sobre a diferença entre regulação e censura. As empresas de TV e rádio deveriam prestar um serviço à população, com regras, normas e obrigações. No entanto, sem regulação, elas podem usar um bem público para interesses econômicos e políticos próprios. A regulação é o ato de afinar, melhorar, estabelecer regras para garantir o bom funcionamento e para que todos possam usufruir do direito à comunicação. Nesse momento, uma estudante pontuou que já vira no YouTube um compilado de publicidades extremamente problemáticas veiculadas na televisão brasileira em décadas passadas e contou como ficou surpresa em saber que conteúdos daquele tipo eram exibidos na TV aberta. O testemunho da aluna foi um ótimo exemplo da importância da regulação. Os estudantes começaram a perceber que os meios de comunicação precisam ser sim supervisionados pelos cidadãos.

A regulação dos meios de comunicação envolve também a veiculação de desinformação. Como foi dito no tópico da Fundamentação Teórica, a veiculação de informações falsas não é algo novo. A pesquisadora trouxe como exemplo dois casos de boatos citados pela cartilha do Intervozes. O primeiro foi o caso da dramatização do livro de ficção científica “A Guerra dos Mundos”, que foi ao ar na emissora de rádio CBS. Produzida por Orson Welles, a transmissão foi tão realista que espalhou pânico pelas ruas dos EUA. O segundo caso foi brasileiro e se passou no Estado de Pernambuco. O boato do rompimento da barragem de Tapacurá causou desespero em pessoas que moravam em Recife diante de uma possível inundação. A Rádio Olinda divulgou o boato sem a devida averiguação dos fatos, o que aumentou ainda mais o clima de terror entre os moradores de Recife.

Além desses dois exemplos, a pesquisadora exibiu a reportagem do programa dominical Fantástico⁵, da Rede Globo, sobre a mulher que sofreu linchamento público por causa de um boato. Os estudantes ficaram impressionados com o caso, que ocorreu em uma comunidade humilde como a deles. Neste caso, o retrato falado de uma suposta sequestradora de criança foi compartilhado no Facebook. A vítima foi apontada como criminosa enquanto caminhava pela ruas da sua comunidade. Um grupo de pessoas a perseguiu e a espancou até a morte enquanto muitos outros observavam e filmavam o ocorrido. A reportagem fez o paralelo desse caso com a novela “Travessia”, produzida e exibida pela emissora, na qual a protagonista passa por situação parecida e escapa com vida por muito pouco. O interessante da trama é que eles atualizaram a fonte da desinformação (um retrato falado, no caso real) para uma imagem criada por meio de *deepfake*, técnica realizada por meio de Inteligência Artificial em que é possível reproduzir vozes e feições humanas.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9HEgiISlh4&rc0=1>. Acesso em: 03 mai 2025.

Esses casos serviram como base para a introdução de reflexão sobre desinformação com estudantes. Primeiramente, falou-se sobre o termo *fake news*, com o qual os estudantes tinham mais familiaridade. A pesquisadora explicou que o termo ganhou popularidade em 2016, após Donald Trump utilizá-lo para desqualificar informações que não favoreciam sua campanha durante a eleição presidencial dos EUA daquele ano. Com isso, o termo ficou mais associado à promoção de desinformação que ao combate dela. Durante essa eleição, conteúdos de desinformação circularam na forma de textos, vídeos e áudios por meio de redes sociais. O mesmo ocorreu durante a realização de referendos sobre a saída do Reino Unido da União Europeia, o chamado “Brexit”, e acerca do acordo de paz na Colômbia, ambos também em 2016. Além disso, esses casos estão envolvidos com o escândalo da empresa britânica Cambridge Analytica, que utilizou indevidamente os dados de milhões de usuários do Facebook para marketing político, evidenciando uma enorme vulnerabilidade no direito à privacidade das pessoas cada vez mais refém do monopólio das grandes empresas de tecnologias.

Afinal, a desinformação está associada à coleta e comercialização de dados pessoais. Por isso, a pesquisadora ressaltou aos estudantes que, quando eles utilizam redes sociais ou mesmo buscadores na Internet, são produzidos dados que são armazenados pelos ofertantes desses serviços. Tais dados são utilizados para gerar mensagens segmentadas e direcionadas para pessoas diferentes a partir das informações reunidas sobre elas, na maioria das vezes sem o seu conhecimento e consentimento. Inclusive uma das perguntas dos questionário diagnóstico é se eles já teriam se sentido vigiados como se alguém tivesse acesso a suas conversas pessoais. Ao questionar aos estudantes sobre o que eles achavam que era direito à privacidade, uma aluna fez um paralelo com o seu quarto, que ela se sentia muito incomodada quando entravam em seu quarto sem seu consentimento. A pesquisadora reforçou que, da mesma forma que o quarto, um ambiente de maior intimidade para as pessoas, os dados pessoais não deveriam, mas também correm o risco de serem violados.

A partir desse gancho, a pesquisadora apresentou à turma a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), sancionada em agosto de 2018, que estabelece mecanismos protetivos baseados no respeito à privacidade, na autodeterminação informativa, na inviolabilidade da intimidade, da honra e da imagem e no exercício da cidadania. A pesquisadora apresentou um vídeo explicativo sobre a LGPD, de um canal do YouTube TecMundo⁶.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oFRROvMVUWQ>>. Acesso: 3 mai 2025.

A terceira etapa foi a realização da oficina sobre Intertextualidades. Para essa etapa, foi criado material didático, com seis páginas no formato A4, para introduzir aos estudantes o conceito de Intertextualidades. Esse material didático compõe o Módulo 1 do Caderno Pedagógico, disponível no Apêndice A. Todos os textos aqui citados podem ser conferidos nessa seção. Para isso, foram selecionados seis tipos de intertextualidades dentre as conceituadas por Carvalho (2018): citação, paráfrase, alusão, paródia, transposição, imitação. Foram selecionados textos de diferentes semioses para exemplificar as situações de intertextualidade: poema, letra de música, tirinha, charge, memes etc. O material didático foi elaborado de tal forma que os estudantes fossem levados a construir eles próprios os conceitos, sempre partindo da análise dos textos para, a partir daí, refletir sobre suas características e tipo de relações entre textos era possível perceber.

De início, a ideia foi trazer um exemplo de texto que conversasse rapidamente com a bagagem cultural dos alunos, por isso optamos pelo meme Monagrossa⁷, que constrói seu conteúdo como uma paródia do quadro Monalisa. As perguntas iniciais foram construídas para sondar os alunos sobre quais referências eles poderiam perceber na imagem. O intuito foi reforçar que uma imagem pode fazer referências a diversos tipos de elementos como obras de arte e até mesmo personalidades reais.

A partir dessa constatação, o material didático mostra que essas referências de um texto em outro, seja ele verbal ou não-verbal, são chamadas de intertextualidades. Ainda sem revelar conceitos, foi proposta a leitura do poema de Camões e da letra da música “Monte Castelo” da banda Legião Urbana, para se chegar ao conceito de citação. Em seguida, a atividade trouxe a leitura de uma tirinha da Turma da Mônica⁸ e do poema “Canção do Exílio” como exemplo de alusão. Para o conceito de paráfrase, o material propôs a leitura do Hino Nacional Brasileiro em referência também ao “Canção do Exílio”.

Para o conceito de paródia, além de retomar o meme Monagrossa que abriu o material, também houve a análise de uma charge do cartunista Paixão⁹, que faz referência ao

⁷ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=495008494521996&id=107583013264548&set=a.109882643034585>>. Acesso em: 3 mai 2025.

⁸ Disponível em:

<<https://www.meutimao.com.br/forum-do-corinthians/humor/947613/tirinha-do-mauricio-de-souza>>. Acesso em: 3 mai 2025.

⁹ Disponível em:

<https://www.reddit.com/r/brasil/comments/u0uc84/o_grito_no_supermercado_l%C3%A1grimas_sobre_tela/>. Acesso: 3 mai 2025

quadro “O grito”, do pintor norueguês Edvard Munch¹⁰. A obra também foi o texto-fonte para a franquia de filmes de terror “Pânico”, exemplo de transposição. Por fim, para dar gancho para o tema da oficina seguinte, foi proposta a leitura de um *print* de uma notícia falsa sobre a suposta morte do então ex-presidente Lula¹¹ para exemplificar intertextualidade por imitação.

O material didático sobre Intertextualidades foi aplicado em sala de aula em seis horas/aula de forma não contínua, 50 minutos por vez. As principais dificuldades envolveram indisciplina, conversas paralelas e uso do celular durante as aulas. O ritmo quebrado prejudicava o andamento do conteúdo, porque, toda vez que entrava na sala de aula, a pesquisadora precisava organizar a turma, exigir concentração, fazer chamada e distribuir o material nas mãos dos alunos. Quando a aula era logo após o intervalo, os estudantes voltavam ainda mais agitados, o que aumentava o tempo de organização da sala. O resultado das atividades será analisado no capítulo de Análise e Discussão dos Resultados.

A quarta etapa foi a oficina sobre as Estratégias Textuais de Desinformação. Para essa etapa, foi criado material didático, com oito páginas no formato A4, para introduzir aos estudantes as categorias propostas por esta pesquisa. Esse material didático compõe o Módulo 2 do Caderno Pedagógico, disponível no Apêndice A. Todos os textos aqui citados podem ser conferidos nessa seção. Foram selecionados textos de desinformação analisados pela agência de checagem Aos Fatos, retirados do site oficial da agência. Além dos *prints* com a desinformação, também foram disponibilizados no material o parecer da agência.

Conforme dito anteriormente, esta pesquisa propôs três categorias textuais de desinformação: mimese, imprecisão e adulteração. Os exemplos selecionados do site da agência abrangem diversos tipos de situações e tornaram as atividades bastante contextualizadas com a realidade dos estudantes. Para a categoria de mimese, foram selecionadas três desinformações: uma postagem de uma notícia supostamente veiculada pelo portal de notícia g1 sobre a morte do presidente Lula; um anúncio de promoção de passagens supostamente da empresa aérea Latam; e uma notícia supostamente publicada no site do g1 sobre o resgate de dinheiro no Banco Central. As duas últimas foram tentativas de golpes financeiros e causaram transtornos para muitas pessoas. Esses tipos de golpes são muito comuns e é fundamental preparar os estudantes para evitar serem futuras vítimas. As perguntas do material didático foram elaboradas para levar os estudantes a analisar as imagens

¹⁰ Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/efe/2019/03/22/museu-britanico-sugere-que-figura-de-o-grito-talvez-nao-esteja-gritando.htm>>. Acesso em: 3 mai 2025

¹¹ Disponível em: <<https://www.institutolula.org/falso-post-patrocinado-no-facebook-fala-da-morte-de-lula>>. Acesso em: 3 mai 2025.

e perceber a imitação de elementos da identidade visual tanto do portal de notícia quanto da empresa aérea e a tentativa fraudulenta de enganar as pessoas.

Para a categoria imprecisão, foram selecionadas duas fotos e um vídeo de uma reportagem que foram compartilhados fora de contexto e com informações falsas para levar as pessoas ao erro. O primeiro caso foi de uma imagem em prol da candidatura de Pablo Marçal à Prefeitura de São Paulo, na qual uma fotografia antiga da Parada do Orgulho LGBTQIA+ foi utilizada para dar a entender que a multidão na avenida Paulista era supostamente de apoiadores de Marçal. A atribuição de contexto errôneo a imagens é uma problemática recorrente na Internet.

O segundo caso diz respeito a imagens de Boulos em evento da comunidade libanesa no Brasil. As imagens foram compartilhadas com texto que afirma que Boulos apoiou o Hamas e que as imagens seriam a prova disso. No entanto, o evento em que Boulos estava presente não tinha nenhuma relação com o Hamas. O terceiro caso foi de uma reportagem da TV Verdes Mares sobre as urnas eletrônicas. O texto que acompanha o vídeo com a reportagem afirma que 6 mil urnas foram trocadas em Fortaleza antes das eleições, mas em nenhum momento a reportagem afirmou essa informação.

Por fim, a categoria adulteração é exemplificada em duas situações. A primeira é uma entrevista de Guilherme Boulos que foi adulterada por meio de cortes nas falas do político, mudando o sentido do posicionamento original. O segundo exemplo também foi criado a partir de uma entrevista real. No entanto, diferentemente do caso de Boulos, usou-se Inteligência Artificial para criar novas falas com a voz do jogador Vini Jr e novos movimentos faciais para combinar com as falas. Esse último recurso é ainda mais sofisticado e cada vez mais comum. A leitura e a interpretação do parecer da agência Aos Fatos foi importante para que os estudantes entendessem o caso e quais foram as informações falsas envolvidas.

Assim como na oficina de Intertextualidades, o material didático sobre as estratégias textuais de desinformação foi aplicado em sala de aula em oito horas/aula de forma não contínua, 50 minutos por vez. Os problemas enfrentados foram semelhantes aos da oficina anterior: indisciplina, conversas paralelas, uso excessivo do celular e o ritmo quebrado das aulas. Além disso, em algumas aulas, houve resistência de alguns alunos, pois queriam aproveitar a aula de Língua Portuguesa para conversar sobre um evento escolar para o qual precisavam planejar uma apresentação, mas a pesquisadora não liberou as aulas para não prejudicar ainda mais o ritmo das oficinas. A análise de respostas dos estudantes será feita no capítulo Análise e Discussão dos Resultados.

3.3 Descrição da Análise dos Dados

Nesta seção, serão descritos os procedimentos adotados com o intuito de realizar a análise dos dados obtidos. O Questionário Diagnóstico, construído na ferramenta on-line Google Formulários, conta com questões de múltipla escolha (tanto do tipo no qual só se pode escolher uma opção como do tipo em que se pode escolher mais de uma opção) e questões abertas. Os dados das questões de múltipla escolha serão apresentados por meio de gráficos gerados pela própria ferramenta, sendo as questões com possibilidade de mais de uma resposta em gráficos de barras e as questões com resposta única em gráfico de pizza. Já os dados das questões abertas foram sistematizados em um quadro pela própria pesquisadora.

Nas oficinas sobre Intertextualidades e Estratégias Textuais de Desinformação, foram trabalhados materiais didáticos impressos e produzidos pela própria pesquisadora. As respostas dos estudantes, escritas à mão no material, serão apresentadas digitalizadas em quadros, elaborados pela própria pesquisadora. Diferentemente dos dados provenientes dos questionários on-line, a pesquisadora precisou digitalizar as respostas a partir da escrita dos alunos, o que apresentou um grande desafio por causa da dificuldade de entendimento da caligrafia de alguns alunos.

No próximo capítulo, serão analisados os resultados obtidos durante a aplicação desta pesquisa por meio do Questionário Diagnóstico e dos dois módulos do Caderno Pedagógico, sendo o primeiro voltado para as Intertextualidades e o segundo para as Estratégias Textuais de Desinformação.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão analisados e discutidos os resultados obtidos por meio da aplicação desta pesquisa. Os primeiros resultados discutidos foram as respostas da turma de 9º ano do Ensino Fundamental ao Questionário Diagnóstico que visava trazer um perfil dos participantes da pesquisa. Os resultados serão apresentados por meio de gráficos e tabelas, referentes, respectivamente, a perguntas fechadas e abertas, respondidas pelos 32 participantes. Em seguida, serão analisadas as respostas de 10 estudantes a atividades selecionadas do material didático sobre Intertextualidade, que está disponível integralmente no Módulo 1 do Caderno Pedagógico (Apêndice A). Por fim, será feita análise e discussão das respostas de 10 participantes da pesquisa a atividades selecionadas do material didático sobre as Estratégias Textuais de Desinformação, que está disponível completo no Módulo 2 do Caderno Pedagógico. As respostas dos estudantes, escritas à mão em ambos os materiais, serão apresentadas digitalizadas em quadros, elaboradas pela própria pesquisadora.

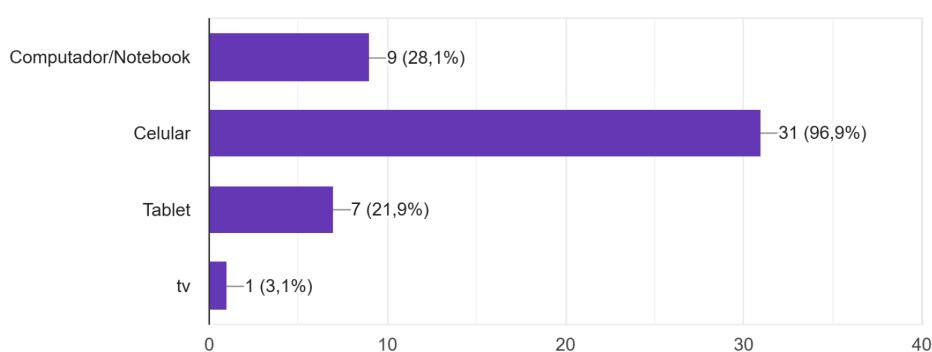
4.1 Questionário Diagnóstico

Nesta seção, será analisado o perfil socioeconômico de acesso a tecnologias e os conhecimentos midiáticos e informacionais dos participantes da pesquisa, a partir de dados coletados por meio de Questionário Diagnóstico criado na plataforma Google Formulários. O primeiro grande questionamento ao conhecer o público em questão, é saber por meio de quais dispositivos eletrônicos, os participantes têm acesso à Internet. O uso de celular é praticamente uma unanimidade entre os estudantes, tendo 96,9% do total afirmado utilizarem esse recurso, como é possível ver no Gráfico 3, a seguir.

Gráfico 3 - Você acessa a Internet por meio de quais dispositivos?

Você acessa a Internet por meio de quais dispositivos?

32 respostas



Fonte: Elaboração da autora.

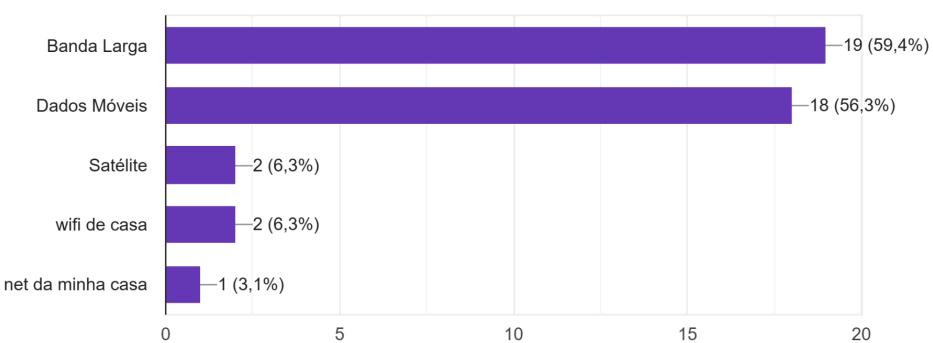
Esse dado vai ao encontro do próprio perfil de conectividade dos brasileiros. De acordo com o estudo Síntese de Indicadores Sociais (SIS) do IBGE (2024), que apresenta dados referentes a 2023, 98,2% da população brasileira possui ao menos um celular em casa. Mesmo entre a parcela que vive na extrema pobreza esse número é elevado, correspondendo a 94,2%. O número de residências sem geladeira, um objeto extremamente necessário para a rotina das famílias brasileiras, é maior que aquelas que não contam com um celular, conforme o SIS. Isso se deve pela facilidade de acesso a esse bem em comparação a outros dispositivos, como um notebook ou computador, aos quais apenas 28,1% dos estudantes utilizam. A popularização do uso do celular e a Internet via Dados Móveis teve como impacto a ampliação do acesso à Internet pela população com poucos recursos financeiros. Ainda analisando as respostas dos estudantes, é possível ver que o *tablet* aparece como dispositivo que 21,9% têm acesso. É interessante ressaltar que, em muitas residências de estudantes de escolas públicas há a presença de *tablets*. Houve uma iniciativa de democratização do acesso à Internet por parte do Governo do Estado do Ceará, com a qual foram distribuídos *chips* e *tablets* para os estudantes dos 1º e 2º anos do Ensino Médio das escolas estaduais. Por mais que o público da pesquisa não fosse alvo, algum familiar como irmãos ou primos, podem ter sido beneficiados e, por meio deles, esses estudantes tiveram acesso.

A Banda Larga e os Dados Móveis (3G e 4G) se configuraram como os principais tipos de Internet utilizadas pelos estudantes, como é possível no Gráfico 4. A presença de algum tipo de Internet em casa foi quase uma unanimidade entre os participantes da pesquisa (Gráfico 5). Além disso, espaços como casas de vizinhos e parentes, a escola e locais públicos (praças e outros equipamentos públicos) também aparecem como fontes de acesso à Internet para os participantes da pesquisa.

Gráfico 4 - Que tipo de Internet você tem acesso?

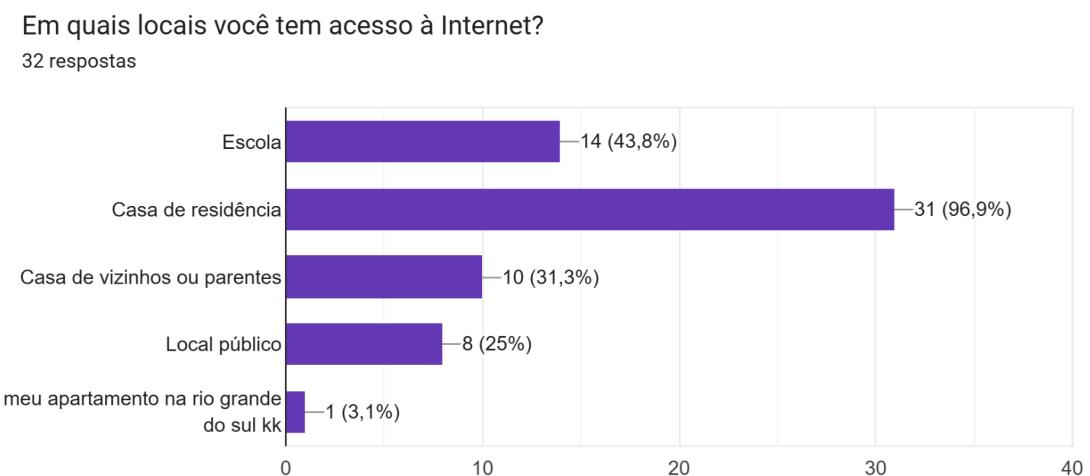
Que tipo de internet você tem acesso?

32 respostas



Fonte: Elaboração da autora

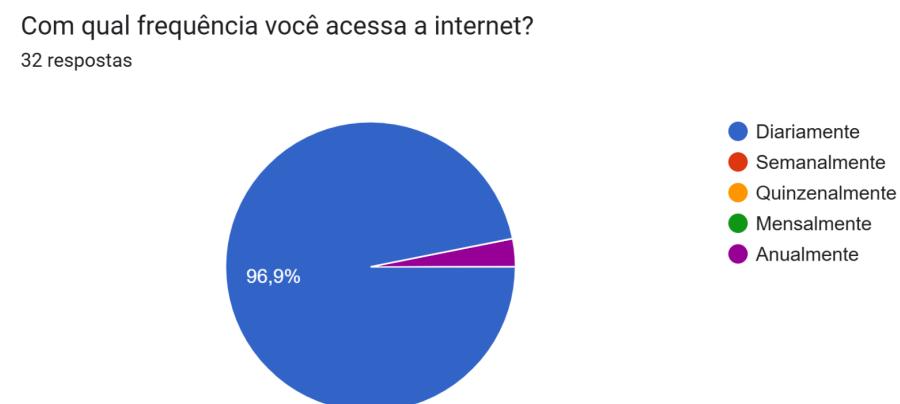
Gráfico 5 - Em quais locais você tem acesso à Internet?



Fonte: Elaboração da autora

Outra unanimidade nas respostas dos estudantes foi o acesso diário à Internet. Apesar de o Gráfico 6 apresentar uma resposta “Anualmente”, a pesquisadora concluiu que se trata de uma resposta falsa intencional por parte de um dos participantes. Por isso, é possível afirmar que todos jovens participantes não passam um dia sem estarem conectados à Internet.

Gráfico 6 - Com qual frequência você acessa a Internet?

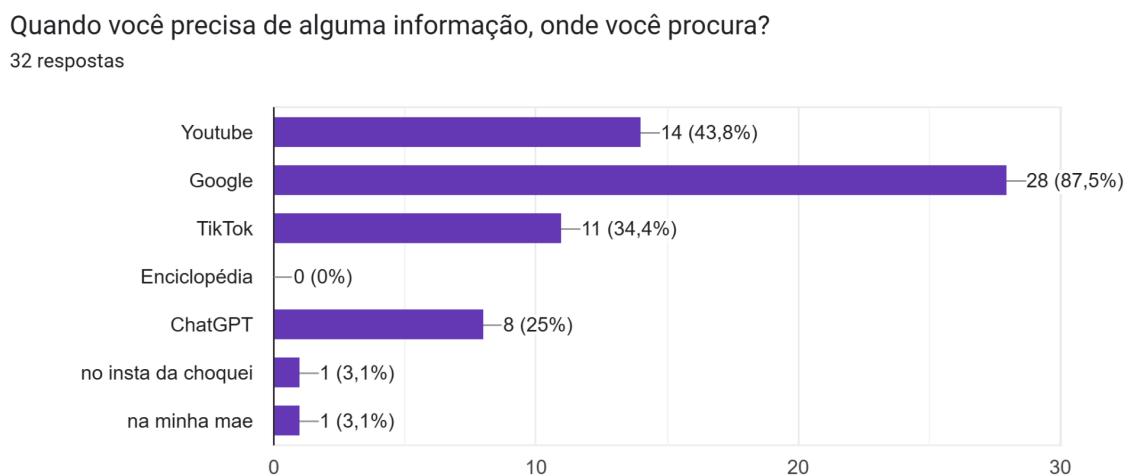


Fonte: Elaboração da autora

De acordo com a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2024, 95% das crianças e dos adolescentes entrevistados acessam diariamente a internet, sendo 85% mais de uma vez ao dia. Os acessos ocorrem pelas plataformas Whatsapp, Youtube, Instagram e TikTok.

A presença forte das mídias sociais também aparece nas respostas dos estudantes participantes desta pesquisa, como é possível ver no Gráfico 7. Ao serem questionados sobre onde buscam informações, o buscador do Google surge em 87,3% das respostas. Também marcaram forte presença o Youtube, o TikTok e o ChatGPT. Dentre as respostas espontâneas, surgiu o perfil da “Choquei” no Instagram. Apesar de a pesquisadora não ter previsto inicialmente essa resposta, foi interessante esse apontamento por parte de um estudante. Os chamados canais de fofocas, como o “Choquei”, antes especialistas em assuntos de amenidades como a vida de celebridades, ganharam muito espaço e audiência nos últimos anos, passando a se ocupar de cobrir assuntos sociais, políticos e econômicos. Atualmente, o perfil da “Choquei” no Instagram conta com quase 25 milhões de seguidores.

Gráfico 7 - Quando você precisa de alguma informação, onde você procura?

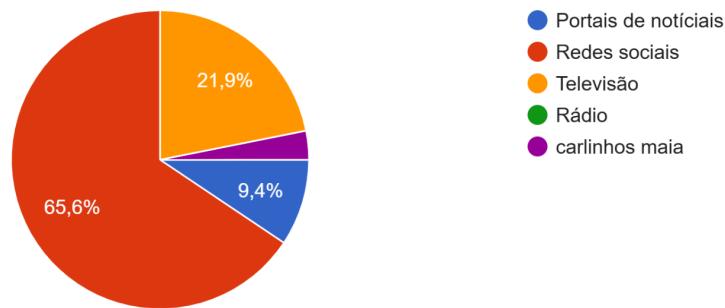


Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 8 - Qual o principal meio pelo qual você tem acesso a notícias?

Qual o principal meio pelo qual você tem acesso a notícias?

32 respostas



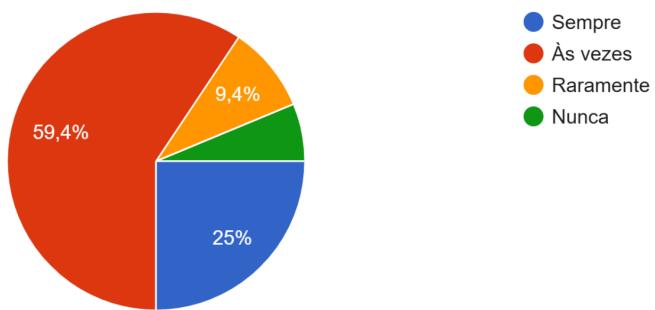
Fonte: Elaboração da autora

Ao destacar qual o principal meio pela qual tem acesso a informações, 65,6% dos estudantes responderam que eram as redes sociais. Apenas 21,9% assinalaram a Televisão, e 9,4% disseram Portais de Notícias. Um acréscimo às opções propostas pelo questionário foi o nome Carlinhos Maia, um influenciador digital brasileiro, que conta com quase 34 milhões de seguidores no Instagram.

Gráfico 9 - Você costuma verificar as informações que chegam a você pelas redes sociais?

Você costuma verificar as informações que chegam a você pelas redes sociais?

32 respostas

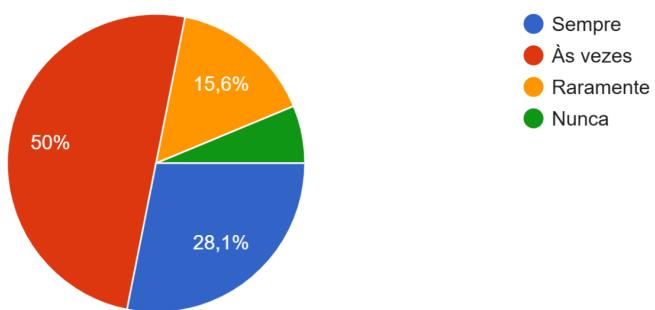


Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 10 - Você verifica se uma informação é verdadeira antes de compartilhar com outras pessoas?

Você verifica se uma informação é verdadeira antes de compartilhar com outras pessoas?

32 respostas



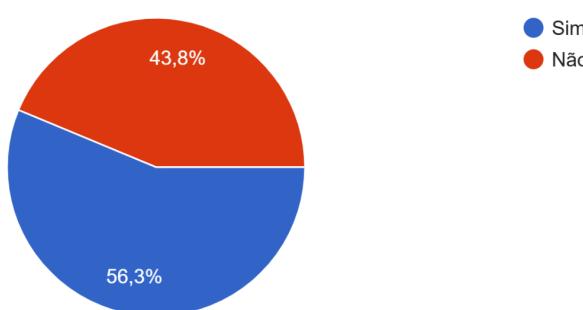
Fonte: Elaboração da autora

A cultura de verificação de informações mostrou-se pouco presente entre os estudantes participantes da pesquisa, conforme é possível verificar nos gráficos 9 e 10. Apenas 25% afirmaram sempre verificar as informações que chegam até eles, enquanto 59,4% fazem isso às vezes. E quando se trata das informações que eles compartilham, apenas 28,1% sempre fazem a checagem. Metade dos participantes somente checam a veracidade das informações que compartilham às vezes. Esse dado é preocupante ainda mais levando em conta que a maioria dos participantes (56,3%), já compartilhou informações falsas anteriormente, como é possível ver no Gráfico 11.

Gráfico 11 - Você já compartilhou uma informação sem checar se era verdadeira e depois descobriu que era falsa?

Você já compartilhou uma informação sem checar se era verdadeira e depois descobriu que era falsa?

32 respostas



Fonte: Elaboração da autora

Mesmo que o compartilhamento de informações falsas não tenha sido intencional, é possível notar pelas respostas do questionário a falta de preocupação que erros como esses se repitam. Diante da pergunta “Como você faz para saber se uma informação é verdadeira ou falsa?”, obteve-se as respostas listadas no quadro a seguir.

Quadro 3 - Como você faz para saber se uma informação é verdadeira ou falsa?

Como você faz para saber se uma informação é verdadeira ou falsa?	
1	pesquiso o assunto sobre essa exata informação e ver se em todos falam a mesma coisa e se tem algo dizendo se é confirmado.
2	antes de ter certeza que essa informação seja verdadeira eu analiso a fonte dela, quem a enviou.
3	pesquisando mais sobre ela
4	eu procuro em redes sociais
5	procuro nas redes sociais
6	vou atras de provas pra saber se é real
7	PESQUISO NO GOOGLE
8	vendo a procedencia
9	pesquiso ante
10	pesquisando mais sobre
11	vejo mais noticias pela tv ou em portais de informacoes
12	Não, não compartilho sem saber
13	olho os comentarios
14	preocuro saber mais sobre ela
15	ir mais profundo no caso
16	noticias n
17	não sei.
18	eu nao procuro
19	eu pesquiso sobre o assunto

20	não faço
21	nao teve
22	ir mais profundo
23	eu nao pesquisei sobre
24	eu pesquiso mais sobre o assunto
25	coneferindo as informaçoes
26	proucurar por mais informação sobre
27	Eu verifico as informaçoes
28	vou atras de mais detalhes sobre o assunto
29	procuro saber
30	pesquiso em certos lugares como goggle, ou em certas noticias
31	olho as fontes e vejo os autores datas e etc
32	eu vou atras de alguma fonte confiavel

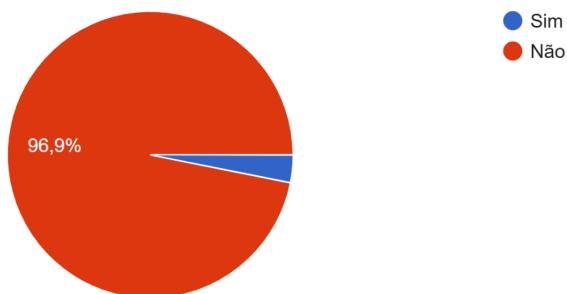
Fonte: Elaboração da autora

Enquanto uns responderam que não fazem ou não sabem como fazer a checagem de informações, alguns estudantes pontuaram que usam as redes sociais como fonte de checagem. Outros ressaltaram o hábito de checar os comentários das postagens, o que demonstra que o próprio público se torna curador das informações e, caso alguém comente sobre algum erro, isso seria uma sinalização para duvidar da informação. No entanto, é importante ressaltar que comentários podem ser apagados e o próprio público pode validar a desinformação por reforçar seu ponto de vista. Ao serem questionados se acreditam em tudo que é compartilhado na internet, foi quase unanimidade entre os estudantes o não (96,9%), como é possível ver no Gráfico 12. Mesmo afirmando não acreditar em tudo que veem on-line, 68,8% disseram já ter sido vítimas de notícias falsas (Gráfico 13).

Gráfico 12 - Você acredita em tudo que é compartilhado na Internet?

Você acredita em tudo que é compartilhado na Internet?

32 respostas

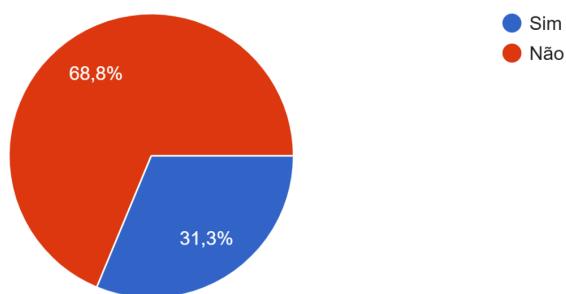


Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 13 - Você já foi vítima de alguma notícia falsa?

Você já foi vítima de alguma notícia falsa?

32 respostas



Fonte: Elaboração da autora

Em relação aos hábitos de compartilhamentos da vida pessoal nas redes sociais, 50% afirmaram ter uma postura “low profile”, que significa pouca produção de conteúdo e postagens, ou seja, uma pessoa que aparece pouco, como pode ser visto no Gráfico 14. Por outro lado, é importante ressaltar que ser “low profile” não significa necessariamente usar pouco as redes sociais ou estar pouco tempo conectado. Muitos deles evitam postar fotos de si por timidez ou até mesmo pouco apreço pela aparência física. Já 46,9% afirmaram compartilhar apenas alguns detalhes da vida pessoal. Por outro lado, o Gráfico 15, mostra que 75% dos entrevistados se sentem vigiados por causa das publicidades direcionadas a eles pelos algoritmos das plataformas de mídias digitais.

Gráfico 14 - Você compartilha todos os detalhes da sua vida nas redes sociais?

Você compartilha todos os detalhes da sua vida nas redes sociais?

32 respostas

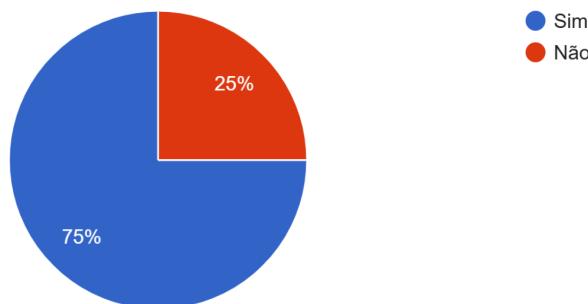


Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 15 - Você já se sentiu vigiado, como se alguém tivesse acesso às suas conversas e atividades realizadas pelo celular?

Você já se sentiu vigiado, como se alguém tivesse acesso as suas conversas e atividades realizadas pelo celular?

32 respostas



Fonte: Elaboração da autora

Na próxima seção, serão analisadas respostas de alguns estudantes a atividades selecionadas do material didático sobre Intertextualidades. O material didático completo está disponível no Caderno Pedagógico (Apêndice A).

4.2 Material Didático sobre Intertextualidades

Nesta seção, serão analisadas respostas de alguns estudantes a atividades do material didático sobre Intertextualidades. Conforme explicado na Metodologia, foram selecionados os materiais em que o aluno respondeu todas as atividades propostas. Com isso, aqueles materiais com respostas em branco foram descartados. Além disso, também foram descartados aqueles materiais que apresentavam de forma evidente a cópia das respostas de outros estudantes. Foram selecionados três exemplos de intertextualidades exploradas no material didático. O material didático completo está disponível no Caderno Pedagógico (Anexo A), e lá é possível checar todas as atividades propostas e exemplos utilizados na aplicação desta pesquisa. O primeiro exemplo é o da letra da música Monte Castelo, da banda Legião Urbana, que faz referência ao poema “O amor é fogo que arde sem se ver” do poeta português Luís de Camões.

Monte Castelo

Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria
É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece
O amor é o fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer
Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria

Amor é fogo que arde sem se ver

Amor é fogo que arde sem se ver

É ferida que dói e não se sente
 É um contentamento descontente
 É dor que desatina sem doer
 É um não querer mais que bem querer
 É solitário andar por entre a gente
 É nunca contentar-se de contente
 É cuidar que se ganha em se perder
 É querer estar preso por vontade
 É servir a quem vence, o vencedor
 É ter com quem nos mata lealdade.
 Mas como causar pode seu favor
 Nos corações humanos amizade,
 Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Quadro 4 - Análise da intertextualidade na letra da música Monte Castelo

Respostas dos alunos ao questionário aplicado na atividade de leitura intertextual da letra da música Monte Castelo		
Aluno	Qual a semelhança que há entre os textos?	De que forma o autor da letra da música utilizou o poema de Camões?
1	As mesmas frases. O amor é fogo que arde sem se ver. É ferida que dói e não se sente. É um descontentamento descontente. É dor que destina sem doer.	Pegou frases do poema e colocou na música.
2	Tem umas frases que são as mesmas e as duas se referem ao amor.	Ele pegou um trecho do poema para combinar Com a música, sem mudar as frases
3	Fala sobre o amor.	Ele pegou os versos do poema e fez uma música.
4	Os dois textos falam sobre amor e sentimentos.	Ele pegou os versos do poema e fez uma música.
5	O sentimento, as palavras, na música tem o poema e no poema tem parte da música.	Copiando palavras que contém no poema, quis também envolver coisas novas e mais sofisticadas na música.
6	Que o trecho da música tem na poesia.	Ele pegou umas partes do poema e criou uma música.

7	Os dois textos apresentam falas contraditórias, sendo que no primeiro texto parte disso é resultado da utilização de alguns versos do segundo texto.	Ele colocou algumas frases do segundo texto no poema dele.
8	Eu reparei que ambos falam sobre amor como também existe umas frases que se repete: Amor é fogo que arde sem se ver, É ferida que dói e não se sente.	Citando, utilizando algumas frases do poema.
9	As frases que estão iguais.	Ele utilizou o poema, sem mudar quase nada e fez suas músicas.
10	Algumas frases se repetem e se parecem.	Ele pegou algumas frases do poema e colocou na música.

Fonte: Elaboração da autora.

A partir da análise das respostas, constata-se que os estudantes perceberam a repetição das frases mesmo sem até então terem sido apresentados ao conceito de citação, um tipo de intertextualidade estrita por copresença (Carvalho, 2018), que se caracteriza pela utilização intacta de um texto anterior em um novo texto. Pelas respostas apresentadas no quadro anterior, é possível constatar que os estudantes perceberam o processo de construção da letra da música a partir do uso de versos do poema de Camões. Essa prática de análise do texto de outrem por parte do autor da letra da música é conhecimento importante para quando eles foram analisar o processo de construção de textos de desinformação, que muitos se utilizam de textos reais para a construção de mentiras.

O segundo exemplo analisado é o da tirinha da Turma da Mônica que faz referência ao poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, ambos reproduzidos a seguir.

Figura 15 - Tirinha Turma da Mônica.



SOUSA, Mauricio de. *O Estado de S. Paulo*, 11 fev. 2006.

Fonte: Maurício de Sousa

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Quadro 5 - Análise da intertextualidade na tirinha da Turma da Mônica

Respostas dos alunos ao questionário aplicado na atividade de leitura intertextual da tirinha da Turma da Mônica		
Aluno	O que você pode perceber após a leitura da tirinha e do poema?	De que forma a tirinha utilizou o poema de Gonçalves Dias?
1	Que a tirinha tirou um trecho do poema só que modificado	Mudou pro sentido de time de futebol.

2	A tirinha faz referência ao poema, mas modificou as frases	Ela utilizou de uma forma diferente do poema, pra trazer humor a tirinha.
3	A rivalidade por causa de time, tipo evitar falar o nome e se vestir das cores rivais.	Ele modificou a palmeira da árvore e mudou o sentido para o time.
4	Um dos cachorros não gosta do Palmeiras.	Usou de forma diferente para mudar o humor da tirinha.
5	Que cada um pode ter o time que quiser e que não podemos ter tanta rivalidade.	Sobre o time amado de cada um e que devemos não ter tanta rivalidade.
6	Que o bidu não consegue falar palmeiras pois não torce para esse time, mesmo não sendo a intensão do poema.	Ele fez uma intertextualidade só que mudou uma palavra para fazer a tirinha divertida.
7	Parte do poema aparece na tirinha, mas com a palavra “Palmeiras” trocada por “Corinthians”.	A tirinha utilizou dois versos do poema, trocaram a palavra Palmeiras por Corinthians.
8	Ele fez uma referência.	Ele modificou alguns pequenos trechos e modificou para time de futebol.
9	A tirinha faz referência ao poema.	Ela usou de forma diferente. Foi uma forma diferente, para causar um humor.
10	Um torcedor do Corinthians que evita falar Palmeiras.	Mudou algumas frases pra fazer graça.

Fonte: Elaboração da autora

No segundo exemplo, a percepção inicial de alguns alunos já está relacionada ao uso do texto de outrem, da referência em si, como é o caso dos alunos 1, 2, 7, 8 e 9. Enquanto os demais, foram mais na interpretação do que acontece na tirinha sem relacionar necessariamente com o poema de Gonçalves Dias. Com a segunda pergunta, que questiona a forma que o poema foi usado na tirinha, a maioria dos alunos apresentou respostas sobre as mudanças feitas no texto original, que se configurou como uma intertextualidade estrita por alusão (Carvalho, 2018). Apenas o estudante 5, insistiu em falar sobre a temática da tirinha de forma isolada sem relacionar com o poema ou demonstrar que compreendeu as formas de apropriação e modificação do texto original.

O terceiro exemplo analisado, foi a charge do cartunista Paixão, que faz referência ao quadro “O grito” do pintor norueguês Edvard Munch. Imagens reproduzidas a seguir nas Figuras 16 e 17.

Figura 16 - Charge do cartunista Paixão



Fonte: Paixão

Figura 17 - Reprodução do Quadro “O Grito”, de Edvard Munch



Fonte: Edvard Munch

Quadro 6 - Análise da intertextualidade na charge O grito no supermercado.

Respostas dos alunos ao questionário aplicado na atividade de leitura intertextual da charge O grito no supermercado		
Aluno	Há semelhanças e diferenças entre as duas imagens? Quais?	Há traço de humor na charge? Qual?
1	Sim, a semelhança é o personagem e a diferença é o cenário.	Sim, já que o personagem vendo os preços dos produtos do supermercado.
2	A modificação foi que os personagens estão num mercado, só repete os personagens.	Pode ser o desespero de ficar no mercado, os preços.
3	Sim, a mudança de cenário mais	Sim, é um pouco engraçada.

	é mesmo personagem.	
4	O personagens, o cenário, a pintura.	Sim, faz uma crítica aos preços do mercado.
5	Sim, é a mesma representativa mas muda o cenário.	Sim, o homem está gritando no corredor do supermercado.
6	Sim, são os mesmos personagens só muda o fundo.	Sim, a arte no mercado.
7	Sim. O personagem é o estilo da pintura, mas o local do personagem é diferente.	Sim, o personagem com um rosto que expressa surpresa ao ver os preços dos produtos.
8	A primeira imagem a pessoa está em uma ponte enquanto na segunda imagem, o mesmo está em um supermercado.	Eu não vejo humor.
9	Sim, as semelhanças são as mesmas imagens, o que muda é que na segunda imagem refizeram o desenho para parecer mais engraçado.	Sim, o traço de humor é como se a figura da imagem estivesse em choque com o mercado.
10	Um quadro é um CLT vendendo o preço da picanha.	Uma crítica humorada ao preços dos produtos.

Fonte: Elaboração da autora

O terceiro exemplo aqui analisado mostra uma intertextualidade por derivação, aquele em que há a transformação do texto original, do tipo paródia, aquela em que há traço humorístico (Carvalho, 2018). A maioria dos estudantes conseguiu perceber que elementos do quatro foram reutilizados na charge e notar semelhanças e diferenças entre as obras. Além disso, muitos também conseguiram perceber o humor da tirinha, característica da paródia, mas poucos registraram explicitamente a crítica presente na charge (apenas estudantes 4 e 10). A importância de trabalhar inicialmente com os estudantes o conceito de paródia e a utilização de forma humorística de textos de outrem se dá porque é um recurso muito utilizado em textos de desinformação, principalmente na era dos chamados “memes” que viralizam e são reproduzidos incansavelmente pelas redes sociais. Os produtores de desinformação sabem do poder desse tipo de conteúdo e adaptam as inverdades que querem propagar a esse estilo. Inclusive no material didático sobre Intertextualidades (disponível no Caderno Pedagógico /

Apêndice A), o primeiro texto trabalhado para introduzir o tema foi justamente um meme “Monagrossa”, conforme já mencionado no capítulo da Metodologia.

Na próxima seção, serão analisadas respostas de alguns estudantes a atividades selecionadas do material didático sobre Estratégias Textuais de Desinformação. O material didático completo está disponível no Caderno Pedagógico (Apêndice A).

4.3 Material Didático sobre Estratégias Textuais de Desinformação

O material didático elaborado para a oficina sobre as estratégias textuais de desinformação baseou-se nas três categorias propostas por esta pesquisa: mimese; imprecisão; e adulteração. Para cada categoria, foram elaboradas atividades de leitura e compreensão compostas por textos analisados pela agência de checagem Aos Fatos. A seguir, serão analisadas as respostas dos estudantes de dois exemplos de cada categoria. O material didático completo deste módulo está disponível no Caderno Pedagógico (Anexo A).

4.3.1 Mimese

O primeiro exemplo de mimese que será analisado neste tópico é um suposto anúncio de promoção de passagens da empresa aérea Latam. O anúncio possui links que redirecionam as pessoas a um site muito similar ao da própria Latam, por meio do qual as informações das pessoas são coletadas por golpistas.

Figura 18 - Exemplo de Mimese em um anúncio falso



Fonte: Aos Fatos.

Quadro 7 - Análise de Mimese em um anúncio falso

Respostas dos alunos ao questionário aplicado na atividade de leitura e compreensão de suposto anúncio de promoção de passagens aéreas.			
Aluno	Que tipo de texto essa imagem tenta imitar?	Que elementos foram usados na imitação?	O você pode concluir em relação a esse caso?
1	Ele imita a propaganda de uma campanha de viagem.	Os preços falsos, a imagem, a fonte, a logo, a imagem.	Que era realmente golpe apenas para ganhar dinheiro.
2	Uma propaganda.	A logo da marca, o avião, a fonte da Latam.	É um golpe pra ganhar dinheiro enganando pessoas
3	Uma imitação de um passagem aérea.	O avião, a logo da Latam e a fonte.	É um golpe que eles fazem para ganhar dinheiro.
4	propaganda enganosa	O avião, a fonte.	É um golpe para ganhar dinheiro.
5	Uma promoção de viagem de avião e ela tenta imitar uma fake news.	A mimese e a fake news	Que é um golpe, e eles fazem que ganhar dinheiro.
6	propaganda, anuncio	A logo “LATAM”, o avião	Que isso é um golpe, feito por pessoa que rouba dinheiro.
7	Uma passagem aérea	O nome de uma empresa aérea, a ilustração de um avião e o valor da pasagem.	Que foi um golpe.
8	Uma propaganda, ela mostra uma oferta barata de passagem de avião.	Imagen, nome da empresa (latam) e como foi escrito.	Golpe, a propaganda foi feita para atrair e pega o dinheiro das tais pessoas que acessarem o link.
9	Propaganda enganosa, fake news	O avião da empresa latam, e fizeram igual os anúncios.	Um golpe para as pessoas se interessar pelo valor bom e dar o pix (a chave) e ficar com os dinheiros, por que é falso.
10	Tentar imitar um anúncio, com promoções falsas para roubar dinheiro de pessoas que não entendem.	A logo da Latam, com noticias falsas, para enganar pessoas inocentes	Tem gente pra tudo e as pessoas tem que prestar mais atenção sobre acreditar em notícias da internet.

11	Um propaganda	O avião e a fonte “Latam” a logo	Foi um golpe
----	---------------	-------------------------------------	--------------

Fonte: Elaboração da autora.

Os estudantes demonstraram boa percepção do gênero anúncio. Todos conseguiram perceber que se tratava de uma publicidade. Em relação à categoria mimese, os estudantes apresentaram no geral respostas condizentes com as características da categoria, como é possível verificar na segunda coluna, na qual eles apontam os elementos usados na imitação, como a logo da empresa e a fonte ou tipografia similar a da identidade visual da marca. Após a leitura do parecer da agência Aos Fatos, disponibilizado no material didático, de forma unânime, os alunos responderam que o texto analisado se tratava de um golpe. “Tem gente pra tudo e as pessoas tem que prestar mais atenção sobre acreditar em notícias da internet”, concluiu o estudante 10. Esse nível de raciocínio diante de um conteúdo que chega on-line para os jovens é muito importante porque cria uma cultura de desconfiança necessária em um cenário internacional de desordem informacional, conceito defendido por Wardle e Derakhshan (2017).

O segundo exemplo da categoria mimese também se trata de um golpe, mas, em vez de ser por meio de uma publicidade falsa e da venda de algum produto, a desinformação veio por meio da imitação de um portal de notícias, apelando para o papel jornalístico de divulgar informações de interesse público e o medo da população de receber algum tipo de punição. A suposta notícia afirma que os cidadãos podem ser multados caso não acessem o site indicado no material para verificar “saldos a receber” de instituições financeiras.

Figura 19 - Exemplo de Mimese em uma notícia falsa.



Fonte: Aos Fatos

Quadro 8 - Análise de Mimese em uma notícia falsa

Respostas dos alunos ao questionário aplicado na atividade de leitura intertextual em uma notícia falsa sobre resgate bancário			
Aluno	Que tipo de texto a imagem tenta imitar e qual ambiente ele se encontra?	Que elementos fazem com que a imagem pareça verdadeira?	O que você pode concluir em relação a esse caso?
1	Tenta imitar uma notícia do governo e no suporte portal do g1.	A barra do g1, ele tenta imitar o site no geral.	Que isso é outro golpe, tudo isso pra ganhar dinheiro.
2	A logo do g1, site do g1.	A barra do g1, a logo do g1, a maneira de escrever.	Estão usando o medo das pessoas para ganharem dinheiro pela notícia.
3	O ambiente é o próprio site do g1 que eles tenta imitar.	A barrinha do g1	Que o Aos Fatos mostra se é verdadeiro ou falso
4	Site do g1	Por ser publicado no site do g1.	Golpe que rouba as suas informações.
5	Outra notícia falsa e se encontra em uma lotérica.	O modo de escrita é o jeito de fala.	Explicação sobre fake news.
6	A forma do g1.	A forma que foi feita igual ao site g1.	É um roubo atrás de um golpe.
7	Uma noticia, no site do g1.	A semelhança com o site do g1.	Os criadores do site queriam roubar as informações pessoais das pessoas.
8	Está tentando imitar uma notícia e o seu ambiente é o g1.	A logo do g1, a forma em que a forma em que foi colocado as informações e o site.	Foi um golpe que roubou informações.
9	Sobre esse assunto, a foto é verdadeira, só que o comentário não, é deve ter tido muita gente que apertou pensando que fosse real.	Site do g1.	Isso é falando sobre o acontecimento falso, para ter acesso os dados pessoais das pessoas que clicaram, e isso explica como era feito.

10	Uma notícia, no site g1, mas na verdade é uma notícia falsa.	Os elementos do site, a barrinha vermelha, a logo do g1, quando aperta um buscar você consegue, é um site interativo.	Um golpe muito bem feito, mas não para as pessoas mais novas, mais sim para os mais desentendidos.
11	Imita o site do g1 descaradamente.	A barrinha.	Queriam roubar as informações pessoais das pessoas.

Fonte: Elaboração da autora

Como é possível verificar no Quadro 8, os estudantes conseguiram perceber que se tratava de uma notícia ambientada supostamente no site oficial do g1. Notaram que a barra superior do menu do site aparece na montagem criada para aplicar golpes em pessoas desatentas. “Os criadores do site queriam roubar as informações pessoais das pessoas”, respondeu sobre o caso o estudante 7.

Esses dois exemplos foram significativos porque demonstraram como a mimese pode ser utilizada em diferentes gêneros textuais com semioses diversas, buscando dar mais veracidade ao texto de desinformação ao reproduzir logos e identidades visuais conhecidas pelo público. Conforme explica Wardle (2020), o cérebro humano sempre procura heurísticas, como são chamados os atalhos mentais que o ajudam a compreender o mundo, ao deparar com informações para, assim, encontrar credibilidade em algo. “Ver uma marca que já conhecemos é uma heurística muito poderosa. É por esse motivo que estamos vendo um aumento no conteúdo impostor — conteúdo falso ou enganoso que usa logotipos conhecidos ou as notícias de figuras ou jornalistas conhecidos” (Wardle, 2020, p.36).

4.3.2 Imprecisão

Para exemplificar a categoria imprecisão, trabalhou-se com casos de material real (fotos e vídeos) utilizados fora de contexto ou associados a conclusões equivocadas. A imprecisão proposital ao trabalhar com esses materiais é estratégia recorrente de produtores de desinformação. Por isso, a análise atenta e contextualizada de textos compartilhados na Internet é uma habilidade fundamental que deve ser estimulada nos estudantes. O fato de uma foto ou vídeo ser real não é chancela para todas as informações que o acompanham. Conforme Wardle (2020), apesar de o termo *fake news* ter se popularizado, a desinformação não se trata necessariamente de “notícias”. Como será visto por meio dos exemplos trabalhados nessa etapa, a desinformação se espalha por meio de “rumores à moda antiga,

memes, vídeos manipulados, “anúncios micro-localizados” hipersegmentados e fotos antigas compartilhadas novamente como se fossem novas. (Wardle, 2020, p. 8).

O primeiro exemplo de Imprecisão analisado neste tópico é de um material de campanha política reproduzido durante a disputa pela Prefeitura de São Paulo, em 2024, divulgando o candidato Pablo Marçal. No material é utilizado uma fotografia que, conforme a checagem da agência Aos Fatos, trata-se de um registro da Parada do Orgulho LGBTQIA+.

Figura 20 - Exemplo de Imprecisão com fotografia real



Fonte: Aos Fatos

Quadro 9 - Análise de Imprecisão com fotografia real

Respostas dos alunos ao questionário aplicado na atividade de leitura intertextual com material de campanha eleitoral			
A/Q	Descreva a imagem anterior e o que você entendeu de sua mensagem.	O que você acha que a fotografia da multidão representa?	O que você pode concluir em relação a esse caso?
1	Tem um número “28”, a multidão, uma pessoa e tá escrito “quem tá com Marçal digita o M”.	Representa uma campanha eleitoral para divulgar o Pablo Marçal.	Que na verdade a imagem é da Parada LGBT isso tudo para fazer as pessoas votarem nele.
2	Seguidores do Marçal e multidão para votarem no Marçal, com o número e a música dele.	O voto, seguidores do Marçal e apoiadores.	A foto pode ser real, mas o contexto é diferente no objetivo de enganar o público achando que Marçal tem uma grande quantidade de seguidores.

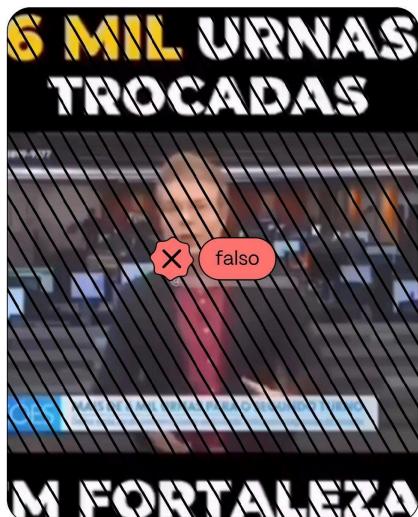
3	O número do Marçal e a cariata dele, tem uma mulher cantando e a frase da campanha eleitoral.	Uma cariata de apoiadores do Pablo Marçal.	Que a foto é real e o contexto é falso, usou a foto para enganar as pessoas.
4	Número 28, uma multidão, uma mulher.	Carreta de candidato	A foto é real, é de outro assunto de 2007.
5	Uma campanha eleitoral, tem o número do candidato, uma multidão e uma mulher cantando.	A população fazendo a exposição de seu candidato, (uma carreata).	Que na campanha eleitoral foi usado uma foto real mas que tem outro tipo de contexto.
6	Tem um numero 28, uma pessoa tirando foto e uma mutidão.	Carreata e acho que não esta contra ele, o candidato.	Que a mutidão na verdade era um evento de 2017 de LGBT.
7	É uma publicidade eleitoral, que possui o número do candidato, uma mulher que provavelmente está cantando a música dele.	Na imagem era para representar eleitores do Pablo Marçal.	Que utilizou uma imagem verdadeira para transmitir uma ideia falsa.
8	Tem o número 28, multidão, mulher cantando. A mensagem diz apenas diz apenas para quem quer votar no Marçal.	Representa uma carriada de eleitores do Marçal.	Uma montagem, a imagem da multidão é um evento LGBT+ mas usou para engana as pessoas, fazendo pensar que tudo aquilo eram seus seguidores.
9	É uma imagem de fake news.	Acho que é tipo para falar que essa multidão é pra ele.	Essa foto foi real do dia que teve a parada LGBT. Pegaram a foto e juntaram.
10	É uma postagem apoiando o Pablo Marçal, como se fossem muitas pessoas apoiando-o, tem o número 28. Tem uma mulher cantando.	Que muitas pessoas estão apoiando o Pablo Marçal. É uma carreata do Marçal.	Que quis enganar as pessoas com noticias falsas para a multidão votar nele. Como se ele fosse ter vários votos.
11	Numero 28 do prefeito Marçal uma mulher cantando e uma multidão junto com o Marçal.	Na multidão todos estão com o Marçal e apoiando ele.	Usou o publico LGBT na imagem e colocou na imagem para enganar a pessoa.

Fonte: Elaboração da autora

A imagem disponibilizada pela agência Aos Fatos foi apresentada aos estudantes, que, em seguida, foram questionados sobre sua impressão do material e o significado da foto que o compunha. A primeira percepção deles foi de identificação do gênero como propaganda eleitoral, por meio de elementos como o número do candidato e a chamada de ação para digitá-lo, em referência ao processo de voto por meio da urna eletrônica. Além disso, os estudantes inferiram que, pela forma que os elementos foram apresentados no material, a fotografia da multidão se tratava de apoiadores do candidato. Foi interessante fazer essa sondagem inicial sobre o significado da fotografia da multidão porque os alunos puderam chegar a uma conclusão e depois descobrir que foram levados ao erro de interpretação pela imprecisão de informações. O material não afirmou necessariamente que aquela multidão era de apoiadores do candidato, mas por ter sido utilizada naquele contexto leva aos interlocutores a uma conclusão equivocada e é nessa manobra que mora a genialidade dessa estratégia. Após lerem o parecer da agência Aos Fatos e descobrirem a verdadeira origem da fotografia, os estudantes manifestaram nas suas respostas o entendimento da tentativa de engano por parte de quem criou o material de desinformação. “A foto pode ser real, mas o contexto é diferente no objetivo de enganar o público achando que Marçal tem uma grande quantidade de seguidores”, como pontuou muito bem o estudante 2 (Quadro 9). É importante que os alunos saibam que esse não são erros inocentes, mas ações orquestradas dos produtores de desinformação que buscam aperfeiçoar as formas de enganar o público e as ferramentas automáticas de análise de desinformação. “Os agentes da desinformação aprenderam que é menos provável que o uso de conteúdo genuíno — reformulado de maneiras novas e enganosas — seja captado pelos sistemas de IA” (Wardle, 2020, p.9).

O segundo é exemplo de Imprecisão trata-se da utilização leviana de uma reportagem real de um telejornal sobre a preparação das urnas eletrônicas para as eleições na cidade de Fortaleza, como é possível ver na imagem a seguir. Além da imagem disponibilizada pela agência Aos Fatos, o vídeo original da reportagem foi exibido aos alunos após o preenchimento da percepção inicial deles sobre a imagem.

Figura 21 - Exemplo de Imprecisão com vídeo real



Fonte: Aos Fatos

Quadro 10 - Análise de Imprecisão com reportagem real

Respostas dos alunos ao questionário aplicado na atividade de leitura intertextual de reportagem televisiva sobre urnas eletrônicas		
Aluno	Descreva a imagem acima e o que você entendeu de sua mensagem.	O que você pode concluir em relação a esse caso?
1	Que pegaram essas urnas e trocaram elas, e roubaram essas urnas.	Que na verdade têm falando que 6 mil urnas para o segundo turno e tem 10% de urnas reservas caso alguma urna tivesse com defeito.
2	É falso porque não foram trocadas e sim que estavam funcionando.	Foi tirado de contexto com a imagem verdadeira da reportagem falando que as urnas foram trocadas pra causar dúvida e desconfiança nas pessoas.
3	Que 6 mil urnas em Fortaleza foram trocadas.	Que a reportagem é real mas distorceram as informações.
4	6 mil urnas trocadas, é uma fraude.	Estavam dizendo que 6.000 urnas foram trocadas.
5	Que ouve uma fraude de urnas e que causou uma dúvida nas pessoas se a urna delas foi no candidato certo.	Que não foi uma fraude e sim uma substituição de urnas caso dessem algum tipo de defeito.
6	6 mil foram trocadas em Fortaleza	Que a imagem é real mas distorceram.
7	Uma imagem do jornal da Globo, com a frase: “6 mil urnas trocadas em Fortaleza”.	Que utilizaram uma reportagem real para dar uma falsa informação.

8	Em nem um momento foi dito que 6 mil urnas foram trocadas.	A imagem distorce a verdadeira notícia, não teve 6 mil urnas trocadas, as urnas que estão ali se alguma der defeito, a urnas guardadas como reserva.
9	Uma postagem falsa sobre eleição.	Não entendi!!!
10	Que é uma mensagem falsa, que estão espalhando fake news, por que o candidato desejado não foi eleito.	Que notícia falsa vai ter relacionado a qualquer coisa.
11	O vídeo não é falso mas essa postagem é falsa.	Que usou uma postagem real para se dizer real.

Fonte: Elaboração da autora

As respostas sobre o entendimento dos estudantes giraram em torno de fraude nas eleições, pois uma chamada em letras garrafais afirmava que 6 mil urnas teriam sido trocadas. Essa chamada foi compartilhada junto à reportagem. No entanto, ao assistirem o vídeo original, os próprios estudantes perceberam que em nenhum momento a reportagem afirmou tal coisa. “Foi tirado de contexto com a imagem verdadeira da reportagem falando que as urnas foram trocadas pra causar dúvida e desconfiança nas pessoas”, respondeu o estudante 2 (Quadro 10). Com esse aluno bem pontuou em sua resposta, a informação verdadeira (6 mil urnas e apenas 10% reservas para o caso de trocas) foi tirada de contexto para causar dúvida e desconfiança nas pessoas em relação ao sistema eleitoral. Em muitos casos, a desinformação em si não visa um golpe financeiro em pessoas físicas, como foi o caso dos dois exemplos de mimese, mas um golpe político para incutir desconfiança e desestabilizar o processo democrático no geral ou para beneficiar ou prejudicar um candidato específico por meio de inverdades.

4.3.3 Adulteração

A adulteração, terceira e última estratégia proposta por esta pesquisa, apropria-se de um conteúdo e o transforma em outro material. Diferentemente da imprecisão, que não adultera a foto ou vídeo original e sim omite ou insere detalhes em relação ao contexto levando o interlocutor ao erro, a adulteração utiliza recursos de edição e até inteligência artificial para mudar as informações originais.

O primeiro exemplo de adulteração trata-se da edição de uma entrevista de Guilherme Boulos para a TV Cultura sobre o incidente em que candidatos à Prefeitura de São Paulo se envolvem em uma situação de violência. Os cortes realizados no vídeo mudaram o

sentido da fala de Boulos, dando a entender que o candidato culpou Pablo Marçal pela “cadeirada” que sofreu ao vivo por parte de Datena.

Figura 22 - Exemplo de Adulteração com uso de edição de vídeo



Fonte: Aos Fatos

Quadro 11 - Análise de Adulteração com uso de edição de vídeo

Respostas dos alunos ao questionário aplicado na atividade de leitura intertextual de entrevista televisiva		
Aluno	O que a imagem quer que você acredite?	O que você pode concluir em relação a esse caso?
1	Que o Boulos apoia aquela cadeirada que o Datena deu no Marçal.	Que o Boulos não apoia a agressão do Datena.
2	Que Boulos aceita e defende a atitude do Datena.	Ele disse que entende o Datena ficar irritado, mas que isso não justifica o que ele fez e que o debate tem que ter moral e equilíbrio.
3	Que o Boulos ta defendendo o Datena da cadeirada no Marçal.	Que ele não defendeu o Datena, ele disse que nada justifica o datena de dar uma cadeira no Marçal.
4	Da cadeirada que ele deu.	Era uma mentira e distorceram o que ele falou.
5	Que a culpa é toda do Pablo Marçal e que o Datena está certo em jogar a cadeira.	Que Datena não está certo que nada justifica a violência e que Boulos não defendeu nenhum dos dois.
6	Que o Boulos esta defendendo o	Que na verdade o Boulos não esta

	Datena.	defendendo ninguém ele disse que a 2 pessoas teve atitudes ruins.
7	Que o Boulos acredita que o Datena estava certo, e que ele também acredita que a culpa foi do Marçal.	Que utilizaram uma interpretação errada do que o Boulos falou.
8	A imagem quer que acreditemos que Datena é inocente.	Bouso nunca disse que Datena era inocente, a imagem foi distorcida para uma mentira.
9	Que esse Boulos defendeu o Pablo Marçal, não conheço ninguém.	Não entendi.
10	Que o Boulos que causar intriga entre Datena e Marçal.	Que é uma notícia falsa para atingir o Boulos, ele afirma que nunca apoiou agressão.
11	Que o Boulos defende datena.	Podemos concluir que o Boulos não defendeu distorceram o que o Boulos falou.

Fonte: Elaboração da autora

Os estudantes foram questionados sobre a mensagem que a desinformação quer transmitir. A maioria pontuou que a desinformação dá a entender que Boulos concorda com a atitude de Datena, conforme pode verificar na resposta do estudante 5: “Que a culpa é toda do Pablo Marçal e que o Datena está certo em jogar a cadeira” (Quadro 11). Em seguida, foi exibido a entrevista original e feita a leitura do parecer da Aos Fatos. Com isso, muitos estudantes perceberam a real intenção da fala de Boulos. “Ele disse que entende o Datena ficar irritado, mas que isso não justifica o que ele fez e que o debate tem que ter moral e equilíbrio”, escreveu o estudante 2 (Quadro 11).

O segundo exemplo de Adulteração configura-se como o caso mais atual e desafiador entre os estudados nesta pesquisa, pois envolve o uso de Inteligência Artificial, tecnologia extremamente sofisticada capaz de criar vozes, movimentos e feições com alto nível de verossimilhança. A desinformação envolve o jogador brasileiro Vini Jr. que supostamente teria feito ofensas à Fifa e ao jogador vencedor do prêmio Bola de Ouro de 2024, como é possível verificar na imagem a seguir. Um vídeo de uma entrevista real de Vini foi utilizado como base para a criação do vídeo falso no qual o próprio jogador aparece falando tais ofensas com voz similar a sua, inclusive com movimentos da boca e músculos do rosto.

Figura 23 - Exemplo de Adulteração com uso de Inteligência Artificial



Fonte: Aos Fatos

Quadro 12 - Análise de Adulteração com uso de Inteligência Artificial

Respostas dos alunos ao questionário aplicado na atividade de leitura intertextual de entrevista		
Aluno	O que a imagem quer que você acredite?	O que você pode concluir em relação a esse caso?
1	Que o Vini Jr mandou todo mundo tomar no (censurado)	Que o Vini Jr não mandou ninguém tomar no (censurado) e que era tudo I.A.
2	De que ele chingou a Fifa e o jogador.	Usaram a Inteligência Artificial para ter a ilusão de que Vini Jr. ter chingado Fifa e o jogador, criando falas e fazer com que a boca do Vini Jr. se movimentasse parecendo real, utilizando e aproveitando de um vídeo antigo.
3	Que o Vini Jr xingou o Rodri e a Fifa	Que distorceram o vídeo e fizeram ele falar outra coisa totalmente diferente.
4	Xingou o Rodri e a Fifa tomarem no (censurado)	Eles pegaram um vídeo antigo fizeram uma IA falando isso.
5	Que ele xingou o Rodri e a Fifa com palavras de baixo escalão.	Que não foi nada disso que ele falou, e que fizeram uma montagem com IA para fazer essa fake news.
6	Que o Vini esta falando mal da Fifa e do Rodri	Que o video não tinha nada sobre os insultos nem nada que era um video de 2021 dele se confundido as linguas.
7	Que o Vinícius Jr. desrespeitou por	Foi utilizado um vídeo antigo e

	meio de palavras o Rodri e a Fifa.	modificaram por inteligência artificial o que ele falou.
8	Imagen quer que acredite que Vini xingou a Fifa.	O que aconteceu foi que pegaram o vídeo do Vini e mudaram sua voz graças a inteligência artificial.
9	Que o jogador mandou a Fifa e o Rodri tomar no (censurado).	Fizeram uma montagem com o rosto dele e com a fala dele.
10	Que o Vini Jr falou um palavrão para ofender a Fifa e o Rodri, por que ele não ganhou o bola de ouro.	Que sempre querem atacar o Vini Jr, usando inteligência artificial, como se ele estivesse atacando a Fifa e o Rodri.
11	Que que a gente acredite que o Vini mandar a Fifa tomar naquele lugar.	Vinicius foi roubado na premiação e teve até uma mentira que o Vini mandou tomar no (censurado) para o Rodri. Mas usaram IA para manipular a fala do Vini.

Fonte: Elaboração da autora

Após assistirem ao vídeo original que serviu de base para a criação da IA e lerem o parecer da agência Aos Fatos, os estudantes concluíram que essa nova tecnologia foi a responsável por criar o vídeo falso com voz e movimentos faciais, inclusive. “Usaram a Inteligência Artificial para ter a ilusão de que Vini Jr. ter chingado (sic) Fifa e o jogador, criando falas e fazer com que a boca do Vini Jr. se movimentasse parecendo real, utilizando e aproveitando de um vídeo antigo”, explicou muito bem o estudante 2 (Quadro 12). Já o estudante 10 pontuou em sua resposta que isso era um ataque ao Vini Jr, afinal a criação e a divulgação desse vídeo falso prejudicam a imagem do jogador (Quadro 12). Importante ressaltar que a desinformação é uma tática recorrente no ataque à reputação de figuras públicas, como políticos ou atletas famosos.

Como foi possível perceber durante a análise feita neste capítulo, as estratégias textuais de desinformação sintetizam as principais manobras feitas pelos produtores de desinformação para enganar o público. A Mimese imita visualmente estilos, formatos e marcas institucionais, dialogando com a intertextualidade ampla por meio da imitação de gênero, estilo ou ethos discursivo. É possível encontrar essa estratégia em falsos prints de portais de notícia e sites clonados, englobando as ações de imitação cada vez mais sofisticadas de identidades visuais, logomarcas, cores, tipografias, disposições de elementos e, até mesmo, URL dos sites. A semelhança pode fazer com que o usuário mais atento se confunda, levando o cérebro a entender como verdadeiro um conteúdo falso por causa da familiaridade dos elementos. A Imprecisão suprime ou oculta dados contextuais essenciais, dialogando com a

intertextualidade estrita por meio de co-presença truncada e omissão de fonte. Essa estratégia pode ser encontrada em materiais que usam imagens verdadeiras com legendas falsas ou imprecisas, englobando os casos em que conteúdos reais tem alguma informação importante omitida, não deixando claro o contexto de produção, por exemplo. Por fim, a Adulteração edita, recorta ou insere elementos para distorcer sentido, dialogando com a intertextualidade estrita ou estilística por meio de derivação textual e paráfrases enviesadas. É possível encontrá-la em vídeos editados e uso de *deepfake*, compondo os casos em que conteúdos são modificados a tal ponto de alterarem a informação original ou criarem um conteúdo falso totalmente novo, como ocorre nos casos em que a IA entra em ação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual geração de estudantes da Educação Básica enfrentou uma pandemia que resultou em ensino remoto por dois anos. Durante esse período, muitos alunos paralisaram o processo de aprendizagem, pois pouco ou nunca participavam das aulas on-line. Mesmo para aqueles que participavam das aulas, o impacto no desenvolvimento foi gritante. Como docente em sala de aula de Ensino Médio, é possível perceber a defasagem de conteúdos do Ensino Fundamental e a falta de motivação em aprender na sala de aula. Em paralelo a isso, o uso excessivo de celular transformou a forma dessa geração 100% nativa digital de ler a realidade. Mídias digitais, jogos on-line e inteligências artificiais são espelhos por meios dos quais eles se enxergam e interagem entre si. No entanto, não é porque essa geração é nativa digital que ela possui letramento necessário para lidar com as informações que são dispersas em um fluxo ininterrupto na Internet, na qual eles estão praticamente 24 horas conectados. No início de 2025, as escolas brasileiras passaram a enfrentar o desafio de implantar a nova legislação que proíbe o uso do celular no ambiente escolar. Essa foi uma medida necessária que visa tentar minimizar os efeitos negativos do vício de celular nos estudantes. Até o momento ainda não é possível prever os resultados dessa medida.

Por outro lado, a atual conjuntura política em alguns países, especialmente nos Estados Unidos, levou à redução das poucas políticas de combate à desinformação existentes em diversas plataformas digitais. As grandes corporações de tecnologia, que exercem monopólio comercial desse setor, frequentemente demonstram desinteresse ou até mesmo negligência em controlar a disseminação de desinformação em suas plataformas. Essas empresas priorizam os lucros, sem se preocupar com os danos causados pela propagação de informações falsas, usando como argumento uma falsa ideia de liberdade de expressão. Todo esse contexto coloca os usuários dessas mídias, especialmente os mais jovens, à mercê de textos de desinformação construídos intencionalmente para manipular suas opiniões sobre questões políticas, sociais, entre outras.

Além disso, a influência crescente de celebridades e influenciadores digitais no consumo de informação pelos jovens, conforme foi demonstrado por meio da pesquisa da agência Reuters (2023), citada na introdução deste trabalho, torna a situação mais preocupante. Muitos desses influenciadores divulgam conteúdos sem qualquer critério de veracidade, o que resulta em grande impacto no comportamento e nas crenças de seus seguidores, como ocorreu no caso das empresas de apostas que se tornaram uma epidemia no Brasil. Essa falta de ética ao compartilhar informações contribui para a disseminação de

desinformação, especialmente entre pessoas mais vulneráveis, que enxergam esses influenciadores como exemplo de sucesso a ser seguido. Como é o caso de muitos estudantes de escola pública e moradores da periferia, que não acreditam que investir nos estudos seja algo vantajoso, pois enxergam como uma forma mais fácil de sucesso usar seu tempo com jogos on-line. Testemunhos como esses vindos de estudantes é bastante comum na prática docente. Esses jovens precisam compreender que essas fórmulas de sucesso vendidas por esses influenciadores são maquiadas por interesses financeiros.

Ao combater a desinformação nas aulas de Língua Portuguesa, esta pesquisa buscou promover nos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental o desenvolvimento de habilidades críticas em relação ao consumo e distribuição de informações, especialmente diante de um cenário global de desordem informacional (Wardle; Derakshan, 2017). Conforme visto no Questionário Diagnóstico, os estudantes estão conectados à Internet diariamente e utilizam as mídias sociais majoritariamente durante esse acesso, o que resulta em uma exposição a uma quantidade sem precedentes de conteúdos, muitos deles de fontes não verificadas, resultando possivelmente em uma distorção da realidade. Por isso, esta pesquisa promoveu momentos de aprendizagem nos quais os estudantes puderam aprimorar a habilidade de discernir entre o que é fato e o que é falso, desenvolvendo uma postura ética diante da informação. As atividades de leitura de compreensão textual ajudaram a fortalecer o pensamento crítico, pois os estudantes puderam analisar as estratégias e as escolhas de construção textual dos produtores de desinformação.

Como primeira hipótese, esta pesquisa defendia que uma proposta pedagógica estruturada e focada em análise crítica poderia melhorar significativamente a capacidade dos alunos do 9º ano de identificar e desconstruir as estratégias textuais de desinformação em textos digitais nativos. Os resultados analisados no capítulo anterior corroboraram com a confirmação da primeira hipótese, pois os estudantes conseguiram perceber as estratégias textuais e as intencionalidades por trás dessas desinformações. Ao realizar a leitura e compreensão de textos de desinformação, os participantes da pesquisa apontaram as imitações, as imprecisões e as adulterações realizadas pelos criadores de tais textos. A leitura dos pareceres da agência de checagem Aos Fatos também foi elemento fundamental no fortalecimento da visão crítica dos alunos, pois eles puderam ver como a agência checou as informações apresentadas.

A segunda hipótese levantada por esta pesquisa foi a de que as intertextualidades desempenhariam um papel fundamental na construção de desinformação em textos digitais nativos, utilizando alusões, referências e contextos familiares para manipular a percepção dos

leitores, e poderiam ser eficazmente identificadas por alunos treinados. Conforme foi discutido ao longo deste trabalho as intertextualidades estão presentes em textos de desinformação, que são construídos a partir de textos previamente existentes e seu potencial de enganar as pessoas depende de quão próximo estejam do que o imaginário coletivo tem como um texto real. Por isso, esta pesquisa uniu os tipos de intertextualidades, propostos por Carvalho (2018), e os tipos de desinformação, propostos por Wardle e Derakshan (2017), na elaboração de três categorias textuais de desinformação, gerando um modelo didático para o estudo desses textos.

Por fim, a terceira hipótese era a de que a intervenção pedagógica planejada resultaria em um aumento significativo na habilidade dos alunos do 9º ano para identificar, analisar criticamente e responder de maneira informada às estratégias textuais de desinformação em textos digitais nativos. As respostas dos estudantes analisadas no capítulo anterior demonstram a percepção dessas estratégias de forma majoritária, o que confirma a hipótese e garante o impacto positivo da intervenção pedagógica na turma de 9º ano beneficiada por essa ação.

Apesar de não solucionar todos os problemas relacionados à desinformação no ambiente escolar, esta pesquisa configurou-se como satisfatória porque contribuiu de maneira significativa na percepção dos estudantes sobre a maneira em que os textos de desinformação são construídos e quais estratégias textuais são resgatadas com o objetivo de enganar o interlocutor. Além disso, os participantes da pesquisa puderam perceber que uma postura crítica e ética diante das informações que chegam a eles via mídias digitais pode evitar golpes ou até mesmo tragédias, pois eles têm responsabilidade, como cidadãos que são, pelas informações que transmitem e cada ação deles, mesmo on-line, pode impactar suas vidas e de todos a sua volta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Ana Paula de. **Competência crítica em informação e prática docente: uma análise sobre a relação do professor com a desinformação.** 2021. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano. Niterói (RJ), 2021.

AOS FATOS. **Política editorial.** 2024. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/politica-editorial/>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

AOS FATOS. **Comparação engana ao fazer crer que Lula não reajustou piso do magistério público.** 2024. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/comparacao-falsa-lula-piso-magisterio-publico/>>. Acesso em: 27 jul. 2024

AOS FATOS. **É falso que Flávio Dino defendeu liberar furto no país.** 2024. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/falso-flavio-dino-liberar-furto/>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

AOS FATOS. **Criminosos imitam site da Latam para aplicar golpe com falsas passagens aéreas.** 2024. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/golpe-imita-site-da-latam-falsas-passagens-aereas/>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

AOS FATOS. **É falso que g1 noticiou que Trump e Milei confirmaram presença em ato de Bolsonaro.** 2024. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/golpe-imita-site-da-latam-falsas-passagens-aereas/>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

AOS FATOS. **Foto da Parada do Orgulho LGBT de 2017 circula como se fosse de ato pró-Marçal.** 2024. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/foto-parada-lgbt-2017-nao-ato-marcal/>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

AOS FATOS. **Golpistas inventam multa sobre valores esquecidos em bancos para roubar dados e dinheiro.** 2024. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/golpe-multa-sobre-valores-esquecidos-bancos/>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

AOS FATOS. **Montagem edita vídeo para fazer crer que Boulos culpou Marçal pela cadeirada.** 2024. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/montagem-faz-crer-boulos-culpou-marcal-cadeirada-daten-a/>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

AOS FATOS. Não é verdade que 6.000 urnas foram substituídas em Fortaleza. 2024. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/falso-6000-urnas-substituidas-fortaleza/>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

AOS FATOS. Não é verdade que Janja declarou ser satanista. 2023. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/falso-janja-declarou-somos-satanistas/>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

AOS FATOS. Reforma tributária não muda Imposto de Renda nem estabelece critérios de gênero e raça. 2023. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/falso-reforma-tributaria-imposto-de-renda-genero-raca/>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

AOS FATOS. Vídeo com áudio manipulado dá a entender que Lula foi vaiado em Paris. 2023. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/video-manipulado-vaias-discurso-lula-paris/>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

AOS FATOS. Vídeo editado de Drauzio Varella desinforma ao afirmar que vacina contra dengue causa câncer. 2024. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/falso-drauzio-varella-vacina-dengue-cancer/>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

AOS FATOS. Vídeo em que Vini Jr. diz que ‘roubaram’ Bola de Ouro foi criado por IA. 2024. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/video-inteligencia-artificial-vini-jr-roubaram-bola-de-ouro/>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

BARBIERI, Andréa. Tem dúvida? Não compartilhe! O uso de fake news por professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II com o propósito de desenvolver habilidades em Educação Midiática com seus alunos. 2021. Dissertação (mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens. Curitiba (PR), 2021.

BECKER, Denise. A evolução do fact-checking como atividade jornalística no Brasil: Lacunas e tendências. **Comunicação:** Reflexões, experiências ensino. Curitiba. v. 15. n. 1. p. 85-98. 1º semestre de 2019.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 91-104.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas.** 2018. 136f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Linguística Textual e Argumentação.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Linguística Textual: conceitos e aplicações.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

COLARES, Leonardo de Oliveira. **Pontos de vista e redes referenciais em fake news.** 2023. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Fortaleza (CE), 2023.

COSTA, Mariana Soares da. **Desmascarando as fake news no ensino fundamental: reflexão linguística a favor da formação cidadã.** 2023. 146f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras). Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Letras. Programa de Pós-graduação em Letras, 2023. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1wnITLLucLydLiptzReNELLhrp14kpCJp/view>>. Acesso em: 27 mai 2025.

FARIA, Cristiano Eduardo. **Convergência do jornalismo à educação para leituras transmídia das (des)informações: estudo sobre o nível de literacia mediática em jovens de escolas públicas do Brasil.** 2021. Dissertação (mestrado) – Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. Braga (Portugal), 2021.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (oOrg.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 161-193.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira.** 2024. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102144.pdf>>. Acesso em 10 fev. 2025.

INTERVOZES. **Desinformação, ameaça ao direito à comunicação, muito além de fake news.** 2019. Disponível em: <https://intervozes.org.br/publicacoes/desinformacao-ameaca-ao-direito-a-comunicacao-muito-alem-das-fake-news>. Acesso em: 11 jun. 2023.

IRETON, Cherilyn. **Verdade, confiança e jornalismo: por que é importante.** In: IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie. Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. UNESCO, 2019. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>>. Acesso em: 20 jan. 2025.

KARVOLA, Natascha; FISHER, Karen. (2013). **A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behaviour**. Information Research, 2013. Disponível em: <<http://InformationR.net/ir/18-1/paper573.html>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LIMA, Fernanda de Moura. **Letramento digital e desinformação nas mídias sociais: a curadoria das agências de checagem em articulação com o ensino de língua portuguesa**. 2024. 219f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras). Universidade Estadual do Ceará. Centro de Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024. Disponível em: <https://profletras.ufrn.br/wp-content/uploads/2025/05/Dissertacao-Fernanda-Lima-UECE-completa_Repository.pdf>. Acesso em: 27 mai 2025.

MENESES, João Paulo. **Sobre a necessidade de conceptualizar o fenômeno das fake news**. Observatorio (OBS*) Special Issue, 037-053, 2018. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376/pdf>. Acesso em 27 jun. 2023.

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. (2024). **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2024**. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/indicadores/>. Acesso em 10 nov. 2024.

PÓS-VERDADE. In: OXFORD DICTIONARY. Word of the Year 2016. Disponível em <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/> Acesso em: 27 jun. 2023.

RÊGO, Ana Regina. **A construção intencional da ignorância na contemporaneidade e o trabalho em rede para combater a desinformação**. In: Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde, v.15, n.1, 2021-B. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2293>>. Acesso em 9 jul. 2023.

RÊGO, Ana Regina; PAULINO, Fernando Oliveira. **Ciências da Comunicação contra a Desinformação**. In: Comunicação e ciência: reflexões sobre a desinformação. [recurso eletrônico] / Nair Prata, Sônia Jaconi, Rodrigo Gabriotti, Genio Nascimento, Hendryo André e Sílvio Simão de Matos (orgs). São Paulo: INTERCOM, 2022, 471 p.:il.

Reuters Institute. **Digital News Report 2023.** Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-06/Digital_News_Report_2023.pdf>. Acesso em: 3 de ago. 2023.

ROSA, Leonardo Dalla. **Análise de recursos discursivos e multimodais em propagandas que veiculam fake news: nasce um novo gênero?** 2022. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL). Brasília (DF).

SANTIAGO, Antônio Heleno Ribeiro. **Prática discursiva de desinformação:** um estudo crítico sobre anúncios digitais falsos. 2021. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Fortaleza (CE), 2021.

SANTOS, Lécio da Mota. 2023. 120f. **A curadoria digital como recurso contra a desinformação: um protótipo de ensino para a formação do leitor crítico de textos multiletrados no ambiente virtual.** Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras). Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2023. Disponível em: <<https://saberaberto.uneb.br/items/6a351f99-4837-484a-8a9a-a1ed59c02944>>. Acesso em: 27 mai 2025.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-Ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WARDLE, Claire. **O Guia do First Draft's Essential Guide para entender a Desordem Informacional.** First Draft. 2020. Disponível em: https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PT_BR.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

WARDLE, Claire; DERAKSHAN, Hossein. **Information Disorder: An interdisciplinary Framework for Research and Policy for the Council of Europe.** 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-aninterdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 11 jun. 2023.

Wardle, Claire; Derakhshan, Hossein. (2018). **Thinking about ‘information disorder’: formats of misinformation, disinformation, and mal-information.** In: IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie. Journalism, fake news & disinformation: handbook for journalism education and training 2018. (pp. 44-55). Paris: UNESCO.

APÊNDICE A - CADERNO PEDAGÓGICO



Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Mestrado Profissional em Letras

Caderno Pedagógico

Combate à desinformação nas aulas de Língua Portuguesa

Apresentação

Caro(a) Professor(a),

Este caderno pedagógico funciona como uma ferramenta importante no processo de combate à desinformação entre os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, tendo como principal mecanismo a leitura e a compreensão textual. A proposta é levar os alunos a compreender o fenômeno da desinformação e a sua construção intencional por meio de três estratégias textuais: mimese, imprecisão e adulteração. Por meio da experiência de aplicação de uma intervenção pedagógica com uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública foi possível ensinar os estudantes como as intertextualidades são mobilizadas em textos de desinformação e quais as principais características desses tipos de conteúdo.

Para a criação das estratégias textuais de desinformação aqui utilizadas, este caderno se ancora no conceito de desordem informacional, de Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017), os quais defendem que existe uma poluição de informações em escala global e que a desinformação é um tipo de desordem que é criada de forma intencional. Em paralelo, este caderno também se ancora no estudo sobre desinformação de Rêgo e Paulino (2022), os quais defendem que a desinformação possui estética chamativa, forma estrutural híbrida, congregação de fatos e mentiras e descontextualizações de tempo, espaço e contexto. Por fim, este manual segue o conceito de Intertextualidades defendido pelo grupo PROTEXTO da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, por meio da tese de Carvalho (2018) e do livro Linguística Textual: conceitos e aplicações, de Cavalcante et al (2022).

Essa proposta está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo da Educação Básica, o qual afirma

que os docentes devem estimular os estudantes a “refletir criticamente sobre a fidedignidade das informações, as temáticas, os fatos, os acontecimentos, as questões controversas presentes nos textos lidos” (Brasil, 2017, p. 73). A BNCC define aprendizagens essenciais que devem assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais. Conforme se pode verificar a seguir, a competência n. 5 dialoga diretamente com essa questão.

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2017, p 9)

A BNCC da área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Fundamental prioriza quatro campos de atuação social: o campo das práticas de estudo e pesquisa; o campo jornalístico-midiático; o campo de atuação na vida pública; e o campo artístico-literário (Brasil, 2017). O campo jornalístico-midiático caracteriza-se pela circulação dos textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo cruzamento entre discursos jornalísticos, políticos e publicitários. A exploração de textos desse campo permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo. No campo jornalístico-midiático, a BNCC indica a seguinte habilidade, que deve ser desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental:

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do

veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc. (Brasil, 2017, p. 177).

As três categorias de estratégias textuais de desinformação (mimese; imprecisão; e adulteração) representam uma busca por sistematizar os recursos utilizados na construção da desinformação dentro dos textos analisados. Desta forma, a análise torna-se mais didática e compatível com o nível de aprendizagem dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Durante as atividades deste caderno, os estudantes conhecerão essas categorias e realizarão análises de textos com desinformação, além de conhecer o processo de checagem de informações por meio da leitura de pareceres da agência Aos Fatos, uma das mais importantes agências de checagem do Brasil.

Conforme é possível checar no Quadro 1, as estratégias textuais de desinformação sintetizam as principais manobras feitas pelos produtores de desinformação para enganar o público. A Mimese imita visualmente estilos, formatos e marcas institucionais, dialogando com a intertextualidade ampla por meio da imitação de gênero, estilo ou ethos discursivo. A Imprecisão suprime ou oculta dados contextuais essenciais, dialogando com a intertextualidade estrita por meio de co-presença truncada e omissão de fonte. Por fim, a Adulteração edita, recorta ou insere elementos para distorcer sentido, dialogando com a intertextualidade estrita ou estilística por meio de derivação textual e paráfrases enviesadas.

Quadro 1 - Estratégias Textuais de Desinformação e suas possíveis relações intertextuais

Estratégias Textuais de Desinformação
--

Estratégia Textual	Características Manipulativas	Possíveis relações intertextuais	Exemplos comuns
Mimese	Imita visualmente estilos, formatos e marcas institucionais	Imitação de gênero, estilo ou ethos discursivo (intertextualidade ampla)	Falsos prints de portais de notícia; sites clonados
Imprecisão	Suprime ou oculta dados contextuais essenciais	Co-presença truncada, omissão de fonte (intertextualidade estrita)	Fotografias e vídeos verdadeiros com legenda falsa
Adulteração	Edita, recorta ou insere elementos para distorcer sentido	Derivação textual, paráfrases enviesadas (intertextualidade estrita ou estilística)	Vídeos editados, uso de <i>deepfake</i>

Fonte: criação da autora.

Este caderno é composto por dois módulos com atividades para serem aplicadas com os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. O primeiro aborda os tipos de Intertextualidades (Carvalho, 2018) que servem como base para o entendimento dos processos de construção textual a partir de textos previamente existentes, englobando diversos gêneros textuais e semioses. O segundo módulo introduz as estratégias textuais de desinformação a partir da leitura e compreensão de textos de desinformação retirados do site oficial da agência de checagem Aos Fatos.

Orientações de Aplicação para Docentes

Módulo 1

Duração: 6 horas/aula

Para iniciar, é importante ressaltar que os alunos devem construir o conhecimento por si mesmos através de um caminho de dedução. Para isso, o conteúdo não deve entregar os conceitos teóricos de início. No Módulo 1, focado nas intertextualidades, os estudantes farão a leitura e a compreensão de textos que contém citação, alusão, paráfrase, paródia, transposição e imitação. Esses tipos de intertextualidades foram selecionados dentre os tipos propostos por Carvalho (2018) por demonstrarem mecanismos de construção textual semelhantes aos encontrados nas estratégias propostas por este caderno. O uso de meme no material aproxima o conteúdo da realidade dos estudantes que consomem muito esse tipo de texto por meio das redes sociais. O ideal é que as atividades sejam respondidas de forma individual, mas com a mediação do docente para toda a turma. É importante que o docente dê o tempo necessário para que todos respondam cada questão antes de partir para a questão seguinte. Somente após a análise dos textos e a resposta das questões, o conceito abordado deve ser apresentado e abordado. O módulo encerra com o texto de desinformação para a análise de intertextualidade do tipo imitação de gênero (Carvalho, 2018), o que oferece um gancho para o Módulo 2, no qual serão abordadas as estratégias textuais de desinformação.

Módulo 1

Intertextualidades

Você já leu um texto ou viu uma imagem e teve a impressão de que já tinha visto algo parecido em algum lugar? Essa sensação é mais comum do que se imagina. É muito provável que o texto ou imagem faça referência a outro texto que você viu anteriormente. Observe a imagem abaixo e reflita se algo lhe parece familiar.



Descreva que tipo de imagem foi apresentada.

Ela apresenta referências a outros textos e imagens que você conheça? Quais?

Como vimos, uma imagem pode fazer referências a diversos tipos de elementos como obras de arte e até mesmo personalidades reais. Essas referências também podem ocorrer em textos verbais e textos não-verbais.

Essas referências que vemos de um texto em outro, seja ele verbal ou não-verbal, são chamadas de intertextualidades. Elas revelam as relações entre diferentes obras e autores, manifestam-se de diferentes formas e ampliam o sentido dos textos. Compreendê-las é essencial para um entendimento dos significados e das influências que moldam um texto.

Vamos conhecer mais exemplos em que constatamos intertextualidades.

Leia os dois textos a seguir:

A letra da música “Monte Castelo”, da banda Legião Urbana.

Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria
É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece
O amor é o fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer

Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria

Agora, leia o poema “Amor é fogo que arde sem se ver”, do poeta português Luís de Camões.

Amor é fogo que arde sem se ver
Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer
É um não querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente
É nunca contentar-se de contente
É cuidar que se ganha em se perder
É querer estar preso por vontade
É servir a quem vence, o vencedor
É ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Que semelhança há entre os textos?

De que forma o autor da letra da música utilizou o poema de Camões?

Como podemos ver, esse foi um exemplo de **citação**, que ocorre quando um trecho de um texto é utilizado em uma nova obra, ou seja, a transcrição exata de um texto original.

Diga um exemplo de citação que você ou algum colega já usou.

Leia a seguir a tirinha da Turma da Mônica.



SOUSA, Mauricio de. *O Estado de S. Paulo*, 11 fev. 2006.

Agora leia com atenção o poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite—
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

O que você pode perceber após a leitura da tirinha e do poema?

De que forma a tirinha utilizou o poema de Gonçalves Dias?

Foi da mesma forma que a banda Legião Urbana usou o poema de Camões?
Justifique.

Você sabe o que é a alusão? Pesquise no buscador do Google o significado da palavra alusão e copie abaixo.

A tirinha da Turma da Mônica foi um exemplo de **alusão**, que corre por meio de menções indiretas a outros textos, sendo mais sutil que a citação, e há mudanças no sentido original. Por isso, ela exige mais atenção do leitor para percebê-la e realizar

a conexão com o texto original. No entanto, nem sempre a retomada de um texto promove mudanças. Vamos conhecer a seguir um exemplo.

Leia a seguir o trecho do Hino Nacional Brasileiro, escrito em 1909.

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Agora, releia o poema “Canção do exílio”. Descreva abaixo o que você pode perceber após a leitura do hino e a releitura

A retomada do poema feito pelo Hino Nacional configura-se como **paráfrase**, que ocorre quando um texto é retomado sem que haja mudança do seu sentido original, diferentemente do que ocorre na alusão.

Em certos casos, as intertextualidades ocorrem com mudanças de algum aspecto, como o estilo ou o conteúdo, mas ainda mantendo elementos essenciais do texto original. Vamos conhecer alguns exemplos. Observe o quadro “O grito”, do pintor norueguês Edvard Munch.



Você já viu esse quadro? O que ele representa para você? Que sentimento ele desperta?

Agora, analise com atenção a charge do cartunista paranaense Paixão.



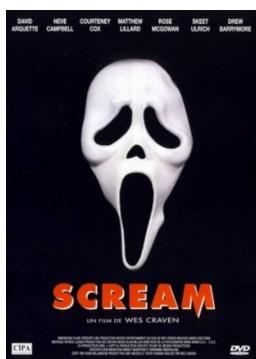
Há semelhanças e diferenças entre as duas imagens? Quais?

Há traço de humor na charge? Qual?

O meme “Monagrossa”, que vimos no início desta atividade, é um tipo de paródia, afinal apropria-se do famoso quadro Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, e do personagem Mister Bean, da série de comédia homônima, para criar um meme com

efeito de humor. A **paródia** é um tipo de intertextualidade com caráter humorístico que se distancia do texto original, assim como vimos na charge do cartunista Paixão.

Continuando com o exemplo do quadro “O grito”, de Edvard Munch, analise o cartaz do filme “Pânico” (Scream em inglês, que significa grito em português).



Você consegue perceber semelhanças entre o quadro e o cartaz? Quais?

De que forma o quadro foi retomado pelo filme?

A máscara do personagem “Ghostface”, da franquia de filmes de terror “Pânico”, é um exemplo de **transposição**, que ocorre quando há a transformação de um texto em outro sem o teor humorístico.

As intertextualidades também podem ocorrer quando um texto faz referência a um conjunto de outros textos. Veja, por exemplo, essa imagem que foi compartilhada nas redes sociais.



Morre no final desta tarde, o Ex-Presidente Luiz Inácio Lula Da Silva, depois de passar por vários tratamentos intensivos contra o câncer no pulmão.



Essa imagem faz referência a que tipo de texto e em que ambiente esse tipo se encontra?

Que elementos fizeram com que você entendesse a referência dessa imagem?

Como foi possível ver pelas letras em vermelho, essa imagem é falsa. Ela é um exemplo de intertextualidade por **imitação** pois, apesar de falsa, ela reproduz características próprias de postagens da rede social Facebook, fazendo referência a um conjunto de textos e não um específico. A imitação pode ser feita de gênero ou de um estilo. Diferentemente dos demais textos trabalhados até aqui, essa imagem foi criada com intuito de passar desinformação. Deste modo, a intertextualidade foi utilizada como um recurso para dar credibilidade a uma informação falsa de modo a enganar o maior número de pessoas possível. No próximo módulo, iremos estudar outras estratégias textuais utilizadas na construção de textos que passam informações falsas.

Orientações de Aplicação para Docentes

Módulo 2

Duração: 8 horas/aula

Conforme explicado na apresentação deste caderno, as estratégias textuais de desinformação são: mimese, imprecisão e adulteração. Para as atividades do Módulo 2, foram selecionados textos de desinformação analisados pela agência de checagem Aos Fatos, retirados do site oficial da agência. Além dos *prints* com a desinformação, também foram disponibilizados no material o parecer da agência. Os exemplos selecionados abrangem diversos tipos de situações e tornam as atividades bastante contextualizadas com a realidade dos estudantes. Para a categoria **mimese**, foram selecionados três exemplos: uma postagem de uma notícia veiculada sobre a morte do presidente Lula; um anúncio de promoção de passagens; e uma notícia sobre o resgate de dinheiro no Banco Central. As duas últimas foram tentativas de golpes financeiros e causaram transtornos para muitas pessoas. O docente deve alertar os alunos sobre esses tipos de golpes para que eles possam evitar ser vítimas de ações como essas no futuro. As perguntas do material didático foram elaboradas para levar os estudantes a analisar as imagens e perceber a imitação de elementos da identidade visual tanto do portal de notícia, que supostamente teria publicado esse conteúdo, quanto da empresa aérea, que teria realizado essa promoção. Para a categoria **imprecisão**, as atividades abrangem duas fotos e um vídeo de uma reportagem que foram compartilhados fora de contexto e com informações errôneas para levar as pessoas ao erro. O primeiro caso foi de uma imagem em prol da candidatura de Pablo Marçal à Prefeitura de São Paulo, na qual uma fotografia antiga da Parada do Orgulho LGBTQIA+ foi utilizada para dar a

entender que a multidão na avenida Paulista era supostamente de apoiadores de Marçal. A atribuição de contexto errôneo a imagens é uma problemática recorrente na Internet. O segundo caso de Imprecisão diz respeito a imagens de Boulos em evento da comunidade libanesa no Brasil. As imagens foram compartilhadas com texto que afirma que Boulos apoiou o Hamas e que as imagens seriam a prova disso. No entanto, o evento em que Boulos estava presente não tinha nenhuma relação com o Hamas. Nos três exemplos seguintes, é importante que o docente exiba os vídeos originais para que os alunos possam fazer uma avaliação minuciosa das estratégias. O terceiro caso de Imprecisão foi de uma reportagem da TV Verdes Mares sobre as urnas eletrônicas. O texto que acompanha o vídeo com a reportagem afirma que 6 mil urnas foram trocadas em Fortaleza antes das eleições, mas em nenhum momento a reportagem fez essa afirmação. Por fim, a categoria **adulteração** é exemplificada em duas situações. A primeira é uma entrevista de Guilherme Boulos que foi adulterada por meio de cortes nas falas do político, mudando o sentido do posicionamento original. O segundo exemplo também foi criado a partir de uma entrevista real. No entanto, diferentemente do caso de Boulos, usou-se Inteligência Artificial para criar novas falas com a voz do jogador Vini Jr e novos movimentos faciais para combinar com as falas. Esse último recurso é ainda mais sofisticado e cada vez mais comum. A leitura e a compreensão do parecer da agência Aos Fatos são importantes para que os estudantes entendam o caso e quais foram as informações falsas envolvidas. Por isso, o docente deve realizar a leitura e a discussão dos elementos pontuados pelo parecer ao final de cada exemplo.

Módulo 2

Estratégias textuais de desinformação

No módulo anterior, percebemos que as relações entre textos podem ocorrer de diversas formas. As referências a outros textos ocorrem em diversos gêneros como poemas, letras de músicas, tirinhas, charges, memes e até mesmo postagens das redes sociais, sejam elas verdadeiras ou falsas. A imagem falsa que imitava uma postagem do portal R7 é um exemplo de intertextualidade por imitação, como concluímos no final do módulo anterior. Ela foi construída com o intuito de passar desinformação e enganar os usuários das redes sociais.

Esse tipo de situação é muito comum e mesmo as pessoas mais inteligentes podem ser enganadas por esse tipo de conteúdo. Isso se dá porque elas buscam estratégias para parecer o mais real possível. Por isso, é muito importante ficarmos atentos e percebermos como esses textos são construídos.

Observe a imagem a seguir compartilhada nas redes sociais.



Que semelhanças essa imagem apresenta em relação a uma postagem real?

Podemos perceber que a imagem tenta simular uma postagem do portal de notícias g1 imitando elementos como logomarca e cores oficiais da empresa.

Vamos ler um trecho do parecer feito pela agência de checagem Aos Fatos sobre esse caso:

Não é verdade que o presidente Lula morreu após um acidente doméstico nem que o g1 publicou uma notícia intitulada “Lula, atual presidente do Brasil, morre aos 78 anos em São Paulo”. Não há nenhum texto semelhante publicado no site. De fato, o presidente sofreu um acidente doméstico no último sábado (19) mas, após avaliação médica, pôde retomar suas atividades.

A montagem enganosa acumulava centenas de compartilhamentos no Facebook e no X (ex-Twitter) até a tarde desta segunda-feira (21). A peça de desinformação também circula no WhatsApp, plataforma na qual não é possível estimar o alcance dos conteúdos.

Publicações nas redes usam um print falso do g1 para dar a entender que Lula morreu após o acidente doméstico que sofreu no sábado (19), o que é falso. O presidente caiu no banheiro do Palácio da Alvorada e bateu a nuca, de acordo com a equipe que o atendeu no Hospital Sírio-Libanês, em Brasília, que recomendou o cancelamento da viagem que ele faria à Rússia.

Aos Fatos procurou por textos com a palavra “Lula” e a expressão “morre aos 78 anos em São Paulo” e só encontrou um resultado no site: uma reportagem sobre a morte da atriz Jandira Martini, em janeiro.

Conforme noticiado pela imprensa, Lula sofreu um acidente doméstico no último sábado (19) e bateu a cabeça. O presidente deu entrada no Hospital Sírio-Libanês, em Brasília — e não em São Paulo, como afirmam as peças de desinformação —, e, após avaliação, pôde retornar às atividades normais.

Após a leitura do parecer da Aos Fatos, o que você pode concluir em relação a esse caso?

Como vimos no texto anterior, a agência de checagem Aos Fatos verificou as informações e constatou que a imagem era falsa, pois não se tratava de uma postagem real do portal de notícias g1.

A estratégia de tentar se passar por algo verdadeiro copiando elementos do ambiente, estilo, cores, fontes, entre outros, chama-se **mimese**. É muito utilizada para fazer um conteúdo impostor passar por real. No entanto, não é apenas no caso de notícias que ele ocorre.

Observe a imagem a seguir.



Que tipo de texto essa imagem tenta imitar?

Que elementos foram usados na imitação?

A imagem acima mimetiza um anúncio da empresa aérea Latam, ou seja, imita elementos para se fazer passar por um conteúdo verdadeiro.

Vamos ler trecho do parecer feito pela agência de checagem Aos Fatos:

Posts enganosos nas redes compartilham links para páginas que falsificam a identidade visual da Latam, para fazer crer que a empresa está oferecendo passagens aéreas a partir de R\$ 122 nas madrugadas por meio da promoção “Madruga Latam” — o que é falso.

Em nota ao Aos Fatos, a Latam afirmou que a campanha não foi veiculada pela empresa e que suas comunicações e promoções são anunciadas apenas em seus canais oficiais.

A estratégia dos criminosos é semelhante a outros golpes que circulam nas redes. O usuário precisa escolher a origem e o destino, data da viagem, e preencher dados pessoais. As passagens não são entregues, e os golpistas se apropriam dos dados e do valor pago.

Após a leitura do parecer da agência Aos Fatos, o que você pode concluir em relação a esse caso?

Esse tipo de desinformação é muito perigoso e pode causar sérios danos nas vidas das pessoas. Inclusive, esse tipo de conteúdo usado em golpes também pode aparecer no formato jornalístico. Vamos analisar outro exemplo.

Veja a imagem a seguir que viralizou nas redes sociais.



Que tipo de texto a imagem tenta imitar e qual ambiente ele se encontra?

Que elementos fazem com que a imagem pareça verdadeira?

Essa imagem também é um exemplo de desinformação que usa a estratégia mimese para aplicar golpes em pessoas, mas, diferentemente do exemplo anterior que a imitação era do gênero anúncio, essa imagem imita o gênero notícia do portal g1 para coletar informações privadas de usuários.

Vamos ler trecho do parecer feito pela agência de checagem Aos Fatos:

Golpistas têm compartilhado posts que simulam uma notícia do g1 para fazer crer que os brasileiros podem ser multados caso não consultem e resgatem eventuais valores esquecidos em bancos. O objetivo dos posts é direcionar a um site fraudulento, que rouba dinheiro e dados pessoais.

O único meio disponível para verificar se há dinheiro esquecido em bancos é o site do SVR (sistema de valores a receber), do Banco Central. A consulta é gratuita e opcional. Não há nenhuma norma que institua multa caso o serviço não seja acessado.

As peças de desinformação que compartilham o golpe operam da seguinte forma:

- Ao clicar no botão “Saiba mais” que acompanha os posts enganosos, o usuário é direcionado a sites que simulam a identidade visual do portal oficial gov.br;
- O site solicita aos usuários informações como CPF, nome, data de nascimento e nome da mãe, além de uma chave Pix para a transferência do dinheiro;
- Em simulações realizadas pelo Aos Fatos, os supostos valores a receber foram os mesmos independentemente do CPF — mais um indício de que o processo é uma farsa;
- Para resgatar os supostos valores esquecidos, é exigido que os usuários paguem por uma “tarifa transacional federal”, de R\$ 67. O site fraudulento alega que a taxa é obrigatória e que a ausência de pagamento resulta em restrições e bloqueio de benefícios federais, o que não é verdade;
- Por fim, o cidadão é direcionado a uma página de pagamento, sem vínculo com órgãos do governo, em que precisa preencher dados como nome, endereço, email, CPF e telefone. As informações fornecidas e o dinheiro da taxa são roubados pelos criminosos.

Após a leitura do parecer da agência Aos Fatos, o que você pode concluir em relação a esse caso?

Até o momento, conhecemos exemplos de desinformação que usam a estratégia mimese, que é aquela em que há imitação de um texto para criar do zero um conteúdo impostor. No entanto, há situações em que a desinformação utiliza um conteúdo real, mas sem informar o contexto original e omitir informações para levar as pessoas ao engano.

Análise a imagem a seguir.



Descreva a imagem anterior e o que você entendeu de sua mensagem.

O que você acha que a fotografia da multidão representa?

A imagem é composta de uma montagem com fotografias reais, mas isso não significa que não seja uma desinformação. O fato de estarem juntas levam o leitor a concluir que há relação entre as imagens, ou seja, que a foto da multidão tem relação com a candidatura de Marçal à prefeitura de São Paulo.

Vamos ler trecho do parecer feito pela agência Aos Fatos:

Uma foto aérea da 21ª Parada do Orgulho LGBT em São Paulo, realizada em 18 de junho de 2017, circula nas redes como se mostrasse uma manifestação recente a favor de Pablo Marçal. Por meio de busca reversa de imagens, Aos Fatos encontrou o registro original, publicado no site Viagens Cinematográficas. A imagem não está creditada, mas o autor afirma que ela foi feita durante a Parada do Orgulho LGBT.

Fotos do evento em 2017 feitas por outros ângulos confirmam que, de fato, o registro original ocorreu naquela mesma parada. Os principais elementos para confirmação são o visual e posicionamento de carros alegóricos, bem como as placas de publicidade e o arco de balões simulando um arco-íris.

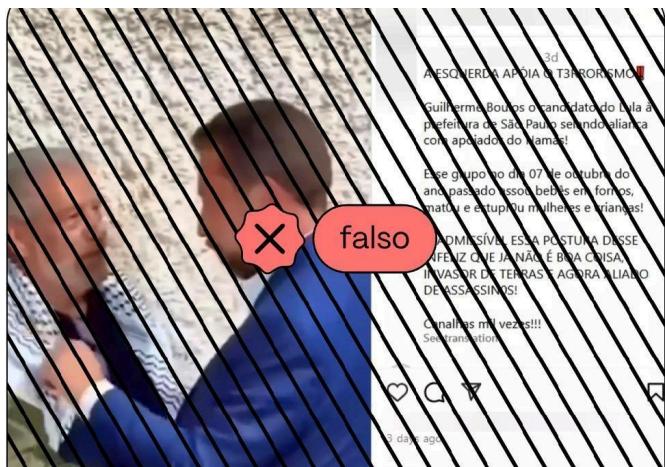
Esta não é a primeira vez que uma publicação utiliza dados enganosos para inflar a popularidade de Pablo Marçal. Posts publicados recentemente inventam resultados de pesquisas eleitorais para afirmar que os levantamentos indicariam vitória do ex-coach no primeiro turno das eleições, o que é falso.

Marçal afirma que irá vencer no primeiro turno desde o início de sua campanha, quando ainda registrava uma porcentagem menor de intenção de votos. Adotando uma estratégia similar àquela de Jair Bolsonaro (PL), o candidato usa o termo “datapovo” como suposta prova de que estaria liderando as intenções de voto.

Após a leitura do parecer da agência Aos Fatos, o que você pode concluir em relação a esse caso?

Chama-se **imprecisão** a estratégia utilizada na construção de uma desinformação composta por conteúdo real sem seu contexto original e com a omissão de detalhes que levam o leitor ao engano. Vamos analisar outro exemplo.

Veja a imagem a seguir.



Descreva a imagem acima e o que você entendeu de sua mensagem.

O que você acha que a fotografia que está à esquerda representa?

Assim como o exemplo anterior, a fotografia foi utilizada sem o contexto verdadeiro com o intuito de passar desinformação e prejudicar a reputação da pessoa que aparece na foto.

Vamos ler trecho do parecer feito pela agência de checagem Aos Fatos:

Posts nas redes enganam ao difundir um compilado de vídeos que mostram Boulos em evento com líderes brasileiros que apoiam a causa palestina. As publicações enganosas tentam fazer crer que o candidato do PSOL selou aliança com integrantes do grupo Hamas, o que não procede.

Inicialmente, o compilado mostra o momento em que Boulos abraça o presidente do Fórum Latino Palestino, o brasileiro de ascendência libanesa Mohamad El-Kadri, durante evento promovido pela comunidade na última sexta-feira (18), em uma mesquita de São Paulo. El-Kadri afirmou em entrevista à Lupa que no Brasil “não tem nem Hamas nem pessoas ligadas ao Hamas”.

Na sequência, as postagens exibem imagens de Boulos usando um lenço preto e branco durante o evento. Trata-se de um adereço tradicional da tradicional árabe, denominado keffiyeh (ou hatta) palestino, sem ligação histórica com os grupos terroristas.

O compilado mostra também um outro momento do evento, em que o candidato do PSOL cumprimenta o brasileiro de ascendência palestina Ualid Rabah, presidente da Fepal (Federação Árabe Palestina do Brasil).

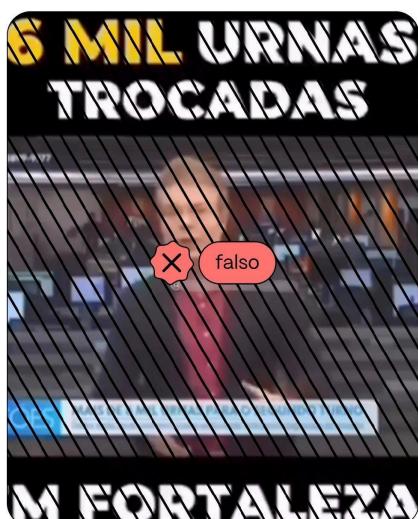
Boulos é neto de libanês e condenou em diversas ocasiões os ataques terroristas de 7 de outubro de 2023, realizados pelo Hamas em Israel. Já afirmou também que o Hamas não representa o povo palestino e classificou o governo israelense de Benjamin Netanyahu como sendo de extrema-direita.

Durante o evento realizado em São Paulo na última sexta-feira (18), Boulos criticou a guerra em Gaza e disse que é necessário humanidade para se sensibilizar com o que está acontecendo com o povo da Palestina e do Líbano.

Após a leitura do parecer da agência Aos Fatos, o que você pode concluir em relação a esse caso?

Além de fotografias, vídeos também são muito utilizados sem contexto e de forma imprecisa para levar as pessoas ao erro. Vamos analisar mais um exemplo.

Veja a imagem a seguir.



Descreva a imagem acima e o que você entendeu de sua mensagem.

A imagem traz uma reportagem real veiculada pela TV Verdes Mares. Apesar de o vídeo ser real, o contexto verdadeiro é omitido para, novamente, passar desinformação e colocar dúvida na população em relação ao sistema eleitoral. Vamos assistir agora à íntegra da reportagem.

Vamos ler trecho do parecer feito pela agência de checagem Aos Fatos:

Publicações nas redes têm tirado de contexto uma reportagem sobre o processo de preparação das urnas que seriam distribuídas para Fortaleza e Caucaia (CE) para sugerir que haveria fraude no segundo turno das eleições municipais. Diferentemente do que alegam os posts, não foi necessário substituir 6.000 equipamentos.

Na reportagem, veiculada em 17 de outubro na TV Verdes Mares, afiliada da Globo no Ceará, o secretário de eleições do TRE-CE (Tribunal Regional Eleitoral do Ceará), Caio Guimarães, explica o processo de carga das urnas eletrônicas — inserção de dados necessários para garantir o funcionamento das máquinas no dia da votação.

De acordo com Guimarães, as cerca de 6.000 urnas que estavam na sede do órgão eleitoral passariam pelo processo de inserção de informações dos candidatos e por novos testes de integridade para garantir a lisura do pleito. Em nenhum momento da reportagem é mencionado que esses equipamentos seriam substituídos.

O secretário afirmou ainda em entrevista que há um contingente de 10% de urnas reservas, disponíveis para substituir máquinas que apresentem algum tipo de defeito durante a votação. Casos como esse são comuns e não representam indicativo de fraude.

Após ler o parecer da agência Aos Fatos e assistir à reportagem, o que você pode concluir em relação a esse caso?

Como vimos, muitos conteúdos reais são compartilhados sem o contexto verdadeiro e associados a outra situação com intuito de enganar as pessoas. Por outro lado, em alguns casos, o conteúdo em si é alterado para se adequar ao objetivo de enganar as pessoas. Vamos ver outro exemplo.

Análise a imagem a seguir.



O que imagem quer que você acredite?

A entrevista foi editada e divulgada de forma a prejudicar Boulos. Vamos assistir a entrevista original.

Vamos ler trecho do parecer feito pela agência de checagem Aos Fatos:

Publicações nas redes têm compartilhado um vídeo editado para sugerir que Guilherme Boulos, após a cadeirada de José Luiz Datena contra Pablo Marçal no debate da TV Cultura, teria culpado o culpado o ex-coach pela agressão.

As peças enganosas omitem trechos da entrevista original na qual Boulos condena a cadeirada e afirma que, apesar da postura de Marçal para tumultuar, nada justifica o uso de violência.

Questionado sobre a avaliação que teve do debate, o candidato do PSOL à prefeitura de São Paulo afirmou em entrevista:

“O debate vai ficar marcado pela cena lamentável que a gente viu de violência, de agressão. É preciso dizer que o Datena foi provocado o debate inteiro pelo Pablo Marçal, que veio para tumultuar. Não que isso justifique nenhum tipo de violência e de agressão, acabou perdendo o controle. Agora, o Marçal não era desse debate. No outro debate me provocou, atacava, ofendia, mentia, atacava a honra. Fez isso com o Datena o debate inteiro. Eu vi. Estava do lado e pude presenciar. Agora, o Datena acabou se descontrolando e teve isso.”

Boulos também publicou em suas redes sociais um vídeo no qual condena a agressão feita por Datena, mas reforça que o adversário tucano foi provocado por atitudes de Marçal, que segundo ele está “promovendo baixarias em todos os debates”.

Após ler o parecer da agência Aos Fatos e assistir a entrevista, o que você pode concluir em relação a esse caso?

Quando um conteúdo real é alterado, seja por meio de cortes ou a inserção de elementos, para mudar seu sentido e passar desinformação, é utilizada a estratégia chamada **adulteração**. Ela é muito utilizada, por isso, deve-se ter muita atenção nos conteúdos compartilhados na Internet. Inclusive, é cada vez mais comum que surjam adulterações feitas por Inteligência Artificial. Vamos conhecer um exemplo.



O que imagem quer que você acredite?

O vídeo original foi adulterado e divulgado de forma a prejudicar o jogador. Vamos assistir a entrevista original.

Vamos ler trecho do parecer feito pela agência de checagem Aos Fatos:

A entrevista em que o atacante Vini Jr. supostamente diz que “roubaram na cara dura” o resultado da Bola de Ouro 2024 foi manipulada por meio de inteligência artificial. No vídeo enganoso, o atleta profere ofensas contra a Fifa e o meio-campista Rodri, vencedor do prêmio deste ano.

Por meio de busca reversa, Aos Fatos encontrou a gravação original usada como base para criação da deepfake — tecnologia que tem como objetivo substituir rostos em vídeos.

Na entrevista original, em 5 de maio de 2021, o jogador comentou seu desempenho pelo Real Madrid na derrota por 2 a 0 para o Chelsea, da Inglaterra, na Liga dos Campeões da Uefa, principal competição de clubes europeia.

Comparando as cenas dos vídeos, é possível verificar que o local da gravação e o casaco trajado por Vini Jr. são idênticos. O atleta também faz gestos similares nos dois registros.



Entrevista ocorrida em maio de 2021 foi usada como base para criação de deepfake (Reprodução/Youtube)

Em busca na imprensa e nas redes, Aos Fatos não identificou registros de que o jogador tenha dado declaração similar à que aparece no vídeo enganoso. É fato, porém, que ele criticou o resultado da premiação. “Eu farei 10x se for preciso. Eles não estão preparados”, escreveu em seu perfil no X no dia da cerimônia da Bola de Ouro em Paris.

A equipe do atacante brasileiro confirmou à imprensa que ele estava se referindo à luta antirracista e que “o mundo do futebol não está preparado para aceitar um jogador que luta contra o sistema”. O atleta, que é uma das vozes mais ativas contra o racismo no futebol, foi alvo recorrente de insultos que levaram a pelo menos duas condenações em casos pioneiros na Espanha.

O Real Madrid, que recebeu o prêmio de clube do ano e teve cinco jogadores eleitos entre os dez melhores da temporada, também anunciou um boicote à cerimônia da Bola de Ouro após ser informado que Vini Jr. não receberia o prêmio.

Após ler o parecer da agência Aos Fatos e assistir a entrevista, o que você pode concluir em relação a esse caso?

Referências Bibliográficas

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 136f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. Campinas, SP: Pontes editores, 2022.

RÊGO, Ana Regina; PAULINO, Fernando Oliveira. **Ciências da Comunicação contra a Desinformação**. In: Comunicação e ciência: reflexões sobre a desinformação. [recurso eletrônico] / Nair Prata, Sônia Jaconi, Rodrigo Gabriotti, Genio Nascimento, Hendryo André e Sílvio Simão de Matos (orgs). São Paulo: INTERCOM, 2022, 471 p.:il.

WARDLE, C & DERAKSHAN, H. **Information Disorder: An interdisciplinary Framework for Research and Policy for the Council of Europe**. 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-aninterdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 11 jun. 2023.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Idade

- 14
- 15
- 16
- 17

Você acessa a Internet por meio de quais dispositivos?

- Computador/Notebook
- Celular
- Tablet
- Outro

Que tipo de Internet você tem acesso?

- Banda Larga
- Dados Móveis
- Satélite
- Outro

Em quais locais você tem acesso à Internet?

- Escola
- Casa de residência
- Casa de vizinhos ou parentes
- Local público
- Outro

Com qual frequência você acessa a Internet?

- Diariamente
- Semanalmente
- Quinzenalmente
- Mensalmente
- Anualmente

Quando você precisa de alguma informação, onde você procura?

- Youtube
- Google
- TikTok
- Enciclopédia
- ChatGPT
- Outro

Qual o principal meio pelo qual você tem acesso a notícias?

- Portais de notícias
- Redes Sociais
- Televisão
- Rádio
- Outro

Você verifica as informações que chegam a você pelas redes sociais?

- Sempre
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

Você verifica se uma informação é verdadeira antes de compartilhar com outras pessoas?

- Sempre
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

Você já compartilhou uma informação sem saber se era verdadeira e depois descobriu que era falsa?

- Sim
- Não

Como você faz para saber se uma informação é verdadeira ou falsa?

Você acredita em tudo que é compartilhado na Internet?

- Sim
- Não

Você já foi vítima de alguma notícia falsa?

- Sim
- Não

Você compartilha todos os detalhes da sua vida nas redes sociais?

- Sim, mostro tudo e não escondo nada.
- Sim, mas meu perfil é fechado e apenas meus amigos veem.
- Não tudo, mas mostro algumas coisas.
- Não, sou low profile.

Você já se sentiu vigiado, como se alguém tivesse acesso às suas conversas e atividades realizadas pelo celular?

- Sim
- Não

ANEXO A - PARECER CONSUSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ PROPESQ - UFC



PARECER CONSUSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Combate à desinformação nas aulas de Língua Portuguesa: estratégias textuais para manipulação em textos digitais nativos

Pesquisador: ALINE DE SOUSA MOURA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 84211624.5.0000.5054

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.343.752

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras. Pesquisar como desenvolver o letramento midiático e informacional para o combate à desinformação no ambiente escolar é importante porque se trata de uma problemática muito recorrente, tendo sérias consequências para a democracia brasileira e para a vida em sociedade. Como componente essencial desse letramento midiático e informacional, tem-se a leitura e compreensão textual. Dentro desse processo de letramento, deve-se levar os alunos a compreender o fenômeno da desinformação e, dentro desse fenômeno, as tentativas de manipulação da verdade por meio de estratégias textuais. Por isso, esta pesquisa se propõe a aplicar uma intervenção pedagógica com uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental para ensiná-los a perceber como o discurso manipulatório mobiliza as intertextualidades em textos digitais nativos para promover a desinformação. Em suma, como a manipulação da verdade ocorre através da linguagem. A pesquisa será desenvolvida com alunos do 9º ano do turno da manhã, que frequentam as aulas e estão regularmente matriculados no ano de 2024, na Escola Estadual Anísio Teixeira, da rede pública estadual de ensino, localizada no bairro Panamericano, em Fortaleza-CE. Os alunos participantes da pesquisa irão desenvolver as atividades propostas em uma intervenção pedagógica a ser realizada em 18 horas-aula. A intervenção será aplicada no segundo semestre letivo de 2024. Os níveis de alfabetização midiática e informacional dos estudantes participantes da pesquisa serão avaliados através das

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

CEP: 60.430-275

E-mail: comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 7.343.752

respostas advindas de atividades durante a execução da intervenção pedagógica, que usará textos analisados pela agência de checagem Aos Fatos e disponibilizados no site oficial da agência. Essa intervenção terá o objetivo de ensinar identificar as estratégias textuais por meio de oficinas com aulas expositivas e atividades de leitura e compreensão textual. As oficinas serão divididas da seguinte forma: Uma oficina introdutória sobre Direito à Comunicação, Regulamentação da Internet e Desinformação com 2 horas/aula; Uma oficina sobre desordem informacional e os tipos de desinformação com 2 horas/aula; Uma oficina sobre o papel das agências de checagem de fatos com 2 horas/aula; Uma oficina sobre Intertextualidade com 6 horas/aula; Uma oficina sobre as categorias textuais propostas por esta pesquisa a partir da leitura de material composto por textos analisados pela agência de checagem Aos Fatos com 6 horas/aulas. Durante o desenvolvimento da intervenção pedagógica, serão utilizadas cópias de textos e das atividades propostas a serem distribuídas individualmente ou em duplas. Também será feito o uso de quadro branco, pincel e apagador, além de computador, projetor e caixa de som disponíveis na escola, de acordo com o planejamento de cada encontro. Inicialmente, no primeiro encontro com a turma, será apresentada a proposta de trabalho com a intervenção pedagógica, incluída no planejamento da disciplina de Língua Portuguesa no ano letivo de 2024. Nas etapas seguintes, serão analisadas as atividades produzidas por cada aluno, levantando as principais dificuldades apresentadas. No desenvolvimento da intervenção pedagógica, serão realizadas atividades diversas, tais como: leitura compartilhada, com a finalidade de incentivar o aluno à leitura e de exercitar estratégias para desenvolvê-la; debates sobre os temas cruciais para pesquisa, como Direito à Comunicação, Desinformação, Jornalismo e Checagem de Fatos, gerando reflexões importantes para o desenvolvimento da cidadania; exercícios de interpretação de textos digitais nativos que viralizaram nas mídias sociais ao promover desinformação; análise das estratégias textuais de manipulação percebidas pelos estudantes; atividades práticas de checagem de informação no laboratório de informática da escola.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: Elaborar uma proposta pedagógica para capacitar os alunos do 9º ano a analisar criticamente as estratégias textuais utilizadas em textos digitais nativos que promovem desinformação.

Objetivos específicos: Investigar como as intertextualidades são mobilizadas para desinformar o interlocutor em textos digitais nativos; Discutir concepções de manipulação e desinformação,

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 7.343.752

a partir de Charaudeau (2022), Wardle e Derakhshan (2017) e Rêgo e Paulino (2022); Avaliar o desempenho de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental diante de intervenção pedagógica para identificar estratégias textuais de manipulação presentes em textos que promovem desinformação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: O tipo de procedimento apresenta risco mínimo que será reduzido pela garantia do sigilo e da privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa.

Benefícios: Os participantes serão preparados para ler de forma crítica textos digitais nativos, podendo assim perceber estratégias textuais de manipulação da verdade presente nesses textos, o que vai garantir um desenvolvimento do seu pensamento crítico e poderá evitar que os participam sejam vítimas de desinformação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta tema relevante. Objeto de estudo está adequadamente fundamentado em revisão bibliográfica atual. Os objetivos estão apresentados e são claros e factíveis. O método está adequadamente detalhado, fundamentado nos princípios da ética em pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios foram apresentados e estão de acordo com os preceitos das normativas da ética em pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto não apresenta pendências éticas ou documentais.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJECTO_2425032.pdf	12/12/2024 10:59:01		Aceito
Outros	TALE_2.pdf	12/12/2024 10:58:04	ALINE DE SOUSA MOURA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2.pdf	12/12/2024 10:57:21	ALINE DE SOUSA MOURA	Aceito

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE **Município:** FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ PROPESQ - UFC



Continuação do Parecer: 7.343.752

Outros	TALE.pdf	23/09/2024 13:20:33	ALINE DE SOUSA MOURA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	23/09/2024 13:19:36	ALINE DE SOUSA MOURA	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	carta_assinado_final.pdf	23/09/2024 12:07:50	ALINE DE SOUSA MOURA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_assinado_final.pdf	23/09/2024 12:04:19	ALINE DE SOUSA MOURA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_AlinedeSousaMoura.pdf	20/09/2024 19:03:50	ALINE DE SOUSA MOURA	Aceito
Declaração de concordância	termo_compromisso_usodedados_assinado.pdf	20/09/2024 19:00:46	ALINE DE SOUSA MOURA	Aceito
Orçamento	declaracao_orcamento_assinada.pdf	20/09/2024 18:55:42	ALINE DE SOUSA MOURA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacao_local_assinada.pdf	20/09/2024 18:53:20	ALINE DE SOUSA MOURA	Aceito
Cronograma	Cronograma_assinado.pdf	20/09/2024 18:49:35	ALINE DE SOUSA MOURA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 24 de Janeiro de 2025

Assinado por:

FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000
Bairro: Rodolfo Teófilo CEP: 60.430-275
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 E-mail: comepe@ufc.br

Página 04 de 04